COELHO NETTO

A CIDADE MARAVILHOSA

EDITORA-PROPRIETARIA
COMP. MELHORAMENTOS DE S. PAULO
(WEISZFLOG IRMÃOS INCORPORADA)
SÃO PAULO — CAYEIRAS — RIO

COELHO NETTO

A CIDADE MARAVILHOSA

EDITORA-PROPRIETARIA
COMPANHIA MELHORAMENTOS DE S. PAULO
(Weiszflog Irmãos Incorporada)
S. PAULO - CAYEIRAS - RIO

A

Fernando Azevedo

A CIDADE MARAVILHOSA

I

Terminada a aula, no reboliço gárrulo da pequenada — uns, procurando atabalhoadamente os tamancos, pretexto para empurrões e cotovelladas; outros batendo nos joelhos os velhos chapeus empoeirados, ou embrulhando, a trôche-môche, os livros e a ardosia e já combinando, aos cochichos, travessuras lá fóra, Adriana deixou a mesa para fiscalisar a sahida, como sempre fazia, com uma palavra meiga, um conselho, uma recommendação a cada um:

— Direitinhos, hein?! Barnabé, seu pimpão, nada de inticar com os bois por ahi. Olha seu Manoel Antonio, que está de cama até hoje da chifrada daquelle zebú. Crissiuma, se eu souber que você anda a matar passarinhos com atiradeira, conto a seu pai. Seu Bernardino não te perdôa a vidraça que lhe quebraste com uma das taes pelotas. Tu, emquanto não apanhares por ahi uma tunda, não endireitas mesmo... E, em tom manso, pausado: Camillo fica ainda um bocado fazendo-me companhia. Temos uma conversinha.

O nomeado era um caboclinho casmurro, feio, entroncado, typo de gnomo, quasi sem pescoço, com uma enorme cabeça atarracada aos hombros quadrados, abanando orelhas acabanadas, que nem azas. A cara larga, ossuda, de boca rasgada, com um nariz chato, esparrimado, olhos obliquos, tinha uma expressão de ferocidade cynica. Rixento e mau, se, na aula, vibrava um grito, já se sabia — era alguma maldade do caboclinho: beliscão á sorrelfa ou espetadella de penna. Aos que o denunciavam esperava nas voltas dos caminhos, cahia-lhes, de surpresa, em cima esmurrando-os, rolando-os na lama; a um mesmo ferira com uma canivetada, ameaçando-o de morte se désse parte á professora.

Adriana retinha-o sempre á sahida para dar tempo aos outros de distanciarem-se. E afagando a este, passando a mão pela cabeça daquelle, uma palmadinha á face de outro, corrigindo-lhes as roupas, sempre mal amanhadas, acompanhava-os á porta, sahia á estrada para os ver partir, acenando-lhes adeuses até os perder de vista. Então, dirigindo-se ao caboclinho, sempre sorumbatico, amuado, amimava-o, aconselhando-o:

— Agora vai. Mas olha lá: juizinho nessa cabeça grande! Nada de maldades. Gente má não se salva: vai direitinho para o inferno, assim: e com o indicador apontado ao chão fazia menção de fincar. Vai. O valentão sahia de cabeça baixa e ia rastejando o caminho com os pés chatos, levantando poeira ou chutando pedras. Volta e meia, porém, voltava-se para ver Adriana. Ella lá estava, a segui-lo com o olhar e ameaçava-o com o dedo, recommendando ainda:

— Direitinho, hein! Mal, porém, dobrava a esquina «aquillo era que nem um veado por ali fóra», como dizia o boticario, e sempre estrepolias: pedradas aqui, nome feio adiante. Os proprios cães ros-

navam quando o viam, embarafustando pelos mattos de onde se punham a ladrar.

«Esse!... Esse mesmo não acaba bem!» murmuravam todos no povoado.

Adriana estimava os seus garotos, o mais velho dos quaes teria quatorze annos: pépé, andando aos saltinhos, arrimado á muleta. Um apenas fazia excepção — taludo, já de buço, grave, com ares de homem. Pouco assiduo na escola, não por vadio, porque até, coitado! era o mais attento ás lições, com vivo desejo de aprender, mas porque trabalhava. «Volta e meia tinha de ir a Barretos, a recados do pai, quando o não mandavam longe, com outros, para trazer boiadas», dizia elle com acanhamento para justificar as faltas.

Os pequenos adoravam Adriana, cumulavam-na de presentes — flores, frutas, doces, ovos frescos. E ella tinha sempre chromos, santinhos, quinquilharias de mascates para corresponder a taes gentilezas.

Apezar de amizades tão meigas e do carinho com que todos a tratavam na povoação, vivia tristemente, muito retrahida. Se a convidavam para festas escusava-se com pretextos delicados. Uma vez, apenas, por occasião da visita de uns estrangeiros á Cachoeira do Maribondo, fôra na comitiva para aproveitar o ensejo de ver tão falada maravilha.

A escola era uma velha casa, de paredes de sopapo, com mais buracos do que um crivo. Quando chovia as goteiras eram o pagode da garotada. Para não viver só naquella especie de rancho que, nos dias de vento, oscillava rangendo, em ameaça de desmantello, Adriana tomara um quarto e pensão em casa de um casal vizinho.

Finda a aula uma cabrocha fazia a limpeza da sala, arranjava os bancos, fechava a casa e lá ia a professora para o seu quartinho pobre, de paredes ca-

leadas, mobilado com uma cama, um lavatorio e uma estante de ferro, commoda, mesinha de estudo e a mala de roupa.

Ali passava o tempo lendo, bordando. Uma vez por outra ia a passeio ao sitiosinho de uns italianos, cuja filha, Sandra, robusta e alegre morena, era a unica e verdadeira amiga que ali tinha.

A gente do lugar lastimava-a: «Tão bonita moça e tão instruida, falando que nem um doutor, diziam recordando-se de um discurso que ella pronunciara, quando da visita do inspector escolar, e mettida naquelle fundão».

A povoação era triste — uma rua unica, de casas esparsas. E todos os dias a mesma vida — bandos de enormes zebús pachorrentos levantando a poeira da estrada. Raro em raro um cavalleiro indo ou vindo de Barretos. Não se animava a sahir, e para que? Que havia ali que a pudesse distrahir? Na venda, durante o dia, eram caipiras lerdos e tropeiros remancheando, bebericando; á noite, jogatina, violas e sanfonas. E, cedo, desappareciam as luzes, cessava de todo o movimento; de ruidos só o monotono coaxar dos sapos, o trillar dos grillos; de longe em longe um mugido, o uivo ou latir de um cão ou uma voz guaiando cantiga sertaneja.

Quantos sonhos desfeitos! E para aquillo estudara tanto, sempre mettida em casa quando as outras se divertiam em bailes e espectaculos. Ali estava e ali ficaria, por falta de quem por ella se interessasse. E passavam-lhe pela mente certas figuras: rapazes com quem conversara. De um até, filho de fazendeiro, recebera versos, lindos versos, cheios della. Quanta esperança morta!

Diplomada pela Escola Normal de S. Carlos, sua terra, fizera um curso brilhante, pensando em obter collocação logo que se formasse, tendo até promessa

de um lugar de adjunta em uma das escolas do Municipio, foi um desapontamento para todos quando correu a noticia da sua nomeação para tão longe.

Os pais, italianos, viviam de um pequeno armazem. O homem, um brutamontes, sempre arremangado, tresandando a sarro e alcool, de cachimbo á boca fumegando nas barbas asperas, nunca tomara a bem aquillo de estudos: «Luxos! Que aprendesse a ler e a escrever e se empregasse». A mulher, porém, contrariava-o docemente, repetindo-lhe os elogios que faziam á filha, até nos jornaes. Mas todos os annos, com as despezas de uniformes e livros, reaccendia-se o furor do homem e eram protestos e exprobrações: «Que estava velho, cançado e aquillo de Escola era para gente rica. O que ella devia era pensar na vida a serio, empregar-se como outras, que já ajudavam os pais».

Apezar das rusgas e rebentinas, sempre com a defesa materna, Adriana conseguiu completar o curso, sendo unanimemente eleita oradora da turma. No mesmo dia, porém, em que sahiu da Escola laureada e abraçada por todos os professores e condiscipulas, como o pai, que não fôra á festa por causa do armazem e porque não era homem de barafundas, lhe perguntasse pela nomeação, e ella lhe respondesse «que dependia ainda do governo», elle explodiu com um murro no balcão:

— Ah! depende do governo?! Então espera por ella. Has de te-la quando eu fôr papa. E, remordendo o cachimbo, com as barbas fumegantes, embezerrou sombrio. E foi para isto que, durante annos, andei a gastar o que tinha e o que não tinha, encalacrando-me até os olhos. Depende do governo... Então para que diabo estudou você?

Desde esse dia não teve Adriana um só minuto de paz. Linda, que era, as picardias, as insinuações,

olhares de travez, risinhos entre dentes foram-na consumindo. Esbateram-se-lhe em pallidez as cores vivas do rosto, o brilho dos grandes olhos verdes apagaram-no as lagrimas, a boca, pequenina e fresca, tão graciosa quando sorria, contrahiu-se em commissuras dolorosas. Tornou-se outra em tudo, emmagrecendo a olhos vistos.

Para evitar os dichotes do pai, ora enfurecido, ora zombeteiro, segundo a monção alcoolica, encerrava-se no quarto a costurar ou a ler. A propria mãi, sobre quem recahia o azedume do homem, cada vez mais amiudado ao copo, começava a retrahir-se, reconhecendo-lhe razão.

As horas de comida eram as de maior soffrimento e vexame para Adriana. Calada, de olhos baixos, recebia os pratos como por esmola, sempre a ouvir allusões: «Isto não é mesa para sabichonas... mas é o que ha.» Um dia, porém, por um par de sapatos que pedira, por estarem cambados e rotos os que trazia, desabou a tempestade e uma phrase dura e vil foi como um raio que a feriu:

«Sapatos, sapatos... Arranje-os! Vá buscá-los á Escola ou onde quizer. Quem sabe se eu hei de estar aqui a matar-me para sustentar vadias?! Arranje-se. Fruta madura não falta quem queira». A insinuação brutal attingiu-lhe o pudor. Lagrimas subiram-lhe aos olhos, mas não chegaram a cahir, sumindo-se como gotas d'agua em placa esbrasida.

Nesse dia resolveu tomar rumo, arranjar qualquer coisa, fosse o que fosse e, enchendo-se de coragem, procurou uma das suas ex-collegas, filha de um deputado, expoz-lhe a sua situação, pedindo-lhe intercedesse por ella ao pai. Quinze dias depois apparecia a nomeação para a escola de Icen, em Barretos, quasi sertão.

II

Os dias succediam-se em monotonia banzeira. De manhan, antes mesmo de levantar a vidraça de guilhotina do seu quarto, como que via antecipadamente, tanto os tinha nos olhos, o ceu muito azul, o campo raso, de hervagem fina, tremulando ao vento, dando impressão de correr como as aguas de um rio, as arvores mirradas que lhe ficavam em frente. Ainda com o sol sempre se distrahia: — eram passaros aos revôos, crianças em correrias, tropeiros, boiadas. Mas no tempo das aguas, semanas a fio de chuva, enlameando os caminhos, onde os carros rinchavam atoladamente, cavando sulcos molles, e as patas morosas dos bois espapavam-se, isso era de morrer. As arvores vergavam-se gotejando, como se chorassem; as boiadas passavam em silencio, vagarosamente, as vozes soavam abafadas, e a impressão era de derrota, aggravada pela melancolia do vôo dos urubús e pelos enxames enfesantes de moscas que invadiam as casas buscando abrigo.

E ali ficava ella prisioneira naquelle quarto, ouvindo a voz esganiçada da mulher repetindo sempre a mesma cantiga e os passos lerdos do homem no corredor. Nada que lhe recordasse a vida — uma terra chan, lhanura de areal até o horizonte, gente rude, mazomba e a pasmaceira de tapéra, tudo á natureza: matto bravio, bois soltos, porcos fossando lameiros, gallinhas cacarejando pelos caminhos.

Nem jornaes, ao menos. De tempos a tempos uma carta em gatafunhos — letras saudosas com que a mãi lhe pedia noticias e dizia-lhe da vida amargurada que levava com o pai cada vez mais rabugento e grosseiro, acarrando-se em muafas que o atiravam

de borco, a roncar, obrigando-a a ir para o balcão, numa trabalheira que a arrasava.

Das collegas, nem uma linha. Jazia ali esquecida, como morta e ali ficaria embrutecendo-se, invadida pela selvageria da natureza, na ignorancia lorpa d'aquella gente, adquirindo-lhe os habitos, as superstições, até os dizeres e a propria inflexão das vozes, acaipirando-se no falar, nas maneiras, em tudo. E lembrava-se das ruinas de uma igreja que vira afogada em matto, com arvores enormes dentro da nave, rompendo o telhado com as frondes, e os altares esboroados, o pulpito apenas assignalado pelo baldaquino e uma aresta do piso, lages deslocadas e, aqui, ali restos de esculpturas e entalhes, escassilhos de azulejos, vestigios truncados do tempo em que ali houvera culto, se dissera missa e resoaram canticos devotos.

Depois das aulas, trancando-se no quarto, refugiava-se nos livros, a ler, a ver estampas, scenas antigas da historia ou vistas de grandes cidades com edificios enormes, multidões nas ruas, festas, jogos, recreios em praias tortulhadas de barracas. Deitava-se cedo, sem somno, a pensar em tanta coisa, em todas as suas esperanças perdidas e, lá fóra, o silencio pesado do deserto, a tristeza do grande ermo com os ruidos mysteriosos. De quando em quando uma voz longinqua, soturna resoava em lamento — eram os bois errantes, os grandes zebús selvagens que dormiam soltos nos campos, ou ruminavam melancolicamente deitados nas macegas mornas.

Uma manhan, ao levar-lhe o café com leite ao quarto, como de costume, a dona da casa perguntou-lhe se conhecia um moço alto, moreno, de cabellos muito pretos, que andava a pintar por ali, de fazenda em fazenda?

— Não. Não conhecia. Por que?

— Elle falou na senhora. Conheceu-a naquelle passeio á Cachoeira do Maribondo. Vai agora pintar a derrubada lá de baixo. Vem ficar aqui uns dias, no quarto lá de fóra. A senhora não se importa, não é?

— Eu? Eu, não. Por que? De onde é elle?

— Do Rio. De vez em quando apparece, mette-se por esses mattos, pintando, e vai-se embora. Bonito moço! Engraçado como elle só. Toca violão e canta que dá gosto.

Tal noticia alvoroçou o coração da professora adormecido naquelle ermo e, desde logo, ainda deitada, poz-se a imaginar o pintor, criando-lhe o typo segundo retratos de artistas de cinemas que tinha em velhas revistas, já attrahida por elle, desejando-o como se o esperasse na sua tristeza. Levantou-se estouvadamente, com alegria, tratando de arranjar-se com mais alinho e arrebiques, mirando-se, remirando-se ao espelho, compondo o rosto, polindo as unhas. Sentia, de quando em quando, éstos, bafagem de calor nas faces, o peito enchia-se-lhe em respiração mais larga. Nunca um dia lhe parecera tão lindo como aquelle.

Na aula, preoccupada, sorria á tôa e os pequenos como se lhe sentissem a distracção riam, chalravam, inticavam uns com outros, forçando-a a chama-los á ordem.

Despachando os alumnos deixou-se ficar na escola com a cabrocha a ver uma coisa e outra, mas o que, em verdade, a retinha, era o vexame de encontrar-se com aquelle estranho, ter de falar-lhe.

Era Agosto, mez das queimadas. O ar cálido, fumarento, abafado dava sensação de febre. O vento que soprava, morno, trazia um cheiro acre de rescaldo e fonas que esvoaçavam. Rolos negros de fumo subiam ao ceu cor de chumbo, accumulando-se como

em nuvens de tempestade, e o sol amarello, coalhado, sem brilho, parecia uma brasa, a morrer.

Começava a declinar o dia com o melancolico gemer das rolas, quando ella se decidiu a fechar a escola e recolher-se á casa. Logo ao entrar deu de frente com o hospede.

Era um rapagão alto, espadaudo, typo de athleta. Estava em mangas de camisa, botas de couro cru. Debruçado sobre uma caixa, que arranjava, com os cabellos em anneis á fronte, cantarolava baixinho. Sentindo-a voltou-se e, ao vê-la, sorriu com lindos dentes á flor dos labios, desculpando-se do trajo de trabalho. «Estava como chegara do campo». Estendeu-lhe a mão com intimidade, lembrando-lhe o passeio á Cachoeira. Adriana observava-o procurando recordar-se e, de mãos presas, olhavam-se encaradamente.

— Então não se lembra? Estivemos juntos á beira do Fervedouro. Creio até que possúo uma photographia em que nos achamos: eu, a senhora e um senhor, que não sei quem é.

— Ah! sim...

— Pois então?

D'ahi entraram por lembranças d'aquelle dia alegre, cheio de peripecias: a desfilada em automoveis pelos campos seccos, esturricados do sol; o almoço opiparo na fazenda de um criador de gado indiano, com os grandes zebús rondando a casa; a chegada tumultuaria á margem do rio largo; a travessia em canôas; a caminhada estafante, difficil, trambecando no mattagal que o fogo arrasara, alastrando de cinzas o solo pardacento e fôfo, estrepado de tócos carbonisados, até o lapedo escuro, amontoado de calháos e lascas que rolavam ao piso; por fim, o penedio negro, talhado em alcantis a pique sobre a torrente, que rolava em reboleira férvida acachoada

em vortilhões colericos de espuma, de onde se levantava um nevoeiro iriado.

E as aguas barrentas, estendidas espraiadamente, ora em estirões calmos, alagoados, ora apertados entre rampas graniticas, reboleando-se em corredeiras precipitosas. Penhascos redondos surgiam em meio de remoinhos, semelhando monstros que atravessassem o rio arrebanhados.

Longe, as «Andorinhas», outra cachoeira estirada em socalco, branca como um altar. E o piquenique na gruta; correrias arriscadas nos pedrouços lisos e orvalhados; saltos temerarios do cimo de penhas ao fundo de algares, em pedregulho; e tudo a risos e pilherias, cada qual mais afoito em estroinices.

Um a cantar aqui; outro, além, em ousio fanfarrão ameaçando chegar á ponta extrema de um lagêdo, a cavalleiro do abysmo, bradando para dominar, com vozeiro, o marulho do fervedouro; photographos guindando-se a pincaros, equilibrando a tripeça em chanfras de rochedos para apanhar aspectos inéditos. Em tudo a alegria, com um sol maravilhoso a illuminar incendidamente a paizagem, scintillando nas aguas revolucionarias.

E deixaram-se ficar á mesa recordando episodios do passeio, typos, pontos pittorescos e accidentes comicos.

Os dois velhos da casa, habituados a recolherem-se cedo, remancheavam, lerdos, bocejando e, fosse sinceramente ou astucioso pretexto para pôr termo á conversa, a mulher, que andara a aferrolhar portas e janellas, rompeu na sala exclamando, extasiada:

— Não imaginam o que estão perdendo! O luar parece dia. O pintor poz-se de pé, dizendo:

— E' uma das coisas que eu mais aprecio na roça, o luar. Na cidade, com a illuminação, ninguem dá por

elle. Na roça, não. Na roça o luar apparece em todo o seu esplendor: é a noite de Deus, simples e pura, sem artificio. Lá, tudo são enfeites, joias falsas, collares de luzes, broches de lampadarios. Pechisbeques.

— O senhor gosta mais da roça do que da cidade...?

— Conforme... O olhar com que elle a envolveu perturbou-a. Afoguearam-se-lhe as faces e uma sensação languida, como deslise macio de uma pluma ao longo da espinha, fê-la vibrar estremecidamente. Levantou-se atarantada, como a fugir, dizendo: «Vou ver...» Chegando á porta suffocada, sem folego, exclamou commovida:

— Que bonito!

— O luar? perguntou o pintor com interesse.

— Não. A queimada.

— Oh! Preciso ver isso. Abalou pelo corredor e, á porta, onde se postara Adriana, impou o busto altivo, volteando a cabeça para abarcar todo o horizonte em chammas, murmurando em arroubo:

— Bello espectaculo! Realmente! E vá um homem pintar uma scena destas. Cahem-lhe logo em cima os criticos — que é fantasia, absurdo.

O horizonte ardia. Um cairel de fogo barrava a extrema da planicie, acima da qual, com a refulgencia do incendio, o ceu dourava-se em clarões de alvorada. As labaredas affectavam fórmas as mais bizarras — zimborios, minaretes, obeliscos. O aspecto era o de uma cidade fantastica, toda de ouro, obra mirifica de genios ou de fadas, cheia de templos e palacios sumptuosos. Deslumbrava.

Por vezes uma columna de fumo subia revolvendo-se em espiraes ou um clarão mais fulgido explodia no lumareu. O perfil das arvores mais proximas, esbatendo-se naquelle fundo byzantino, destacava-se em negrume e, por entre as chammas, dir-se-ia

mover-se um grande povo — eram pontos negros que esmaltavam iterativamente o relume.

De repente todas as labaredas baixavam como os capinzaes ao vento e ficava uma orla direita, sem a menor aresta, logo, porém, levantavam-se, espichavam-se de novo em aspas flammejantes e a visão recompunha-se.

O pintor aproximou-se de Adriana sem uma palavra, chegando-se-lhe muito ao perto, corpo a corpo. Sentindo-lhe o contacto ella relançou-lhe um olhar de espanto, sem ousar, todavia, repelli-lo. Elle tomou-lhe o braço, apertou-a a si, buscando-lhe carinhosamente a mão. Ella tremia com medo e feliz de sentir-se assim afagada.

— Vamos para a estrada, intimou baixinho. D'ali vê-se melhor. Que noite! E a lua, hein? Caminharam vagarosamente, de olhos no astro solitario. De repente, voltando-se como a um chamado, o pintor olhou em volta. Ninguem! Então, alludindo ao fogareu longinquo, exclamou:

— Linda cidade!

— Onde? perguntou Adriana. E elle, apontando o horizonte.

— Ali, pois então? Cidade maravilhosa! Cidade do sonho, cidade do amor.

Na solidão em que se achavam, sem viv'alma que a soccorresse, aquella palavra aterrou-a. Era a primeira vez que a ouvia de labios de homem e foi como se um bandido a assaltasse cravando-lhe um punhal no peito. Estacou de golpe, a pé firme, forcejando por arrancar-se do braço que a prendia. Sentindo-lhe a resistencia mais se lhe aferrou o pintor.

A estrada colleiava, branca e deserta, cortando o campo e longe, cada vez mais fúlgura, a queimada flammejava estendendo-se em galão de fogo na linha

do horizonte raso. Docemente, em voz de segredo, o pintor falou-lhe, inclinando-se-lhe ao rosto:

— Mas diga-me: Como é que uma menina linda, intelligente e instruida como a senhora póde conformar-se com isto? Aqui ha segredo, maliciou, sorrindo.

— Segredo? Que segredo póde haver?

— Se não fez voto de penitencia, para ganhar o ceu... tem aqui alguem que a prende pelo coração.

— Eu? Coitada de mim!

— Só o amor consegue abnegações como esta, o amor ou a fé. Caminharam ainda em silencio. Na quietude do campo era perenne o guiseiro dos grillos. Um caboré arrulhou lugubre.

— Vamos voltar! Implorou Adriana. E' muito tarde.

— Tarde! Nem nove horas ainda. E' tarde aqui, neste ermo, cemiterio de vivos. E, de repente: Conhece o Rio?

— Não, senhor. Elle voltou-se e, estendendo o braço para o fogareu, disse com emphase theatral:

— E' aquillo! Um esplendor, não de fogo, a queimar, mas de luzes illuminando a vida. Ali, sim! Ali é que a senhora deve viver. Isto é bruteza crassa, terra bovina. Justamente um zebú atravessava a estrada lento, pesado, meneando a cabeça, com a badana do pescoço em flacido balouço. Olhe! E' isso. E por ahi tudo é o que se vê: bois. Deixou-lhe o braço e, tomando-lhe as mãos ambas, frente á frente: Ouça-me... Sentindo-a tremer, gelada, tranquillisou-a: Não tenha medo. Está diante de um cavalheiro. Ouçame, e a voz parecia ir-se-lhe, aos poucos, extinguindo na garganta. A senhora acredita que eu me tenha abalado do Rio, deixando os meus interesses, para vir a este sertão pintar quadros, que nem sequer podem interessar pela paizagem mesquinha e triste, porque tudo aqui é chato, mortiço, como vê? Acredita?

Ella murmurou d'olhos baixos:

— Não sei...

— Se vim, Adriana, foi para vè-la, abrir-me com a senhora, dizer-lhe o que sinto desde aquelle passeio á Cachoeira. A' medida que falava ia-a attrahindo a si e já os corpos se tocavam, apezar da opposição de Adriana, que relutava para evitá-lo. Venha! implorou, meigo. Venha commigo. Não sou rico, mas a minha arte dá-me bastante para faze-la feliz. Terá o conforto que merece e o ambiente intellectual que o seu espirito reclama. Venha! Será a minha companheira, a minha inspiradora, participante das minhas glorias, minha... Subito, abarcando-a num abraço em que a prendeu violentamente, vergando-lhe o busto, procurou beija-la. Adriana fugia com a cabeça cerrando os labios; elle, porém, em desvairo, brutalisando-a, venceu-a e as bocas collaram-se em um beijo longo, esmagador, sorvido em resmungos de volupia. De repente, porém, num impeto de desespero, repellindo-o, ella escapou-se-lhe das mãos, deitando a correr espavoridamente. Entrou pela casa esbaforida, foi direita ao quarto, mal atinando com a chave. Parecendo-lhe ouvir passos já se dispunha a gritar pelos velhos quando a porta cedeu. Entrou, trancou-se, desafogando-se em um suspiro largo, de allivio.

Então, de pé, enclavinhando as mãos, sentiu o horror de que se salvara, a grande, irreparavel desgraça de que fugira.

Mas, afinal, porque fôra? Como se deixara levar por aquelle homem, conhecido de horas? Que prestigio teria elle para arrastá-la até quasi á deshonra, valendo-se daquellas chammas que ardiam além, dentro da noite clara? Pensou no diabo. Bem podia ser.

O coração enchia-se-lhe de remorsos, sim, remorsos do que fizera, ella, tão recatada, sacrifican-

do-se, como se sacrificava para manter-se pura. Que diriam depois — seu pai, sua mãi, toda a cidade!

Lagrimas subiam-lhe aos olhos com a vergonha do que acontecera, vergonha e odio daquelle beijo que a envenenara, correndo-lhe pelas veias como um fogo vivo. Atirou-se á cama abafando os soluços no travesseiro. Mas no horror da lembrança tragica passava-lhe pela mente aquelle beijo, que persistia numa sensação em que todo o seu ser vibrava; e remordia o travesseiro, ora em revolta, ora em espasmos, oscillando entre odio e amor, num duello em que se encontravam a carne e o espirito.

Passou a noite em claro. Antes de romper o dia, com a lua a adormecer na alvorada, pé ante pé, deixou o quarto, abriu devagarinho a porta da rua, encostou-a de leve e foi-se pelo campo orvalhado, atravez dos mattos, a caminho do sitio dos italianos.

No horizonte, onde ardera a queimada, o ceu estava tisnado de fumo.

III

Ao ladrar dos cães, que investiam furiosamente á cancella do jardim, Sandra, que acabava de ordenhar as vaccas, no tendal, acudiu ao alarma, logo, porém, reconhecendo Adriana, deitou a correr, atirando alegremente os braços.

A proposito do acolhimento hostil com que a canzoada a recebera recriminou-a:

— Estás vendo em que dá a ingratidão? Nem os bichos te conhecem mais, até o «Jagunço», que tu criaste... E' bem feito! E, refugindo, em negaça, ao abraço com que Adriana lhe acenava:

— Não! Não! Olha como estou... Curvou-se, risonha, e, avançando a cabeça, com os braços para traz, beijou-a nas faces. Estranhando-lhe, porém, a visita áquella hora, perguntou, a rir:

— Vieste fugida?

— Não. Vim cedo por causa do sol. Seu Gomes foi hontem a Barretos, no troly e, como não ha outro... Que fazer? Vim por ahi devagarinho, com a fresca.

— E ficas commigo?

— Dois ou tres dias.

— Só!?

— Mais é impossivel. Tenho a escola. Sandra, muito corada, com os cabellos enrodilhados á nuca, os braços nús, as saias arregaçadas até os joelhos, descobrindo-lhe as pernas robustas, de um moreno queimado, levou-a por entre as vaccas e os bezerros, que mamavam a marradas sofregas. Um crioulinho soltava a criação de pennas e era uma barafunda de aves em ansia de liberdade — gallinhas a correrem de azas abertas; gallos a cantarem em trium-

pho; patos muito rebolidos, gansos arrogantes, grasnando, de pescoço espichado, a olharem d'alto, como em vigilancia; perús pantafaçudos, encachiando roda, aos bufos. Pombos voavam com estalos de azas e, ás correrias, latindo aos bois, os cães arrebanhavam o gado para o levar ao pasto. Em volta da casa, toda cercada de trepadeiras floridas, com uma latada de maracujás á frente, era um continuo bezoar de abelhas.

— Não repares, desculpou-se Sandra, correndo um olhar vergonhoso pelo corpo — de manhan é assim. Sou eu que faço tudo aqui fóra. Mamãi, é lá de dentro. Papai, cedinho já está na roça com os camaradas. Eu, é aqui com os bichos. Debruçou-se a um tanque, lavou os braços, enxugando-os ao avental. E então, abraçando Adriana pela cintura, levantou-a no ar com força de homem:

— Sua ingrata d'uma figa! Quasi dois mezes sem vir ver-me.

— Trabalho...

— Trabalho, hein? Pois sim! E, ameaçando-a com o indicador. Ando, ha muito, desconfiada desses teus modos commigo.

— Desconfias de mim, Sandra...?

— De ti, não: de certo sujeitinho de Collina, que anda agora muito por aqui.

— Eu?! Não penso nisso.

— Pois olha — o meu dedo mindinho nunca me enganou. Emfim... Entraram. E Sandra foi logo prevenir a mãi para que fizesse uma macarronada.

Apezar da confiança que lhe merecia Sandra, Adriana não lhe disse toda a verdade, calando, por vexame, a scena brutal da estrada. Falou do pintor, do seu ar atrevido, das suas maneiras estouvadas, das suas phrases, das suas attitudes:

— Um typo sem modos. Aquella gente não o devia ter recebido, não achas? Fala-se de tudo... Um

homem que ninguem sabe quem é, nem de onde vem. Não quero. Elle está lá por dias; emquanto não se fôr has de ter paciencia de aturar-me.

Sandra fez-se séria e concordou:

— Tens razão. Quanto a ficares comnosco bem sabes que só nos dás com isso prazer.

— Demais, preciso descançar um pouco.

A vida era serena naquelle lar simples. A mulher — typo accentuado de romana, forte, com a belleza ainda viçosa, era de uma alegria infantil, sempre a rir, com duas filas de dentes admiraveis, destacando-se, muito alvos, na frescura dos labios vermelhos. A sua preoccupação era a casa, trazia-a muito alinhada, desde a sala até a cozinha, que ella mesma dirigia, tendo apenas uma velha negra para cuidar do fogo. O homem, um gigante, franco e brincalhão, sempre disposto a pilherias, vivia para dois amores — a sua gente e a terra. Falava da sua lavoura com orgulho, e do pomar e do jardim, arvore por arvore, planta por planta.

— Isto, com mais dois annos de trabalho, valerá uma fortuna. Mas não vendo. Era matto quando comprei e hoje...? Diziam-me que não fizesse negocio, porque as formigas não deixariam vingar uma planta, e quanto a café, que eu tirasse tal idéa da cabeça. Pois ahi a tem. Dá-me de um tudo. Estou vendo que, mais dia, menos dia, entra-me pela casa dentro um dos meus homens com uma cesta de moedas colhidas na arvore das patacas, que, se não me engano, cresce ahi por esses mattos. Terra má... mau é o homem, isso sim!

A' noite reuniam-se na varanda, diante do ceu estrellado, sentindo o cheiro das flores e da seiva das arvores. Os vagalumes passeavam centelhas. Na quietude a voz mansa do gado valia por um canto bucolico e, ouvindo-o, docemente espichado em uma ca-

deira de lona, d'olhos semi-cerrados, o homem cantarolava baixinho canções da patria, nas quaes, ás vezes, a mulher e a filha intervinham em coro nostalgico, muito afinado e brando.

Nessa mesma noite, na varanda, ao luar, a proposito do cheiro de coivara trazido pelo vento, Adriana falou da queimada:

— Que belleza! De longe parecia uma cidade de ouro, como as dos contos de fadas.

O homem resmungou apenas, com intenção:

— De longe! E, depois de um silencio. Foi todo o capoeirão do Bricio e muito ainda de campo. Eu vi daqui. E quer saber? Para mim aquillo foi maldade. Bricio anda sempre mettido em questões com meio mundo. A terra é que paga. Não imagina a pena que me faz vê-la assim causticada. E depois como fica. E, de repente: Olhe, eu tenho de ir amanhan para aquellas bandas. Quer vir commigo?

— Quero! aceitou Adriana com alegria e Sandra logo propoz-se:

— Eu tambem!

— Pois está dito. Cá a patrôa fica a cuidar da polenta. E a minha amiguinha verá o que resta da cidade de ouro, a tal cidade maravilhosa que avistou lá de longe.

De manhanzinha, ainda com a neblina, já o troly estacionava junto á cancella e o homem, emquanto esperava as moças, que se apromptavam, poz-se a andar pelo jardim examinando as roseiras, quebrando: aqui, um ramusculo secco; fincando mais fundo, além, um espeque. Quando ellas appareceram, com enormes chaperões de palha contra a soalheira no descampado, o homem subiu á boléa, tomou as redeas, atitou ás bestas, que arrancaram folgadas.

Que frescor nos caminhos do sitio, com o seu arvoredo muito verde, denunciando trato, e o mi-

lho em larga seara loura, e as cannas ondulando mollemente; e, mais longe, escuro, o cafesal novo, arruado a capricho. Aqui, ali, entre o verdor das arvores, uma casa alvejando. Pancadas monotonas martellavam o silencio e no ar fino, azulado, era uma gorgeada de passaros revoantes.

— Até aqui é nosso! disse o homem com orgulho. E entraram no terreno sáfaro.

Era um sólo duro, pétreo, de macéga rispida, averrugado de cupins. Arvoretas rachiticas, de raras folhas amarellentas, subiam dentre os capins pennugentos e o troly, apezar da cautela com que era conduzido, volta e meia topava em um socalco ou batia fundo em caldeirões occultos sob a hervaçal.

Córtes profundos entre barrancas esfoladas, trilhados em sulcos parallelos — vincos de carros de bois no tempo das aguas — corcoveavam em acclives e declives. O homem ora estugava a parelha, ora a retinha, sem, todavia, evitar os trancos em certos pontos mais escavados, onde o troly inclinava-se, ora a um lado, ora a outro, em risco de virar. O ar estava toldado de cinzas que voavam ao vento apegandose ás roupas.

— Fecha os olhos! recommendava Sandra a Adriana, obrigando-a a baixar a cabeça, puxando a aba do chapeu á fronte. E o cheiro morno da terra adusta tornava-se mais activo e a poeirada mais densa. Passaros voejavam estonteados, e abelhas, e maribondos. Grandes besouros zuniam como balas.

— Cá estamos na sua cidade de ouro, a sua cidade maravilhosa, disse o homem a rir, voltando-se d'esguelha na boléa. E está serio isto... Temos de andar com cuidado, porque o fogo ainda lavra. E olhe que começou ante-hontem, á noitinha. Quem deu por elle fui eu, lá da varanda. Ainda pensei que fosse clarão do luar, mas depois... O vento tocou-o. A'

meia noite ardia tudo. Temos obra ainda para alguns dias. Isso agora vai devagarinho, como digestão de giboia.

O troly deslisava vagaroso, macio, como se fosse por uma alfombra. Mas que desolação! Era um immenso cemiterio, onde os tócos carbonisados semelhavam as placas que numeram as covas. Troncos negros mantinham-se de pé, hirtos que nem postes; outros ainda fumegavam á maneira de tições; e pelo solo cinereo, balofo, eram galhos encarvoados, alguns ainda com folhas encoscoradas. Dir-se-ia uma floresta mumificada.

Urubús voavam em circulo na altura á espia de carniça e passaros atarantados piavam em reclamo triste, pousando nos galhos fuliginosos, á procura, talvez, dos ninhos.

Em certos pontos a terra árida fumegava e havia brasas, estrallejo de chammas. Era a ruminação do incendio. A terra estuava em calor de fornalha. E o troly avançava a passo e passo das bestas, evitando troncos, toros, coivaraes que ardiam. Uma arvore, que tombara sobre as raizes, chiava como em estertor.

— Aqui a tem, a sua cidade maravilhosa. Viu-a de longe, era linda. Veja agora. Illusões, *fanciulla*. Illusões... Adriana olhava estarrecida. Mas não era a destruição das arvores, não eram aquellas cinzas pardacentas, ainda mornas, não eram aquelles troncos denegridos, aquelles ramos que rechinavam amojados de seiva que a commoviam, mas a lembrança da scena da estrada, a seducção do homem sinistro a mostrar-lhe, ao longe, no fogareu rutilante, a cidade maravilhosa, cidade do sonho, cidade do amor.

E, na imaginação, poz-se a comparar o seu destino ao daquellas arvores, ao de toda aquella terra calcinada e em miseria depois de umas horas breves

de esplendor. Não a houvesse Deus protegido contra a seducção e... ai, della!

Tremia. Iam-lhe os olhos desvairadamente da terra em cinzas ás arvores carbonisadas, ao ceu ennublado e via-se como aquella desolação: perdida, rondada de abutres, com as suas virtudes como aquellas aves tontas que procuravam, a chorar, os ninhos incendiados.

A commoção travou-lhe a garganta. De repente, descahindo ao hombro de Sandra, desatou em pranto.

— Que é, Adriana? Que tens? perguntou-lhe a amiga afflicta, sem comprehender aquellas lagrimas. Que é? Fala!

O homem reteve os animaes e, voltando-se preoccupado, indagou:

— Que foi?

Ella sacudiu a cabeça, deu d'hombros limpando os olhos:

— Nada. Pena. Tenho pena das arvores, dos passaros, de tudo. Corta o coração ver isto. Tão lindo, de longe..!

— Ah! menina, é assim. A distancia engana. De longe é uma coisa, chegue-se a gente perto e verá. Pena tambem tenho eu. Para mim as arvores sentem, como nós. Sentem! Oh! se sentem! Tem razão. Mas não chore. A terra refaz-se...

— A terra...! suspirou Adriana.

— Basta uma chuva para tudo rebentar de novo.

— Mas as lagrimas, por mais que as choremos, não fazem o milagre das aguas do ceu.

Percebendo que a crise voltava a Adriana Sandra intimou:

— Olhe, papai, quer saber de uma coisa? o melhor é voltarmos. E' até um perigo mettermo-nos por ahi, com esses troncos que ameaçam cahir. Depois os

animaes estão soffrendo com os pés nas cinzas quentes. Vamos voltar.

— Pois sim! concordou o homem, pachorrento. E, subindo para a boléa, tocou em rumo ao sitio. Adriana voltou-se para a desolação e, muito tempo, esteve a olhar, a ver, não aquella tristeza da terra devastada, mas a queimada da vespera, o deslumbramento que a fascinara, a cidade maravilhosa, toda de ouro dentro da noite, sentindo na boca o sabor daquelle beijo infernal, que a queimava por dentro, como o fogo ainda lavrava naquelle páramo reduzido a cinzas.

APROXIMAÇÕES

— Pau que nasce torto, meu amigo... E' o meu caso. As minhas atrapalhações começaram com o meu nascimento. Eu não sei de que freguezia sou, quero dizer — não sei, ao certo, se sou deste seculo ou do outro.

— Como?

— E' verdade. Ha duvidas sobre a data do meu nascimento. Querem uns que eu seja de 31 de Dezembro de 1899; affirmam outros que sou de 1.º de Janeiro de 1900 e de taes duvidas resultou o nome complicado que tantos vexames me tem trazido: Silvestre da Circumcisão Brochado.

— Da Circumcisão...!?

— E' como lhe digo. Um nome a talho de foice, não é verdade?

— Mas porque isso?

— Por causa dos relogios. O relogio de parede da minha casa, um cuco, marcava 11 e 47 minutos quando surgi aos berros, e no relogio de meu pai, um chronometro suisso, passavam cinco minutos da meia noite, dia seguinte, portanto e eu fiquei engasgado entre as duas datas e com um nome de Dezembro e outro de Janeiro e mais o Brochado, que é o appellido de familia.

Todos os annos havia tremendas discussões em minha casa a proposito do meu nascimento. Mamãi era pelo relogio de parede; papai batia-se pelo chronometro suisso e estiveram quasi a divorciar-se por não chegarem a accordo nessa questão de tempo. Cresci em tal embrulho, a ouvir o bate boca desde 1.º de Dezembro a 1.º de Janeiro. E, até hoje, a minha vida tem sido uma atrapalhação, ou encrenca, como agora se diz.

Por mais que faça nunca sei a quantas ando. Penso em uma coisa, sahe-me outra. Todas as vagas que me apparecem são, para mim, como as de Copacabana para os banhistas: em vez de me salvarem, afogam-me. Na Loteria, por exemplo. Compro um bilhete — não sei se é porque fui sempre um tremendo abolicionista...

— Mas quando o senhor nasceu já não havia escravos...

— Não havia, tem razão, não havia porque nasci atrazado. Sempre a questão de tempo, mas o pensamento, o amigo comprehende, o pensamento que eu teria trazido se houvesse nascido a tempo, esse seria tremendamente abolicionista! Pois foi, ou antes, é por isso que só compro bilhetes brancos, mas sempre em aproximação com um premio. Ha dias comprei um inteiro: 13.518. Lindo numero, não é verdade? Sabe o que aconteceu? os contiguos: 13.517 e 13.519 foram premiados — o primeiro com cinco contos; o segundo com duzentos mil réis. O meu, branco. E em tudo é assim. Casei-me. Minha mulher era um modelo de esposa, senhora de excellentes virtudes, religiosa como um cathecismo. Adorava-me! Eramos até citados como exemplo de amor conjugal. Pois bem, quando rebentou a guerra, um primo d'ella, que vivia em Paris, appareceu-nos em casa. Hospedámo-lo. O typo era dos taes que dançam em *cabarets* e tocam

guitarra. E mais uma vez fui victima da aproximação. O pelintra contou taes lerias á minha virtuosa mulher que eu... fiquei a ver navios e de casado conservei apenas o titulo, titulo que vale tanto como outros de emprezas fallidas que me entulham as gavetas.

Agora ando com uma questão de terras em Jacarépaguá. Sempre as aproximações. Certo vizinho, homem de maus bofes, entendeu de invadir-me a roça com os animaes — bois, porcos e os filhos, que são umas féras. Pois, meu caro, tenho gasto rios de dinheiro para ser dono do que me pertence e estou vendo que o homem acaba tomando conta de tudo. Que hei de fazer? E' sina. O senhor, garanto, não tem duvidas sobre a data do seu nascimento, sabe em que dia veiu ao mundo, póde dize-lo alto, de cabeça erguida. Eu, não. Eu dependo da pendula do relogio de parede, da inteira confiança de minha mãi, e do chronometro suisso, tido por infallivel por meu pai. Acho-me entre dois tempos, sempre na incerteza, aproximado, nunca, porém, em justo, nem aqui, nem ali.

— No meio.

— Isso, no meio, como fiambre em sandwich. Sou victima do jogo d'empurra. Quero uma coisa, vou direito a quem m'a póde dar e, quando penso sahir servido, saio com uma carta para outro, que, por sua vez, me remette a terceiro e assim ando eu aos empurrões. Agora tenho a attenção voltada para o divorcio, que será a minha taboa de salvação, porque a verdade é que eu sou casado, mas não estou, tenho mulher, mas em poder de outro, e como não são permittidas as accumulações...

— Remuneradas.

— Sim, tem o senhor razão, mas o governo até que tire isso a limpo, sei lá!

— Mas se a Lei não permitte as accumulações remuneradas não se oppõe aos biscates.

— E'... é... mas eu não quero posições duvidosas. Para duvida basta-me a da data do meu nascimento. Já agora espero o divorcio. Póde ser que, desta vez, consiga alguma coisa, não por sorte minha, mas porque ha muita gente interessada no caso. Será um bilhete de sociedade e, como é possivel que no grupo haja algum felizardo, aproveitarei a monção e irei por ella. Por mim, só por mim, póde estar certo de que tal lei encalha na Camara, talvez chegue ao Senado. Aproximação... sempre as aproximações. E querem ainda que um homem como eu ame o proximo, como a si mesmo. Pois sim...!

ᴏ|ᴏ

NOTAS RECOLHIDAS

— Ribot extrahiria do meu caso um livro. Conheces a obra de Le Dantec *Les frontières de la maladie?*

— Conheço-a de vista. Folheei-a na bibliotheca do Gusmão, esse cabotino que adoptou a divisa de Pico de la Mirandola: *De omni re scibili...*

— Pois, meu amigo, por mais que os medicos tentem tranquillisar-me dissuadindo-me do que elles chamam «as minhas scismas», sinto que estou muito perto de uma de taes fronteiras. Com o que ella extrema não sei, está-me, porém, a parecer que a região limitrophe é deserta, sombria, voejada de sombras, como aquelle pallido paiz cimmerio onde Ulysses penetrou levado por Homero.

— Mas por que dizes isto?

— Porque sinto. O meu maior orgulho outr'ora, se te recordas, era a minha memoria. Mnemosyne não a tinha mais fiel. Prompta, infallivel, attendia ás minhas solicitações frequentes como o telephonio attende ao chamado.

— E's injusto com a tua memoria, porque nada conheço mais remisso na obediencia do que esse apparelho. Mas deixemos o telephonio e vamos ao teu caso, que me interessa.

— Eu tinha os meus estudos, as minhas leituras em ordenado registo. Livro que eu lesse ficava-me gravado indelevelmente na memoria e assim factos, dos mais recentes aos mais remotos, datas, nomes, endereços, tudo! Reproduzia, sem falhas, paginas e paginas de autores, poesias longas; não recorria jamais ao catalogo para verificar o numero do telephonio dos meus amigos e dos meus fornecedores e, ouvindo um discurso — como succedeu com o do Ruy pronunciado no Polytheama — repetia-o quasi integralmente. Tal poder, feito de attenção, faculdade apprehensora, e de memoria, registo de fixação, foi, pouco a pouco, enfraquecendo. Hoje tudo confundo, baralho. Distraio-me, esqueço-me... Não sei.

Antigamente não me preoccupava com annotações. Se me occorria um assumpto ou uma imagem, dormia sem preoccupação, certo de que, na manhan seguinte, ao primeiro appello que fizesse ao cerebro, elle me responderia com o que eu lhe confiara. Hoje, antes de deitar-me, verifico se tenho á mesa de cabeceira o meu caderno e o lapis para fixar o que, por acaso, me venha á mente e que possa ser aproveitado em algum trabalho.

A minha memoria tornou-se um verdadeiro crivo, atravez do qual tudo passa e se perde.

O meu antigo methodo degenerou em desordem. Perco objectos, começo uma leitura e passo paginas e paginas inteiras tão alheado do texto como um homem que atravessa uma rua conhecida sem attentar nas casas, indifferente a tudo, andando a esmo, de olhos no chão. Nos salões — e por isto evito frequenta-los — não imaginas como me atrapalho. Pessôas que me sorriem, que me falam e que eu conheço, mas de cujos nomes não me lembro... isso é commum. E sinto, sinto que alguma coisa estranha se passa dentro de mim. Sabes esse ruido de guiseiro

que ha no interior das grandes florestas, ruido feito de vozes de insectos, de bulicio de folhas, de murmurio dagua, de vôos leves entre a folhagem, ruido do silencio como já alguem lhe chamou? Pois bem, esse ruido resôa perenne dentro de mim, como se o meu craneo fosse uma concha, entendes? E' horrivel! Enfesa. E' a tal coisa.

Sahi do mundo normal, entrei no deserto e marcho em direcção á uma fronteira desconhecida. Reminiscencias acodem-me de vez em vez, miragens, espectros do passado.

As opiniões dos medicos variam: uns attribuem taes phenomenos á fadiga; outros á vida solitaria que levo. Já até um d'elles me comparou a Santo Antão com as allucinações demoniacas, as visualidades, os delirios sensuaes que obsidiavam o eremita. Litteratura.

Quanto á vida solitaria... não sei. Em verdade, meu amigo, eu vivi demais na mocidade, gosei e soffri como poucos, accumulei impressões e sensações do meu tempo e casei-me muito jovem, tornando-me um homem da familia, um prisioneiro do lar e, cá fóra, a vida continuou progredindo. A cidade desenvolveu-se, os costumes modificaram-se, tudo se transformou e eu... pai de familia.

Conheces a historia d'aquelle colono que se installou em um lote de terra fertil e, trabalhando de sol a sol, vivendo com a mais apertada economia, todo o lucro que trazia da feira, trocado em notas, mettia em uma lata, que enterrara na roça?

Accumulando annos e annos, quando julgou a fortuna bastante para realisar o sonho de toda a sua vida trabalhosa, que era adquirir uma quinta na terra natal e nella assentar-se para gosar na velhice o repouso que jamais tivera na mocidade, desenterrou o thesouro e foi-se com elle ao banco. Ao despejar a

papelada, velha de mais de quinze annos, o recebedor encarou-o espantado e, repellindo as notas, disse-lhe escarninho:

— Isto não vale nada. O que aqui ha são notas recolhidas. De onde vem você, homem de Deus! Estás a ver que o desgraçado não teve forças para resistir ao choque e, em vez de sahir d'ali com o dinheiro para a quinta do sonho, sahiu em carro de força para uma cella do Hospicio.

Eu estou nas mesmas condições d'esse homem e receio ter o fim tragico que elle teve.

Com a morte de minha mulher fui forçado a reentrar no mundo, do qual me havia apartado. E como entrei? Entrei com as idéas antigas, com os costumes antigos, com os habitos e a moral do meu tempo: notas recolhidas, como as do colono. Se me não tivesse encerrado, como me encerrei, te-las-ia trocado, á medida que fossem sendo chamadas á Amortisação, mas... que queres? Com os ciumes da fallecida, que me não deixava por pé em ramo verde, exilado na fazenda, entrar assim, de repente, em vida nova, com tudo isso que por ahi se vê... e com as minhas idéas recolhidas, comprehendes... Acho que todos os males que me acabrunham, essa desordem cerebral, desequilibrio, arvoamento, emfim... Póde ser que tudo corra por conta do meu atordoamento, porque, em verdade, passar um homem a melhor parte da vida a accumular para, em dado momento, na hora em que se decide a empregar as economias, saber que toda a sua fortuna é um monte de notas recolhidas, não é só para atordoar e fazer perder a memoria, é para fazer perder de todo a cabeça. Ainda assim sou mais forte do que o colono, porque, como vês, não visto ainda a camisola de força.

— Mas, pelos modos, estás com vontade de experimentar a de onze varas. Se é por isso não te in-

commodes. Tenho meios de trocar as tuas notas recolhidas e sem desconto, talvez, até, com agio.

— Em que Caixa de Amortisação?

— Ha tantas por ahi...! principalmente para um homem nas tuas condições: viuvo, ainda forte e cinco vezes millionario. Se quizeres poderemos começar o resgate hoje á noite, num club e, trocando, por exemplo, a valsa do teu tempo de solteiro, pelo *Charleston*, nota da ultima emissão.

— Homem... logo o *Charleston*. Começas pelas notas grandes... Vamos devagarinho. Onde poderei eu trocar a polka pelo *fox-trot...?*

— Ora... isso em qualquer parte, é dinheiro miudo. Acho que deves começar pelo *Charleston*.

— Uhm! Depois do regimen do meu tempo de casado, um abuso assim... Tenho medo que me dê na fraqueza.

— O *Charleston?* Não ha fraqueza que lhe resista. Tenho visto milagres, palavra! verdadeiras resurreições.

oIo

O MONUMENTO

Foi uma das primeiras a chegar á praça, em meio da qual avultava a mole do monumento ainda encoberta. A um lado, como coreto em festa de arraial, trapejando bambinellas de metim, erguia-se o palanque destinado ao elemento official e pessôas gradas, e, delimitando o andito reservado para a cerimonia, um circulo de mastros empavesados, ligados por uma corda de flammulas e galhardetes.

Subindo ao grammado, onde havia um banco, sentou-se com um suspiro de allivio. Ardiam-lhe sinapisadamente os pés, doiam-lhe as curvas das pernas da caminhada longa que fizera, ella que vivia mettida em casa, rebolando o corpo pesado de um a outro canto do quarto, ou na rede, onde passava a maior parte do tempo, com uma moxinifada de molambos, fuchicando um, fuchicando outro, a passear com a memoria pelo remoto passado. Quantos annos vividos! Como iam longe, Deus do ceu!

Era uma mulheraça morena, de um moreno de sandalo, gorda, collo e quadris anchos, braços roliços, de pelle fina, com duas covinhas de amor nos cotovellos. Devia ter sido bonita e ardente no sangue de mestiça. Os olhos, grandes e negros, ainda rebrilhavam; a boca, pequena, de labios carnudos, entreabria-se, como em fadiga, mostrando os dentes muito

brancos; fronte breve, finamente riscada a estrias: cabellos fartos na pretidão dos quaes appareciam fios brancos como fitas de luar no escuro d'um balsedo. Não fosse o rheumatismo que a tolhia!...

Quando a dona da casa (na qual ella occupava o melhor quarto, com janella sobre o quintal), lhe deu noticia da inauguração do monumento, no domingo proximo, o coração bateu-lhe forte, a impetos estuantes. Tirou precipitadamente os oculos e, encarando a senhoria com ar pasmado, como se duvidasse do que lhe ouvia, poz-se a repuxar o grosso labio, como distrahida, o olhar perdido ao longe. Por fim indagou:

— Monumento? Mas que é?

— Estatua, D. Leocadia.

— Estatua!? Ora essa! Mas estatua, por que? A senhoria deu d'hombros. Mostrando, porém, o jornal com o retrato e a biographia do grande homem, disse: — Olhe. Está aqui. A velha repoz os oculos e, chegando muito aos olhos o jornal, examinou attentamente a gravura, com franzidos da fronte.

— Não está muito parecido, não; mas é elle. E que é que diz? A senhora póde ler para mim?

— Pois não. E a senhoria poz-se a ler. Era um louvor de principio ao fim, desde a infancia estudiosa e exemplar até a culminancia ascensional — deputado, senador, ministro d'Estado, intimo do Imperador, condecorado por varios monarchas. Citava-se a sua dedicação á corôa quando, constando que um batalhão se revoltara, enfermo, com febre, elle se levantara da cama e, com febre, affrontando a noite tempestuosa, mandara tocar para S. Christovam, indo collocar-se ao lado do Imperador.

— Isso é verdade, eu me lembro, confirmou a mulata. E, até o final do artigo, foi esse o seu unico commentario. Tivesse-a, porém, a senhoria observado em certos passos da apologia referentes ás virtudes

do grande brasileiro, «cuja vida, pela austeridade, podia ser inscripta entre as dos varões de Plutarcho», e teria surprendido meneios de cabeça, caramunhas, momos, olhares muito abertos de espanto. Em certo ponto em que o articulista, tratando da vida intima desse que fôra um modelo de sisudez, «um verdadeiro sacerdote no templo da familia», a mulata não se conteve e irrompeu estabanadamente:

— Pois sim...! Venha com essas p'ra cá! A senhoria indagou:

— Que é?

— Historias! P'ra que essa lenga-lenga toda? Mentira! Remexeu-se freneticamente na rede como remordicada nas enxundias.

— Olhe, eu não sou mulher de falar dos outros, mas ha certas coisas que enfesam. Como eu já contei á senhora, e todo o mundo sabe, eu fui cria d'aquella casa. Ali nasci, ali me fiz moça e... Aboquinhou os beiços em amúo e espocou um muchôcho. Criamo-nos juntos. Elle era mais velho do que eu uns seis ou sete annos. Menino levado, a senhora não imagina. Um capeta!

Fez uma pausa arquejante e o collo encheu-se-lhe como em affluencia de saudades que lhe subissem do coração. Poz-se a brincar com os oculos. Um sorriso malicioso rondava-lhe os labios, abria-se-lhe no rosto cheio e, de olhos baixos, pudicamente, murmurou:

— Mau, não era; isso não era, mas repetir o que está ahi no jornal, não, que eu não minto. Homem de respeito! Atirou o busto para traz: Qual! Homem de respeito... Casquinou um risinho canalha. O que elle fazia na politica, isso não sei. Ouvia dizer que era deputado, depois passou a senador, a ministro e não sei que mais. Tinha carro, ordenança e a casa andava sempre numa barafunda que punha a gente tonta. Trabalhava até as tantas da noite, não sei se

por que tinha mesmo que fazer ou se era esperteza para ficar acordado e andar pela casa como assombração.

Olhe, Rosinha está ahi com dois filhos delle. Coralia, uma mulatinha quasi branca, linda que fazia gosto, teve de desmanchar o casamento com um moço estabelecido por causa delle. Eu mesma, que é que a senhora pensa? eu mesma, se não fosse quem sou e se não dormisse perto do quarto do casal, fechada por dentro, não sei! Quanta vez ouvi barulho na porta: era elle empurrando, chamando por mim, baixinho. Nem sei como Sinhá não ouvia. E não havia criada com que elle não bulisse.

Uma espanhola, moça séria, casada com um conductor de bonde, essa, se não fosse a gente, teria feito uma agua suja dos diabos. Pois o homem não se emendou.

Quando Sinhá subia para Petropolis e elle, ficava cá em baixo, por causa da politica (politica era a desculpa) não lhe conto nada! Depois ciumadas, brigas na cozinha e na cópa; falava-se delle em toda a vizinhança. Era uma pouca vergonha. Nem sei como Sinhá não dava pela coisa.

E' que essa gente não se importa muito com a casa, só quer saber de costureiras, de cabelleireiros, de bailes, de theatros. Agora está ahi esse homem contando balelas no jornal. Eu só digo que se elle foi tão grande na politica como foi virtuoso em casa... póde a senhora acreditar que não valeu nada. Emfim, como depois de morto todo o mundo é santo... deixá-lo. A senhora nunca comeu carne de boi porque no açougue tudo é vacca. Pois é assim. Eu, emfim, vou até lá. Sempre quero ver a tal estatua.

Foi uma das primeiras a chegar, acompanhou de longe toda a solemnidade, com pena de não ouvir os discursos, de não poder ver bem a estatua. Mas quan-

do a tropa desfilou, quando se retiraram as auctoridades e o povo foi-se dispersando, ella adiantou-se vagarosamente, postou-se diante do monumento e, examinando a figura culminante, de fardão de ministro, braços cruzados, voltada para o mar, em attitude altiva, meneou com a cabeça desconsoladamente, murmurando:

— Qual! Este mundo, este mundo!... Olhem que a gente vê cada coisa!... O engraçado é que parece que o homem que fez a estatua foi o mesmo que escreveu no jornal, porque isso que está ahi tanto póde ser elle como não sei que... Não vê que elle era assim!... E poz-se a notar defeitos no corpo, nas feições, na attitude.

De repente, apertando os olhos, teve um frouxo de riso. E' que se lhe afigurara o grande homem, não como ali se achava rigido no bronze, mas em camisola de dormir, pisando em pontas de pés, descalço, sorrateiro, avançando na penumbra do quarto, apalpando-a no leito, a chamá-la baixinho, em voz abafada e tremula: «Leocadia!... Cádinha»... Ouvia-lhe os estalídos dos artelhos, sentia-lhe o halito quente.

Uma onda de sangue subiu-lhe ao rosto, o coração encheu-se-lhe de saudades, todo o seu corpo vibrou num arripio sensual.

Então, fitando a figura imponente, pareceu-lhe vê-la transfigurar-se — e era aquelle mesmo cujos cabellos macios seus dedos anediavam carinhosamente.

Suspirou e foi-se, devagarinho, passo a passo, como para não ser sentida, com receio do homem que ella conhecera tão bem, cuja voz, tremula de volupia, ainda lhe resoava no coração, como rebôa nos buzios o marulho do mar, lembrança de tempos idos evocada por aquella figura que se impunha no pedestal, hirta, de bronze, brilhando com lampejos de ouro ao sol.

OS SENTIDOS

Assim como não vemos o nosso rosto, ainda que nelle tenhamos os olhos, tambem não apreciamos, com julgamento seguro, as nossas qualidades boas e más, ou sejam: os nossos vicios e virtudes. Ninguem se conhece. Inscreveram muito alto, no frontão, o que devia jazer em baixo, no limiar do templo, para que todos vissem e praticassem o dictame delphico: *Nosce te ipsum.*

Miramo-nos todos em um espelho e esse espelho é a opinião publica. Por ella é que nos conhecemos.

— Mau espelho, meu amigo, sempre embaciado.

— Por que?

— Ora porque... Se o rosto fòr de um humilde, ainda que formoso, como o de Antinous, ficará empannado; se fôr de um patife de prestigio, mascara de hediondez como o doairo de Polyphemo, a feiura se esbaterá no baço da lisonja. A opinião publica será, se quizeres, uma sombra, o delineamento do perfil, sem o mais leve traço da physionomia. Os olhos estão mal collocados. Deus deveria te-los posto um em cada mão, na palma, e assim, não só olhariamos o mundo, como nos veriamos completamente, da cabeça aos pés e até pelas costas.

— Seria horrivel! Teriamos de andar com as mãos adiante do corpo, como fazem os cegos quando tacteam.

— A proposito dos cegos, pergunto-te. Já leste «*O meu universo*» de Helen Keller?

— Não.

— Pois lê. Não é obra de uma vidente, mas de uma cega e surda muda. E' o canto heroico de uma domadora, ou melhor: de uma civilisadora.

— Civilisadora... Porque?

— Porque fez com os sentidos, que nós outros relegamos por inferiores, ou inuteis, o que os exploradores de sertões bravios fazem com os selvagens: educou-os aproveitando-lhes as qualidades e utilisou-os como nós nunca imaginamos que elles pudessem ser aproveitados. Nós, em verdade, só nos servimos da vista e só a ella prestamos attenção, tanto que para os olhos apenas inventamos instrumentos de apuro, como são as varias lentes de que nos servimos; com os demais sentidos pouco nos preoccupamos, ou delles até nos desinteressamos: o tacto, sentido das mãos; o gosto, sentido do paladar; o olfacto, sentido nasal; a audição, sentido do ouvido nada valem e se os applicamos é com indifferença ou por voluptuosidade. Ha, sem duvida, quem se sirva de algum delles com certo carinho ou malicia.
— Do ouvido, por exemplo, vale-se a curiosidade, que escuta ás portas ou o dilettante que se delicia com a musica; do paladar vale-se o degustador, ou *gourmet*, que demora o bocado na boca para que as papillas lhe absorvam todo o saibo; ou o sybarita que aspira uma rosa, a essencia de um frasco ou accende um pivete de sandalo para embalsamar o ambiente. São como senhores que se servem de escravos. Nós consideramos inferiores esses quatro sentidos, tudo para nós é a visão, o mais constitue um pequeno coro de acompanhamento. Helen Keller, cega e surda, tratou de aproveitar os sentidos que lhe restavam e tão

bem os educou que, na treva e no silencio, não se deu por infeliz. São palavras da grande civilisadora:

«Não me cabe dizer se é com os olhos ou com as mãos que se vê melhor, o que sei é que o mundo que eu vejo com os meus dedos é animado, brilhante e satisfaz-me. O tacto dá aos cegos innumeras certezas agradaveis que, por não ser tal sentido nelles educado, não são percebidas dos videntes. Quando elles olham as coisas fazem-no de mãos nos bolsos e isso certamente concorre para que as suas observações sejam sempre vagas, superficiaes, inexactas e, as mais das vezes, inuteis.»

Os sentidos, pacientemente disciplinados pela extraordinaria americana, serviam-na com a maior solicitude. Assim, não era simplesmente o aroma das flores que lhe chegava na travessia do jardim ou durante um passeio á matta — mas todo o olor das plantas e da propria terra, o cheiro dos troncos resinosos, das raizes recumantes, do limo das pedras humidas, do humus do solo, dagua e até do ar no qual se diffundem todas as exhalações.

Ao paladar não era apenas o saibo do fruto que lhe dava prazer, como o aroma em tudo se impregnava e, assim, ella o sentia, não só no que lhe ia directamente á boca, como por suggestão, digamos, nas menores coisas que apalpava, na propria respiração, no calor do sol, na fluencia dagua: e o tacto dava-lhe impressões de tal modo precisas que ella tinha nos dedos tentaculos que a serviam como ao polvo e como as antennas servem a certos insectos.

E não era simplesmente a visão que ella suppria com o leve roçar macio dos dedos intelligentes, mas tambem a audição e de que modo? pela hyper-sensibilidade que lhe fazia de todo o corpo um orgão subtilissimo de receptividade, susceptivel á mais ligeira vibração, como êsses registradores sismicos que ac-

cusam o mais leve arripio da crosta do planeta, annunciando terremotos que abalam a terra a milhares de leguas. Tal era o grau de apreço em que essa desherdada tinha o tacto que o maior louvor de tal sentido, que nós ingratamente desprezamos, foi por ella feito nestas palavras:

«Se me fosse proposto por uma fada escolher entre o sentido do tacto e o da vista eu não consentiria em privar-me do primeiro pelo prazer que elle me dá com o contacto tépido e carinhoso das mãos humanas, as riquezas de formas, a nobreza, a plenitude que se offerecem, multiplas, ás palmas das minhas mãos.»

Nós somos mono-cultores como os fazendeiros de café — contentamo-nos com a vista, esquecendo os demais sentidos, como elles deixam em abandono o pomar, a horta, o pascigo e a pequena lavoura tão necessaria á vida.

— Tudo que dizes é interessante, não ha duvida, mas se Helen Keller, por um milagre, recobrasse a luz dos olhos e visse o esplendor magnificente de uma alvorada no ceu e na terra, estou certo de que esqueceria todos os sentidos educados para pôr a alma nos olhos, como em janella, e gosar o espectaculo maravilhoso do romper do dia. Quem não tem cão, caça com gato, e educar um gato para todas as caçadas, deixem lá! não ha de ser facil.

Eu tambem, se não visse, havia de arranjar meios e modos de andar pela vida catando sensações aqui e ali, como os cegos procuram objectos ás apalpadellas. Mas a vista, meu amigo — louvemo-la como a louvou S. Francisco de Assis, louvemo-la, nós que a possuimos, porque é mais do que um sentido, é a liberdade. Helen Keller falou do fundo de um carcere onde, assim como Sylvio Pellico domesticou uma aranha para o acompanhar, ella domesticou sentidos,

principalmente o tacto, para communicar-se com o mundo das sensações.

— E conseguiu.

— De longe, como se sente o mar pelo rumor da quebrança das ondas; como se sente a floresta pelo sussurro das arvores, como se beija a boca da mulher amada... ao telephonio.

Mas, afinal, perdemo-nos. Sobre que falavamos nós quando a Senhorita Helen Keller nos veiu interromper?

— Sei lá! Coisa sem importancia. Não me lembro. Passemos adiante.

O POTRO E O SENDEIRO

Sinto que começais a aborrecer-vos com os casos que vos conto. Um poeta meu conhecido, dizia: « Quando vires alguem bocejar, cala-te para não falares em vão, porque o que abre a boca diante de um narrador está a dar sahida á attenção ».

Em verdade, que ha nos meus casos de interessante? nada. São factos reaes e a realidade é comesinha e triste. A propria alegria, que lhe sobrenada, é como a espuma que ferve no rebojo da onda, ou melhor — como essas flores ephemeras que desabrocham á tona dos paúes, cujas raizes se embebem em lodo.

Vamos sahir para o largo, ou remontar em vôo. Ha um mundo melhor que o nosso, igual ao Paraiso, ao qual nos leva aquella mesma que criou a Fé: a Imaginação. Vamos a elle e divertidamente. Os que me quizerem acompanhar, interessando-se no conto, devem pôr a credulidade nos quadros da fantasia, como o enxadrista dispõe as pedras nos escaques do taboleiro. Será um jogo. Vamos, pois, á partida. E o velho narrador começou:

Era uma vez um feiticeiro que vivia em uma caverna fazendo o Bem para conseguir o Mal. Se fazia o Bem não era com intenção generosa de beneficiar a Humanidade, senão como meio de a attrahir

ao peccado para entregá-la, rendida, ao seu senhor, o Diabo. Tambem o pescador isca o anzol, não para alimentar o peixe, mas para o prender pela gula. O que o feiticeiro espalhava era como confeitos que, sob a capa de assucar, escondem a amendoa amarga e, por vezes, venenosa. Assim compunha tinturas, unguentos e cosmeticos, com que as mulheres se alfenam, untam e dão frescura e cor á cutis, rosam as unhas, carminam os labios, denigrem cilios e supercilios e, fomentando-lhes a vaidade, tornava-as mais seductoras e mais ardilosas para perderem os homens. O ouro sahia-lhe em barras da covanca profunda e tenebrosa para que os homens, cunhando-o em moedas, espalhassem á rebatinha motivos de discordia. A pretexto de consolação soltava de seu antro a Mentira e com ella todos os seus sequazes, desde a Hypocrisia, sempre rebuçada, até a Calumnia e, quando enriquecia alguem com esse só fazia centenas de invejosos, que eram outras tantas victimas que elle entregava ao Inferno.

Ora, uma noite, achava-se o feiticeiro ás voltas com os seus abracalans, quando foi procurado por dois estrangeiros: um, velho, alquebrado e quasi cego, caminhando apoiado ao hombro de outro que era um robusto e garboso mancebo.

Chegando-se á presença do bruxo, interrogou-os elle sobre o que ali os levava, e o velho disse em palavras tremulas:

— Senhor, somos dois descontentes è quizeramos merecer do vosso prestigio um favor facil, que outros maiores sabemos haverdes feito. E o feiticeiro, acocorado á beira do fogo, a mexer, com uma tibia, o caldeirão sortílego, que fervia borbulhantemente, ordenou em voz rouca:

— Fala! E o velho falou:

— Somos, como vêdes, eu quasi um centenario

e o meu companheiro mancebo de pouco mais de vinte annos. Nada do que ha na vida me é estranho — conheço todos os bens e todos os males, todos os gosos e todos os pesares, o avesso e o direito do que chamamos sina. Sahi da pobreza, que foi o meu berço, e, unicamente á custa do meu engenho, e esforço, alcancei as maiores posses e puz o meu nome tão alto que se media quasi com o do rei. O muito querer, porém, perdeu-me: quiz com ambição e aventurei-me ousadamente aos mais arriscados commettimentos e aconteceu-me o que se dá com os alpinistas que tentam chegar aos cimos encobertos das cordilheiras: pisei em falso e o que me parecia um degrau para a grandeza não era mais do que uma lage fragil, de gelo, a esconder o abysmo onde me precipitei.

De tudo que adquiri em tempo tão prolongado resta-me apenas a experiencia. Pudesse eu pô-la agora em pratica e não só restauraria toda a riqueza perdida como ensinaria aos homens segredos que lhes haviam de ser de grande utilidade. Infelizmente, porem, o corpo não me ajuda, vergado para o tumulo, como está, sempre a ensaiar-se em somnos para a Morte.

O mancebo, robusto, como o vêdes, nada produz de util, porque a alma que lhe governa o corpo só o guia para divertimentos e prazeres mofinos. Em vez de aproveitar o vigor em trabalhos esbanja-o, desperdiça-o, estraga-o em estouvanices e, assim, tanto perde em energia physica como se lhe vai desmoralisando o que de divino nelle existe.

Se trocasseis as nossas almas (o que vos não será difficil, porque prodigios maiores tendes realisado), tudo ficaria bem e ajustado convenientemente.

Minh'alma, com o que adquiriu em sciencia e pratica, posta em corpo novo, realisaria verdadeiros

milagres que me tornariam tanto como um deus entre os homens e a alma trefega do mancebo, encerrada em um corpo como o que lhe offereço, de meu, farto de gosos e atido á prudencia, produziria como o sabio que foge do tumulto mundano fechando-se, para estudo tranquillo, entre as paredes brancas de uma cella.

Todo o mal ou desequilibrio da Vida resulta da má gerencia do Destino. Quando o espirito amadurece em reflexão e sabedoria não acha forças no corpo para applicar o que sabe. Assim tambem é raro que alguem consiga fazer fortuna na mocidade, sempre a riqueza chega a horas tardas, quando o favorecido já se não sente capaz de aventuras e o corpo só lhe pede calor de lume e conforto de leito.

Trocai as nossas almas de corpos, fazendo com que a minha se installe no do jovem e que a delle venha ficar no meu e assim equilibrareis sensatamente as duas vidas, dando a cada qual aquillo de que carece: a uma, prudencia; a outra, energia.

Sorriu o feiticeiro e, anediando, de leve, a immensa e derramada barba, disse:

— Pois seja como pedes. Para isso, porem, è necessario que eu vos adormeça, aos dois, porque a operação exige tempo e vagar. Ao despertardes tereis o que a ambos vos parece de bom conselho. Accederam os dois na proposta do feiticeiro e este ainda lhes disse, antes de iniciar o trabalho:

— Ficai, porém, avisados de que o que fôr feito, como sahir ficará até a morte. Ainda que vos arrependais não me será possivel desfazer a troca, restabelecendo as vidas como m'as confiais.

— Não nos arrependeremos! disseram os dois, contentes.

A alma do octogenario, logo que se sentiu no corpo do mancebo, foi tratando de lhe experimentar o vigor. O corpo, porém, com o estúo do sangue, em

vez de attender ao que lhe impunha a experiencia ancian, poz-se logo a caminho dos prazeres: bailes, banquetes, jogos e alegres noitadas de amor. E a pobre alma, fatigada de taes andares, desandou a brados, arrependida:

— Senhor! Senhor! Por quem sois! devolvei-me ao meu velho corpo. Não posso com o que me destes. E o feiticeiro, fazendo-se ouvir no vento:

— Onde viste um velho domar potros? Assim quizestes, ainda que avisado. Pois, meu caro, aguenta-te emquanto puderes. Pouco se aguentou que não cahisse nas profundas dos Infernos, onde era esperada em caldeira accesa. Por sua vez a alma trefega do moço...

Mal se achou na carcassa do macrobio, com todos os ardores proprios da juventude, ainda que a encontrasse combalida, tanto lidou com ella, tanto a estimulou qûe a misera lá foi aos trancos, tropeçando, bamba. Pouco, porem, avançou e, horas depois da sahida, tombava inerte e, onde cahiu, ahi mesmo exhalou de si o ultimo suspiro:

E eis a alma jovem a bradar:

— Senhor! Senhor! o corpo que me destes trahiu-me, mal o puz em caminho logo arriou esfalfado, e assim como cahiu ficou. E a voz do feiticeiro passou assoprada no vento:

— Onde viste, mancebo, um sendeiro resistir ao peso de tamanha carga, como a que lhe puzeste em cima? Quizestes, tu e o velho tonto, tentar uma experiencia e com ella só lucrou o inferno e lucrarão no mundo os que della tiverem noticia, porque assim não haverá ridiculos de velhos a quererem figurar de moços nem hypocrisias de moços apparentando sisudez de velhice.

Tudo se deve fazer segundo o seu tempo e de accordo com elle.

HOMENS E RELOGIOS

Com a lente encravada na orbita o velho Borromeu examinava attentamente o machinismo de um Patek, Filippe, quando Tiberio irrompeu na officina bradando, desde a porta:

— Bolas! E' demais! Tanta injustiça assim revolta, faz com que um homem perca a fé. E, com um gesto violento, arremessou alguma coisa ao chão, sentando-se estabanadamente em um tamborete de esparto, onde, á noite, saboreava o café da amizade, commentando o noticiario dos jornaes da tarde.

Era a sua cachacinha de noveleiro. Borromeu não tinha o direito de receber informações de outro e se, por distrahido, succedia-lhe, alguma vez, ao ouvir Tiberio sobre qualquer novidade, affirmar com a sua voz pachorrenta: «Já sei» ou «Ouvi dizer», o velhote encarava-o de má sombra, pallido, remordendo o beiço e, girando nos calcanhares, resmungava: «Se já sabes, melhor p'ra ti. Bôa noite»! E não havia conte-lo.

Borromeu, ainda que um caso se passasse diante dos seus olhos, guardava discreta reserva para não desgostar o amigo de tantos annos.

Na revolta dos marinheiros, apezar de uma bala de fuzil lhe haver entrado em casa espatifando-lhe o mostrador de um dos relogios de parede, excellente

regulador suisso, quando Tiberio lhe appareceu na officina, esbaforido, communicando-lhe a mashorca e a disposição em que estava João Candido de varrer a cidade a metralha, e as providencias que tomara o governo para dominar o rebellado, fez-se alheio a tudo, dando mostras de espanto ao ouvir a narração que, com exaggero, lhe fazia o amigo, descrevendo a mortandade e o panico em que a população abalava espavorida, acossada pelo tiroteio.

Tiberio, porém, comprehendeu que o relojoeiro fingia ignorancia para agradá-lo, e avançando, em impulso de gratidão, estendeu-lhe commovidamente a mão, agradecendo a grande prova de estima que lhe dava, affectando ignorar o que o canhoneio propalava a estrondos, desde a orla das praias até os mais remotos suburbios.

— Obrigado, meu velho. Agora convenço-me de que és verdadeiramente meu amigo. Olha que é preciso mesmo que o sejas para dizeres que não sabes que estamos de baixo do fogo dos dreadnoughts. Dá cá um abraço. Dando, porém, com o relogio, cujo mostrador fôra reduzido a escassilhos, perguntou:

— Que foi aquillo? O relojoeiro esteve por um tirte a dizer a verdade, mas conteve-se, respondendo:

— Homem, Tiberio, se queres que fale com franqueza, acho que foi alguma bala que se perdeu aqui na officina. Eu estava a trabalhar quando ouvi um estardalhaço. Não dei importancia ao caso e continuei na minha tarefa. Agora, porém, com o que me dizes, quero crer que tenha sido alguma bala. Os olhos de Tiberio encheram-se de lagrimas. Grande amigo! Nessa tarde, porem, com aquella entrada de furacão, levantando a cabeça e desentalando a lente da orbita, Borromeu encarou o amigo com verdadeiro espanto:

— Que é isso, homem? Que te aconteceu?

— Que me aconteceu?! Ainda perguntas...! Estou até aqui, e agadanhou o gasnete. E' demais! Ouve e dize-me se tenho ou não motivo de sobra para revoltar-me, até para mudar de religião. Tanta injustiça assim dóe! Não sei que má sorte me persegue. Sou um homem de bem, religioso, incapaz de praticar um acto de que venha a ter remorso. Uma vez resolvi confessar-me... Pois, meu amigo, fui á igreja, ajoelhei-me diante do Padre e, para não fazer figura triste, inventei uns peccados, porque no activo da minha consciencia não achei coisa que valesse a pena referir. Pois, com tudo isso, sou o mais infeliz dos infelizes. Tudo me sahe ás avessas, e patifes que conheço, patifes rematados, reus de policia egressos da cadeia, assassinos, larapios, calumniadores, maus filhos, esposos infames, pais indignos estão ahi a subir como balões, enriquecendo não se sabe como, impando importancia, falando grosso, grandes senhores, e se tentam um negocio é contar na certa com o exito e ainda com sobras para os parentes e joias para as amantes. Eu estou á espera de uma vaga no quadro dos fiscaes do imposto de consumo desde a criação de taes cargos: comprei não sei quantos milhões de marcos e tu sabes em que deram os taes papeis; metti-me ahi em um negocio de cambio e perdi até o geito de andar; tentei o bicho e só acertei naquelle que apanhei no pé, no pique-nique que fizemos em Paquetá. Na loteria é o que se vê. Tens ali a prova. E mostrou, com desprezo, o papelucho que atirara amarfanhado ao chão. E' o 3941, sahiu branco. Pois o 1493 tirou os quinhentos contos.

— Mas não comprehendo, Tiberio. Que tem o 3941 com o 1493?

— Que tem? Pois não vês? E' o meu numero ás avessas. Que é isso? Se a coisa tivesse corrido direita a esta hora eu seria meio millionario e asso-

ciar-me-ia comtigo, não nesta baiúca de cacaracá, mas em uma grande relojoaria na Avenida. Não está certo. Deus não é justo, dando a uns tudo e deixando outros em petição de miseria. Não comprehendo taes preferencias.

— Não blasphemes, Tiberio. Deus não tem culpa do que se passa cá embaixo. Elle cria os homens, o mais é com elles. Isso de sorte, meu amigo, é como machinismo de relogios. Olha ahi para essas paredes e aqui para o mostrador do balcão. Tens varios typos de relogios, alguns de excellentes marcas, das mais reputadas fabricas que, entretanto, não valem um caracol. São muitos, eu acerto-os de manhan, pois ao meio dia já não estão de accordo: uns adiantam-se, outros atrazam-se; param alguns, emperram ás vezes, até desandam. E queres saber? o que melhor regula é um despertador vagabundo, um alcaide pelo qual ninguem dará cinco mil réis. E' assim, meu amigo.

O relojoeiro não tem culpa do que se dá com os relogios. Os machinismos têm todos as mesmas peças, montadas na mesma ordem, entretanto uns são excellentes, outros são pinoias, como este Patek que aqui vês, incrustado de brilhantes e rubis, que eu já desanimei de corrigir. E' uma joia, mas não regula, e a minha *cebola* de latão é o que sabes. De quem a culpa? do relojoeiro? do machinismo? sabe-se lá! de um mysterio qualquer que, se fosse em homem, chamariamos sorte, mas como é em relogio chamamos-lhe defeito. Eu, se fosse o marido da dona deste Patek, que não me sahe da officina, já o teria vendido, apezar de todas as pedras preciosas e do lindo cinzelamento que o adornam. E's um homem virtuoso, mas... estás nas condições desta espiga, que eu não troco pela *cebola* de latão que achas ridicula. Os homens são como os relogios, Tiberio:

todos da mesma fabrica, uns bons, outros maus; uns felizes, outros infelizes. A culpa não é do fabricante, é de não sei que... Mas isso que importa se o Tempo passa com a mesma indifferença tanto sobre o que se atraza como sobre o que se adianta. E's um homem virtuoso, como esse Patek é uma joia de preço, mas, como elle, não regulas. E' isso. Mas vamos a saber: Que ha de novo? Tiberio, porem, que ainda não lera os jornaes da tarde, depois de passear os olhos pelos relogios de parede, todos em desaccordo, uns adiantados, outros em atrazo, e o maior mazorramente parado, respondeu resmungão:

— Tudo velho, Borromeu.

— Grande verdade, meu amigo. Tudo velho, como nós, ou melhor, como a vida.

— Como a vida, não, Borromeu. A vida, quanto mais envelhece, mais se renova. Nós passamos, ella fica.

— E' o relogio, Tiberio, e nós somos as horas.

— Falas como relojoeiro.

— E como queres que fale senão em linguagem do meu officio? Só entendo de relogios, e delles tiro o pão e a minha philosophia de algibeira.

CORAÇÃO DE OURO

Ouvindo o suspirar plangente de Isolina, que recolhia a roupa do coradouro de lapedo, na raiz da pedreira, ao fundo do cortiço, Dyonisia, que deixara o tanque e caminhava muito rebolida, raspando vagarosamente a espuma dos braços entroncados, reprehendeu-a com a sua voz marimacha, sempre soando a mau humor:

— Está a senhora ahi a agourar o homem. Deixe-o lá, criatura! Isso de mais hora, menos hora não quer dizer nada. Elles, lá de vez em quando, tiram os seus dias forros. E' natural. Quem trabalha precisa divertir-se. O meu — e é um homem de peso, graças a Deus! — ás duas por tres perde a medida e apparece-me em tal estado que eu até tenho vergonha do pequeno. Já uma vez andou por ahi a bater de casa em casa sem atinar com a porta. Foi preciso que eu o fosse buscar e quasi o trouxesse em braços para não ficar ao tempo, estendido na lama, entre as carroças. Pensa que me zango com taes farras? Acho-lhes até graça, palavra. Rio-me de o ver baboso, a tropeçar nas cadeiras, muito delambido commigo. E' para o que lhe dá. Santo nenhum delles é. Cada qual tem lá o seu fraco — este é a pinga; aquelle é a sóta. Peior é quando elles dão para andar por ahi atraz de rabos de saia. Isso sim! Isso é que é des-

graça! A mim tanto se me dá como se me deu. Pinte á vontade, comtanto que não me falte com o necessario, a mim e ao pequeno, o mais... Quer que lhe diga? elles, quanto mais aperreados, peior. Então é que viram duma vez. Deixe-o. Não se esteja ahi a amofinar. Quando lhe apertar a saudade, que é como uma fome do coração, elle voltará, tão certo como estarmos aqui e Deus no ceu.

— Mas a senhora pensa que é ciume, s'a Dyonysia?

— E não é? Ora morda-me aqui, e estendeu-lhe o indicador. Tambem eu já tive disso. Dor de canella, e da bôa!

— Não é. Juro por Deus!

— Então que é?

— Medo, s'á Dionysia. E' medo.

— Medo!? Medo de que, criatura? Está tudo socegado. Não se fala mais em prisões. Medo de que?

— Ha tanta maldade neste mundo, s'a Dionysia... Tanta! Depois... a senhora não vê? são desastres todos os dias, uns atraz dos outros, crimes... Eu, outro dia, já não gostei de achar a camisa delle manchada de sangue. Perguntei se tinha se machucado, se havia brigado. Nada! E' um homem exquisito como a senhora não imagina. Por mais que eu lide para lhe arrancar uma palavra, é escusado: não fala.

— São burros. E' como o meu. Mette-se a um canto a pensar, a matutar e acabou-se. A's vezes nem janta. Burros!

— Não. Em Manoelzinho é tristeza, tristeza á tôa, não sei. Porque, não é por falar, mas se a senhora quer ver uma criatura de bom coração é aquella. E' capaz de tirar a camisa do corpo para dar a um pobre. Mas tambem genio, Nossa Senhora!... genio é ali! Porque é que eu evito sahir com elle?

Queima-se com qualquer coisa. D'isso é que eu tenho medo. Uma vez, quando moravamos no Pedregulho, só porque, uma noite, num *mafuá*, um moço boliu commigo... a senhora não imagina! Foi um tal tempo quente que eu não sei mesmo como não fomos parar na Policia. E' uma furia! Isso é que me dá que pensar, o mais, não. Ciume de mulher... Encolheu os hombros esticando o beiço em gesto de desprezo. Depois o serviço delle sempre de noite, até as tantas... Sei lá! Só peço a Deus que tenha pena de mim.

— Elle é da Policia, não? perguntou Dionysia com mysterio.

— Olhe, s'a Dionysia, para falar verdade, eu mesma não sei. Acho que é. Mas como eu lhe disse — elle não fala. Chega sempre de madrugada, ás vezes já com o sol fóra, cançado que faz pena; toma uma chicara de café, que elle mesmo faz na machina, deita-se e é um somno de pedra. Quando acorda vai logo brincar com o filho. E' doido por elle. De dia sahe pouco. Aqui fóra mesmo é raro apparecer. Não se dá com vizinhos, sempre mettido comsigo. Amigos... que eu conheça só um, Tito. Esse mesmo ha muito que não apparece. Acho que foi p'ra fóra.

— E para a senhora?

— Para mim? Olhe, eu lhe digo — eu não podia encontrar homem melhor. Nisso não tenho inveja de ninguem. Fui casada, como a senhora sabe, nunca tive razão de queixa de meu marido — homem serio, trabalhador, mas felicidade, felicidade eu vim conhecer na companhia de Manoelzinho. Nunca teve um mau modo, uma palavra pesada; não é homem de beijos nem de abraços, isso não é, mas é o que eu quero, custe o que custar. Se eu trabalho, acredite, é contra a vontade delle. Mas eu não sei estar á tôa, com uma mão atraz, outra adiante. Hei de fazer sem-

pre alguma coisa. E' assim. Tão bom, póde haver. Melhor, duvido.

— Então porque ha de estar a senhora ahi imaginando coisas? Deixe lá o homem.

— Se eu lhe contasse os sonhos que tenho tido ultimamente...

— Sonhos... e a senhora dá importancia a sonhos? Sonhos são brincadeiras do somno. Se eu me fiasse em sonhos estava arranjada.

Escurecia. Rolos de nuvens cor de chumbo sotopunham-se no ceu como fumarada de incendio que viesse vindo de traz do monte. Um calor de fornalha subia da terra secca. Começou a soprar uma bafagem morna. De repente foi um bater estrondoso de portas e janellas, fraldejar de roupas nas cordas, torvelinhos de folhas seccas e papeis; a poeirada espessa. Palmas de coqueiros vinham pelos ares como pennas de aves gigantescas. Surdos, trovejantes rumores precediam a tempestade annunciada pelo calor estuante do dia de uma luz amarella de fogueira.

Carroças entravam aos tropellões solavancando na buraqueira do pateo, esbarrando em calhaus rolados da pedreira escalavrada. Tendas de canteiros, soltando-se dos pegões que as prendiam ao solo, trapejavam estaladamente com a furia da ventania.

As lavadeiras corriam em alvoroço retirando as roupas das cordas, recolhendo-as do coradouro. Acudiam crianças de todos os lados como aves acossadas demandando os ninhos. E entravam ambulantes caminhando a trote sacolejado — quitandeiros com os cestos averdurados, peixeiros e operarios. Era continuo o taroucar de tamancos e, com o grasinar do falario assustado, misturava-se o latido alegre da cainçalha que parecia divertir-se com a espavorida balburdia.

Burros soltos espojavam-se na poeirada ou reuniam-se em volta do bebedouro. Relampagos fremiam, lividos. Appareciam mulheres ás portas das casas ansiosas pelos maridos e os trovões aproximavam-se soturnos; coriscos laivavam o bruno do ceu.

Isolina e Dionysia desciam juntas equilibrando á cabeça trouxas de roupa, quando um velho quitandeiro, que estivera á porta conversando muito afreimado, ao ver Isolina estacou surpreso. Tirou o cachimbo da boca e ficou-se a olhar franzindo, desfranzindo o rosto em esgares. De repente, como se respondesse a uma pergunta, curvando-se diante de Isolina, atirou-lhe como um escarro á face:

— Foi preso... Eh! Preso!

— Quem? perguntou Dionysia intrigada. O velho sacudiu a cabeça arremettendo de queixo, como em esporada a Isolina. Então, arriando os cestos, afastou a tampa de um delles, desatafulhou um jornal amarfanhado e, abrindo-o, mostrou-lhe na primeira pagina, entre extensos dizeres em grandes letras negras, o retrato do amante e, em baixo, uma mulher de borco aos pés de uma cama revolta.

Isolina estremeceu reconhecendo Manoelzinho e, no arrebatamento com que se precipitou, arrancando o jornal ás mãos do velho, a trouxa tombou-lhe da cabeça rolando em um lameiro.

Chegando muito aos olhos a folha, tremia boquiaberta encarada na gravura, no seu «homem» esgargalado, de catadura feroz, como o vira na scena do *mafuá*, tal qual. Subito, levando ás mãos á cabeça, a apertá-la, a sacudi-la desesperadamente, rompeu em pranto e, dirigindo-se a Dionysia, que se estatelara em espanto, recordou-lhe:

— Eu não lhe disse que estava com medo dos meus sonhos? Não disse? Está ahi! Mataram o meu pobre Manoel! Mataram Manoelzinho! Coitado! Um

homem tão bom, que não fazia mal a ninguem!... Sentindo a indignação de todo o cortiço, Dionysia afastou-se sorrateiramente, aproveitando-se da angustia da companheira e, ganhando distancia, apressou o andar rebolido, a fugir, com as saias em revoluteio ás lufadas do vendaval.

Ouvindo-a em taes exclamações o quitandeiro olhava em volta, airado, como á procura de alguem. Apezar da ameaça do tempo gente apinhava-se em grupos commentando o caso. Crianças corriam com a noticia, apontando Isolina que se lastimava, interrogava o velho agarrando-se-lhe aos braços em frenesi.

— Mas porque foi? Diga, pelo amor de Deus! Porque foi que o mataram? O velho, então, com um riso idiota no carão moreno, rilhado a traços que se vincavam a mais e mais, desabafou:

— Não... E com o grosso dedo sujo, de unha negra, mostrou os titulos, a figura tragica da mulher tombada numa poça de sangue, junto á cama. E disse: Ella, não. Foi elle que matou... e é o matador de mulheres. Não está vendo ahi? Elle está preso. Confessou tudo. Essa foi a terceira. Era russa, d'essas... Elle está preso. Isolina olhava estarrecida, sem comprehender o que ouvia:

— Manoelzinho?... Matar? Não! Digam o que disserem. Não acredito. E logo uma mulher. Ainda se fosse em briga... Não! Manoelzinho, não.

Grossas gotas apedrejaram o solo. Uma muralha baça avançava com um surdo rufo. O quitandeiro agachou-se, tomou aos hombros o pau de carrego e foi-se a tróte, sacolejando as cestas. E a chuva desabou torrencial, com estrondo. E dentro do ambiente fosco, esfusiado a relampagos, Isolina bradava desnorteada, sem sentir a tempestade que a zurzia a vergalhadas dagua, cada vez mais rispida, trovejada estrondosamente a detonações de raios.

CONSPIRAÇÃO

— Não sei de conspiração mais ardilosamente urdida do que essa de que foi victima, e ainda o é, o pobre velho. Um novo Lear e mais assediado do que o outro, porque, se não tem os genros, tem a mulher, a filha e um *medium*.

— A mulher conheço eu: é uma especie de walkiria com cabeça de Medusa.

— Qual walkiria! Não injuries as amazonas aereas — é uma virago horrenda, bruxa de quimbandes, sempre com mandingueiros, frequentando candomblés suburbanos e pagelanças ahi por esses morros. De uns tempos a esta parte metteu-se a espirita e celebra sessões em casa, não por fé, mas com o fim unico de dar cabo do que resta de juizo na cabeça do marido, se é que ainda ha vislumbre de razão naquella cachóla avariada. Porque me olhas assim espantado?

— Pois tu! exclamou Viveiros cruzando os braços e encarando Maximo com ar de assombro. Tu, falando contra o espiritismo!

— Perdão, eu não falo contra o espiritismo. De resto, mais uma vez o digo, e não cessarei de o repetir: os que me tomam por espirita enganam-se. Eu sou o que sempre me inculquei — um curioso que ronda uma cidade mysteriosa, de altas muralhas, den-

tro das quaes ha uma população como a do paiz cimmerio. E' uma Troya.

— A' espera de um Ulysses com um cavallo de pau.

— Não, á espera de um predestinado que descubra a chave do arcano para abrir a porta que nos separa da outra Vida.

— E tu ainda não encontraste brecha ou fenda nas muralhas por onde, ao menos, espiasses o que se passa dentro de tal cidade?

— Não. Sinto entretanto, que ha nella vida.

— Vida ha em tudo, meu amigo. Os cadaveres, quando apodrecem, refervem em vermes: vidas que sahem da morte. A materia reproduz-se por transformações successivas. O homem é larva.

— Larva, dizes bem. A borboleta é a alma: Psyché. Mas deixemo-nos de philosophia de algibeira. Vamos ao caso do commendador Marcello. Viste-o?

— Creio que sim. E' um jagodes achaparrado, calvo, com uma beiçola trombuda que lhe dá o aspecto de um botocudo, olhos de carneiro morto...

— Imbecilisado. E' esse mesmo. Pois foi um homem! digo-t'o eu; uma das figuras de maior realce do nosso commercio. A primeira firma em ferragens e tintas. Está reduzido ao que viste: um frangalho que trambolha pela casa, servindo de joguete á familia e a um tal Fabiano, que se diz *medium*, refinadissimo patife, que já devia estar numa cella correccional. Anda por ahi a policia á caça dos vendedores de cocaina, opio, diamba, ether e outras drogas, e deixa livres esses envenenadores d'almas e profanadores de uma sciencia que começa a surgir e que será a grande Verdade em dias proximos, a «Bôa Nova» esperada pela Humanidade. Os que se interessam sinceramente pela metapsychica não podem

aceitar as praticas de que se servem os mystificadores, que são hoje legião. Fabiano é um dos taes que vivem á custa da ingenuidade dos simples, illudindo-os com passes e fantasmagorias, invocações de mortos, prodigios que só podem ser tomados a serio pelos papalvos que lhe frequentam a casa que, segundo affirmam, é uma verdadeira gruta de necromancia, como a caverna de Endor. Fabiano foi o instrumento de que se serviram as duas criminosas mulheres para reduzir o commendador ao estado em que o viste. E como? de um modo que seria comico se não fosse horrivelmente tragico. Contou-me a lugubre historia o Estevão, meu actual *chauffeur*, que foi criado do commendador. Despediram-no porque o rapaz, que estimava o velhote, um dia revoltou-se contra a tortura que lhe infligiam e, como o tal *medium* lhe sahisse com arrogancias, respondeu-lhe com um par de taponas que o deixaram de cara á banda. Eis o caso tal como me foi contado. As duas mulheres, irritadas com a sovinice do velho, que trazia sempre o seu dinheiro bem contado, resolveram domá-lo e puzeram-se a estudar o melhor meio de o fazer até que lhe descobriram o fraco e entraram por elle a fundo.

Arredado do negocio, mas com o habito da ordem, o homemzinho ás seis da manhan já andava pela casa, a ver uma coisa e outra, a arrumar gavetas, a arrolar papeis, pondo cada objecto em seu lugar e ninguem lhes tocasse, que isso o fazia dar por paus e por pedras. Se lhe desapparecia qualquer coisa vinha o mundo abaixo e, emquanto não davam com o objecto não havia descanço em casa — era a familia, eram os criados, tudo em alvoroço por uma tesoura de unhas, um lapis, uma carta antiga, uma simples nota, fosse lá o que fosse. Pois foi por essa mania que entraram os conspiradores.

Começaram a sumir objectos — um hoje, outro amanhan... e o velho pelos cabellos. Um dia desappareceu-lhe uma espátula de tartaruga, espátula com que, momentos antes, elle abrira uma carta. Escusado é dizer que a casa foi revirada canto por canto, movel por movel. O que houve não me disse o Estevão, mas é facil adivinhar — suggestão das mulheres, preparo habil da alma do pobre velho para a traça do intrujão.

Na noite seguinte lá foi elle para a primeira sessão, a portas fechadas. E a espátula appareceu em um canteiro do jardim. Depois da espátula foi uma serie de coisas e o *medium* fez-se da casa, ficou como empregado, com obrigação de receber bons espiritos que indicavam os sitios onde os obsessores occultavam os objectos. O que, com taes manobras, elle perdeu e nunca mais achou, nem achará, foi o juizo. Lá está como o viste — uma sombra a errar pela casa, enxotando espiritos, seguido sempre do *medium*, que o defende dos taes obsessores. E lá anda elle a procurar coisas perdidas, e o *medium* a engordar, a encher-se de dinheiro, emquanto as duas mulheres, que compraram um *landaulet*, vão a tudo em grande luxo — a chás, a espectaculos, corridas, jogos, gastando a mãos rotas o que o velho ajuntou em quarenta annos de trabalho pertinaz. E elle, o coitado, não come, não dorme, não pára, sempre pela casa resmungando, coscovilhando, a procurar coisas imaginarias que os taes obsessores (a mulher e a filha, já se vê) escondem e o que o *medium*, com os seus auxiliares do Além, logo descobre.

Que merece tal sucia? E é assim que se mata uma sciencia no nascedouro, como se pisa e acalcanha um rebento mal sahido do germen.

Não me insurjo contra o espiritismo, ou metapsychismo, que é uma pesquiza honesta, revolto-me,

sim, e protesto contra os que o exploram, contra os profitentes, que os ha em todas as seitas, em todas as religiões como ha parasitas nas arvores mais fortes.

— E são os unicos que lucram em tudo isso.

— Os unicos, não! A melhor parte será sempre a dos honestos. Nem todos são da laia daquelle Fabiano e daquellas mulheres. Phariseus ha-os em toda a parte... Mas vamos ao nosso chá. São horas.

A' HORA DO «RADIO»

O que impressionava naquelle homem não eram propriamente as palavras, mas o tom, a serenidade com que elle as pronunciava vagarosamente, formando as phrases como um enxadrista meditado dispõe com segurança calculada as pedras no taboleiro.

Quando elle começou a falar fez-se-lhe em volta um silencio religioso. As proprias senhoras, que sempre cochicham e acham motivos para sorrir, acotovellar-se á socapa, trocar olhares criticos, ainda no discorrer dos mais graves assumptos, mantinham-se quietas, attentas como se ouvissem um oraculo. E elle dizia:

— Duas causas concorrem para a desordem que, de uns tempos para cá, observamos no mundo e na vida — uma physica, outra espiritual. Estamos assistindo a um combate comparavel ao que, segundo a mythologia, provocaram os titans, filhos da Terra, contra Zeus e o Olympo e os povos biblicos com a desmedida mole com que pretenderam chegar ao ceu.

Sabe-se o que aconteceu aos gigantes e aos homens — uns foram fulminados a raios, ficando soterrados sob as proprias montanhas que escalonavam; aos outros, confundiu o Senhor as linguas, de modo que, por se não entenderem, tiveram de suspender

a obra de tanta arrogancia. Como havemos nós de explicar essa serie continua de cataclysmos que ameaçam subverter o mundo — cyclones, terremotos, enchentes de rios, erupções vulcanicas, descidas de gelos polares, quedas de aludes, que sei eu! senão como represalia dos poderes divinos contra o que o homem está realisando, cada vez com mais audacia? Os oceanos, dantes apenas aflorados na superficie ou, quando muito, penetrados por mergulhadores em demanda de perolas, são agora varejados nas suas profundidades obscuras por submarinos. O espaço tornou-se accessivel ao homem, que por elle anda como o passaro e a nuvem. As forças occultas da natureza são hoje conquistas servis que executam docilmente tudo que dellas se exige. A atmosphera presta-se a conduzir o som, as palavras.

Hermes, o antigo, mensageiro dos deuses, com azas no galero e no calcaneo, faria tristissima figura, com o seu caduceu, se tentasse disputar velocidade com as antennas transmissoras. Os sons transitam de um paiz a outro com a celeridade do pensamento — os antipodas podem conversar ou fazer ouvir os seus cantares e musicas como o fazem, no campo, pastores em malhada, reunidos em volta de uma fogueira.

Ora, meus amigos, a Natureza reage contra os que a violam. Isis não consente que se lhe arranque o veu da face e os que tentam tal profanação pagam caro o atrevimento.

Se os mortos millenares se rebellam contra os que invadem os hypogeus, onde jazem, como vimos com os que trouxeram da escuridão ao sol a mumia de Tut-Ank-Amon, quanto mais as forças vivas, as forças eternas que nos cercam, servindo-nos, mas livremente, mysteriosamente e não escravisadas como as queremos ter.

Até onde pretende levar o homem a sua audacia? Pelas minas desce elle ás mais profundas entranhas da terra, abysma-se nos mares, eleva-se em vôo ao ether e já cuida em traçar roteiro para communicar-se com os planetas, seguramente com o plano interesseiro de os conquistar, senão como presa, ao menos para nelles criar mercados e implantar os seus costumes e habitos, estragando-os de uma vez. Pois essas catastrophes, que abalam o nosso velho mundo, para mim não são outra coisa senão revoltas da Natureza que reproduz vingança, como as tomaram Zeus e Iahvé, nos tempos primitivos, contra os hecatonchiros e os filhos de Cain.

O homem não se contenta com o que teve, porque não consta que Deus lhe houvesse dado direito sobre toda a creação, limitando o dote ao Paraiso e ao que no mesmo se continha. O homem está querendo mais do que deve e, para obter o que a ambição lhe suggere, furta a Deus, como pretendia fazer com o fogo o que foi agrilhoado no monte, deixando, todavia, o exemplo da sua insubordinação temeraria para que os homens o imitassem, como o estão imitando.

A terra, o ar, as aguas estão impregnados de fluidos, fluidos que foram attrahidos ao nosso *habitat* e que, dentro em pouco, tornarão o mundo inhabitavel.

Não ha muito revoltamo-nos contra a cadeira electrica, na qual a Justiça *yankee* assentou tres condemnados, e estamos preparando um ambiente electrisado para viver até que um curto circuito, ou outro destempero qualquer, dê com tudo isto em pantána. E será a victoria da Natureza.

— Acha o senhor, então, que estamos arriscados a desapparecer?

— Tão certo como nos acharmos aqui no mais elegante e civilisado salão do Rio, atordoados pela vitrola do vizinho, emquanto o Sallustio prepara o radio para ouvirmos o concerto que hoje realisa, em Nova York, a nossa Guiomar Novaes.

Houve um instante de silencio em que todos pareceram recolher-se meditando as tragicas palavras do homem impassivel. A vitrola do vizinho atroava á noite com a voz posthuma de Caruso.

Por fim uma das senhoras perguntou:

— E a outra causa, a espiritual, que concorre para a desordem da vida?

— Ah! sim... a grande guerra. Li, não sei onde, um commentario que me impressionou profundamente. E eu não sou dos que se impressionam com qualquer coisa.

Como sabem, contam-se por alguns milhões os combatentes que pereceram na guerra. Os espiritos, ou almas de taes heroes, espalharam-se no espaço como se dispersam, attonitas, as abelhas quando lhes crestam o cortiço. E esses enxames d'almas, partidas antes de haverem completado o seu destino na vida, almas violentadas pela morte, erram, vagueam atordoadas, procurando pouso onde assentem para cumprir a genitura que traziam. Que resulta de tamanho desbarato, de tamanha confusão? resulta o que vemos: a desordem moral no mundo.

Como póde haver calma onde esvoaça toda uma vespeira? Como póde haver tranquillidade em um ambiente alvoroçado de espiritos?

E até que todos assentem, reentrando em novos corpos, resurgindo em novas vidas, reencarnando-se, digamos, o mundo ha de resentir-se da tumultuosa confusão e só repousará com o Renascimento ou volta á vida dos que della partiram de surpresa,

expulsos antes de haverem realisado a missão em que haviam baixado.

Assim se explica o que vemos, o que soffremos, o torvelinho em que nos atordoamos, o cháos em que nos debatemos, as crises que deflagram aqui, ali, alhures atormentando o Homem com os males da fome, do frio, das enfermidades, da desharmonia e com o desvairo.

— E não lhe parece que tambem concorrem para esses males a cocaina, a morphina...?

— O cinema, resmungou uma matrona enfesada...

Felizmente Sallustio interrompeu a palestra annunciando que o radio estava prompto e em communicação com o Metropolitano de Nova York, onde Guiomar Novaes realisava o seu primeiro concerto da estação.

O PRINCIPE LEPROSO

Dos soberanos da terra, o mais feliz entre os felizes, era, sem duvida, o do reino dos Arómatas, paiz de tão ameno clima e de tanta fertilidade que todas as producções, desde as que pedem ardencia de sol, e só medram nos tropicos, até as que exigem o rigor mais aspero das neves eternas, nelle eram em tal abundancia que os seus portos estavam sempre atravancados de navios, carregando para todas as partes do mundo cereaes e ouro, frutos e rebanhos, lenhos de aroma, essencias e ainda perolas que mergulhadores traziam do fundo do mar, gemmas extrahidas das rochas ou tomadas nas areias dos rios e sedas e tapeçarias em que eram eximios os seus artistas.

A numerosa esquadra e o exercito de dois milhões de guerreiros garantiam a paz do reino, mantendo á distancia os que o olhavam cubiçosamente. Não havia esse, ainda o mais humilde, que se queixasse de penuria, porque, na abundancia, as obras eram tantas que o dá-las de mão a mão era tão natural como o transbordo dos rios nas cheias do inverno.

Não eram, porém, taes riquezas que attrahiam para o reino a attenção do mundo, senão o que se dizia da belleza do principe herdeiro.

Aos seis annos taes eram nelle os encantos, que vinham forasteiros de além mar, affrontando perigos de escolhos e tormentas, para terem o prazer de o ver e admirar quando, de manhan e á tarde, para alegria do povo, elle apparecia entre alas e pagens, no alto terraço do palacio.

E tamanha era a impressão que de tal vista levavam que iam pelo mundo espalhando louvores á belleza do principe maravilhoso.

Um dia, porem, ao entrar na camara em que elle dormia, e ao tomá-lo nos braços para beijá-lo, a rainha descobriu-lhe nas faces estranhas manchas vermelhas, como duas rosas que nellas houvessem nascido.

Duas rosas!... Os deuses ciumentos, sentindo que o principe lhes prejudicava o culto, porque o povo, em vez de ir aos templos, accorria ás immediações do palacio, resolveram destruir a obra perfeita, em que tanto se haviam esmerado para premiar a virtude dos reis, que eram justos e generosos. E o principe, de um dia para outro, todo se cobriu de uma crosta asquerosa, tornando-se quasi negro e inchado, ficando-lhe o corpo como o de um afogado que se retira dentre os luridos juncaes de um lago: roxo, tumido e picado dos peixes. Era a lepra.

Desde então a alegria desertou o palacio, em volta do qual foram as patrulhas redobradas, afim de que ninguem nelle entrasse nem sahisse, e o lugubre acontecimento jazesse em segredo.

O povo, porem, não vendo apparecer o principe, entrou a desconfiar do resguardo e logo, por toda a parte, foram murmurações, murmurações que subiram de ponto no dia em que um palanquim fechado atravessou apressadamente a cidade, em direcção ao palacio, entre cavalleiros armados de lanças e de alfanges.

Quem seria? As conjecturas succediam-se, nem uma, porem, acertada. Fossem lá adivinhar que o occulto do palanquim era um astrologo, que lia na luz das estrellas e que fôra chamado para consultá-las sobre a doença do principe.

— Ficará curado e com toda a belleza, disse o mago, depois de quatro noites de vigilia na torre mais alta, se o banharem em lagrimas nascidas num coração.

Tresentas embaixadas foram expedidas em demanda de tão difficil remedio, com promessas de honras e riquezas e carta branca para praticarem tudo quanto fosse necessario para acquisição da mysteriosa medicina.

E os emissarios partiram, cada qual a seu rumo.

A ansia em que ficaram os reis fazia que os dias lhes parecessem mais longos e revoltavam-se contra a morosidade do sol, que tanto custava a esconder-se atraz das montanhas. E as noites pervigilas, como se arrastavam nas horas!

Uma manhan, porém, atalaias que vigiavam nas muralhas da cidade, annunciaram a chegada de tres apenas dos enviados, que, do restante, nunca mais houve noticia.

O primeiro introduzido em palacio, prostrando-se reverentemente ante o throno, falou em palavras confiantes:

— Majestades, com as ordens de que me armastes, abri milhares de peitos arrancando de todos o coração palpitante. A dizer verdade, por mais que esvurmasse, em nenhum achei lagrimas. Trouxe, porem, as que recolhi dos olhos dos que choravam pelos martyrios de que eram testemunhas — lagrimas de mãis, de esposos; lagrimas de irmãos e de filhos. Com ellas, tantas foram! enchi cem odres. Experimentai-as no principe e praza aos deuses que o sarem.

Não faria tanto o pez fervente como fizeram as lagrimas trazidas pelo primeiro enviado. As feridas do principe abriram-se-lhe sangrando e a pelle descollou-se-lhe do corpo, deixando-o em carne viva, como fica a rez esfolada pelo magarefe.

E a um aceno do rei a cabeça do enviado rolou no tapete a um golpe cérce do alfange do carrasco.

E o segundo emissario adiantou-se sobre o sangue, ainda quente, do primeiro e, prostrando-se ante o throno dos reis, disse mostrando um renque de amphoras transbordantes de lagrimas:

— Majestades, não houve crueldade que eu não praticasse por amor do principe, gloria da nossa raça. Se souberdes de campos incendiados, de cidades arrasadas, de morticinios em massa, de loucura de mãis, de suicidios de esposos, de desesperos de orphãos, não pergunteis pelo causador de tantos males, que outro não foi senão quem vos fala e que tudo fez pela obediencia que vos deve. Se eu derramasse o que trago em odres, que sobrecarregaram cem dromedarios, inundaria de lagrimas este salão e ellas correriam pelas escadas como se precipitam por pedras as aguas das cachoeiras. Praza aos deuses que tantos soffrimentos aproveitem ao principe, mais do que aproveitaram aos corvos, que se regalam na carnificina.

Se fossem lavas inflammadas o que continham as amphoras do segundo emissario — não teriam arrancado tantos e tão desesperados gritos ao enfermo como arrancaram.

E o carrasco, pela segunda vez, vibrou, a duas mãos, o alfange, fazendo rolar no tapete a cabeça do enviado.

E foi a vez do terceiro.

Era um jovem, lindo e airoso, meigo de feições e simples. Quando elle se adiantou para o throno,

o astrologo, que assistia junto aos reis, sorriu de bôa sombra. E o mancebo falou:

— Majestades, inclino-me á vossa clemencia, só ella me poderá salvar, porque o que trago é tão pouco que nem sei se terá resistido ao calor escaldante do deserto. E tirando do seio um pequenino frasco de crystal, tão pequenino que talvez não pudesse conter agua bastante á sede de uma cigarra, disse:

— Atravessava eu o deserto quando, no mais intenso calor do sol, abrasado em sêde, avistei um bosque de palmeiras. Nem foi necessario estimular os animaes porque, ao farejo dagua, todos a uma, lançaram-se a galope. Era um fresco oasis pelo qual serpeava um corrego e, entre as palmeiras, á beira dagua sonóra, uma mulher amamentava uma criança. Um mau espirito falou dentro de mim:

«Toma o teu kandjar e degolla o pequenito e as lagrimas que por elle chorar a mulher serão a medicina que buscas, porque as lagrimas das mãis nascem no coração.»

Investi á infeliz e ia a ferir o infante quando a coitada se me atirou aos pés, offerecendo-se-me para morrer pelo filho. Commoveu-me tanto a desventura da pobre mãi que não tive forças para desfechar o golpe e, lembrando-me de um filho pequenino, que eu deixara ao collo da minha esposa, chorei e... perdoei. E são as minhas lagrimas que aqui vos trago, tão pouco é, á vista do que vos trouxeram os outros, que nem coragem tenho de vo-las entregar.

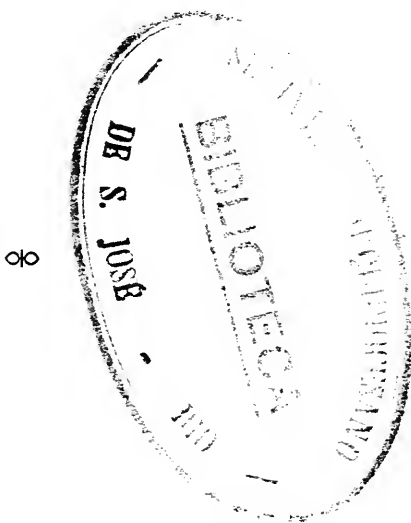
— Entretanto é necessario que o faças, disse o astrologo, que a tudo assistira mudo, de pé, junto ao throno dos reis e, tomando o pequeno frasco, foi-se com elle á camara. Humedecendo, então, os dedos, tocou, de leve, o rosto do leproso e logo, como em relampago, a pelle negra e apostemada cahiu-

lhe aos pés e o principe reappareceu como dantes — bello como um deus e sorrindo.

E a rainha, lançando-se-lhe aos beijos, maravilhada do que via, exclamou:

— Como poude tão pouco pranto, pouco mais que tres gotas, fazer o que não conseguiram tantas lagrimas!?

— E' que esse pouco, senhora, disse o astrologo, veiu da Piedade, do mais intimo do coração, e as outras lagrimas gerou-as o soffrimento, e só podiam aggravar o mal, como aggravaram.

E foi assim que o mancebo, que se julgava perdido teve em honras e riquezas o premio da sua Bondade.

A ENFERMEIRA

— Isto não é de cavalheiros, protestou Amynthas pondo-se vivamente de pé e, perlongando o salão a largas passadas, insistiu: Não é de cavalheiros, tenham paciencia. Se aqui houvesse uma mulher capaz de defender o Sexo com a eloquencia de Portia ou com o argumento decisivo que deu a victoria á Phrynéa...

— Isso querias tu!

— ...eu não me constituiria advogado *ex-officio* da accusada. Mas o que ahi ha são apenas imagens de mulheres, mudas, como o Moysés de Miguelangelo: umas, em telas, outras em marmore, como a Venus que ali está, de cocoras; ou de bronze, e só em cabeça (disparate em se tratando do sexo feminino) como a arrogante Diana de Falguières. Estão vocês a imitar Salomão, Euripides e outros misogynos despeitados. Não é generoso. Nenhum de vocês, garanto, seria acolhido á tavola do Rei Arthur.

— Ah! sim... o Rei Arthur contentava-se com o seu socio — Lançarote. Bom exemplo nos trazes. E' verdade que a sua admiravel esposa chamava-se Genebra e foi, talvez, pelo nome que a generosa dama lhe subiu á cabeça enchendo-a de furunculos escandalosos. Mas continúa. Estás com a palavra.

— Sim, estou com a palavra e com a razão. Eu

podia confundir-vos a todos narrando casos admiraveis de virtude e abnegação de mulheres.

— Ahi vens com a Poesia: Sita, Antigone, Imogenia, Marina...

— Não. Não me valerei da Poesia, que é o recurso supremo. Tenho á mão prova recente, colhida na minha propria vida. O caso que vou referir data de pouco tempo, é contemporaneo da grippe, da qual não estou ainda de todo curado. Cyro, que se levantara para guardar os originaes do poema, cuja leitura tantos applausos provocara, fez retumbar o *gong* para que o criado restaurasse a cratéra, onde não restava gota do *punch*, com que fôra deliciosamente regada a hora litteraria. Decio, da ottomana, onde se espichara, a fumar, reclamou em voz languida:

— Continúa, Amynthas. Dá-nos esse caso unico. E' possivel que, ouvindo-o, eu me reconcilie com o sexo, do qual, ha tanto, ando divorciado. Fala-me da hypocrisia. O thema presta-se excellentemente para uma palestra intima, em noite fria e de chuva, como esta.

— A mulher é o unico ser que se renova na vida, todos os mais repetem-se. A mulher é sempre nova, declarou Amynthas com solemnidade emphatica.

— Endossas a opinião de Michelet, que até declarou não haver mulheres velhas, certamente porque todas lhe escondiam a certidão de idade. Mas vamos ao caso, emquanto não se renova o *punch*. Precisamos de alguma coisa que nos aqueça.

— Tenho profundo conhecimento da mulher.

— Eu não sabia que gostavas de explorar abysmos.

— Não me interrompas, que diabo! Olha, Cyro, acho melhor mandares suspender o *punch*.

— Fala. Ante tal ameaça prometto ouvir em silencio, declarou Decio.

— Em mais de mil mulheres de varias raças, que tenho conhecido e conversado, não encontrei dois exemplares da mesma edição.

— Naturalmente: pais differentes.

— Não: almas, almas differentes. Conheci heroinas da tempera de Penthesiléa, dedicações como Antigone, monstros comparaveis a Clytemnestra, Athalia, Phedra e Fredegunda, amorosas do typo lyrico de Julieta e devassas do erotismo aphroditico de Messalina; mulheres mais perfidas do que os horizontes dos desertos onde se reflectem as miragens e outras tão verdadeiras como a propria Verdade.

— Em que poço ou cisterna as encontraste, ó Grão Turco?

— Não troces. Falo serio. De tantas criaturas heterogeneas que me passaram diante dos olhos a que mais me impressionou foi certa menina e moça (valho-me da expressão feliz de Bernardim Ribeiro) que conheci em Petropolis e com a qual me acamaradei ao tennis. Linda como Venus e agil como Atalanta. E que espirito! Que cultura! Fala seis linguas.

— Misericordia! Uma mulher com seis linguas...

— Da sua elegancia basta que eu diga que ella levantou o premio de attitude no concurso aberto por uma revista de arte. Mas o que nella eu mais admirava era a independencia.

— Uma mulher livre, como o 7 de Setembro.

— Não respondo a tolices. Continuamos aqui a nossa camaradagem.

— Dize antes: *flirt*.

— *Flirt*, porque não? Afinal, que é o *flirt?* um pouco de aroma que se respira da flor sem destacá-la da haste.

— Mas ás vezes desfolhando-a.

— Vocês não ignoram que estive ahi uns tempos mal, com febre alta, dois medicos á cabeceira. Pois, meus caros, uma tarde — foi isso em começos da minha convalescença — estava eu a ler Verlaine quando o criado me entrou no quarto com um pequenino cartão de visita que, pelo perfume que exhalava, mais parecia uma petala de flor. Vocês não podem imaginar o meu espanto quando nelle vi o nome da tal Senhorita. Está ahi?! perguntei ao criado.

— Sim, senhor.

— Com quem?

— Só.

— Só!? Hesitei em recebe-la. Em um hotel... vocês comprehendem. A Opinião Publica é o diabo... e tem agentes em toda a parte. Tornei ao criado: Não lhe disseste que estou doente, de cama?

— Disse. Ella sabe e, justamente por isso, faz questão de entrar. Quer vê-lo. Mandei pôr ordem no quarto e... Que havia eu de fazer? *Ce qui femme veut...* Entrou. Soubera da minha enfermidade em casa do Durval e, desde logo, decidira-se áquella visita. O meu pobre quarto illuminou-se e aqueceu-se com a sua presença e o perfume que por elle se espalhou foi como o da explosão de uma primavera.

— Não ha perigo maior do que aroma de flor em quarto fechado. Dá-nos exemplo disso Zola com a morte de Albina no Paradou. E quantos annos tem essa beldade?

— Dezoito, se tanto.

— Ainda sob a tutela do codigo. Perigo.

— Perdão, essa menina é uma virtude e eu sou um homem de caracter.

— Deixemo-nos de phrases. Não ha caracter que resista a investidas taes. O caracter é humano e o homem não é de ferro. Cyro lembrou o caso de S. Jacopo, citado por Bernardes.

— O homem poderá fraquear, contestou Amynthas, a mulher, porém, quando é honesta não ha força que a vença.

— Força, não digo, mas ha razões que a dobram.

— Pois foram justamente as razões allegadas por essa menina que me convenceram da superioridade da mulher sobre o homem. Não sou timido, confesso, pois, meus amigos, diante della portei-me covardemente.

— Estavas doente, desculpou Cyro.

— Qual doente! Foi medo do escandalo. Fiz-lhe ver a imprudencia daquella visita compromettedora e, agradecendo-lhe o conforto que me levara, o bem que me fizera com a sua presença, mais animadora que a do sol, tão esquivo ultimamente e que, naquella tarde, por discreção, de certo, se recolhera mais cedo, pedi-lhe que se retirasse. Sabem como respondeu? «Retirar-me!? Por que? Que mal ha em que eu aqui venha e me demore um instante a seu lado, fazendo-lhe companhia? A Opinião Publica, já sei. Sorriu encolhendo superiormente os hombros. Diga-me: Na guerra, a enfermeira que presta soccorro aos feridos importa-se com os obuzes que passam uivando por cima dos hospitaes de sangue e com as bombas que despejam das nuvens os aviões? Não. Pois para mim os commentarios da Opinião Publica valem tanto como para as enfermeiras militares esses engenhos de morte. Se para cumprir o meu dever fôr necessario arrostá-la, arrosto-a pouco se me dando do que ella possa dizer. Estou aqui como enfermeira e, se fôr preciso passar a noite a seu lado para dar-lhe o remedio a tempo justo, passarei. Os obuzes que estrondem, as bombas que expludam. O perigo seduz-me». Escurecia. Voltei-me para a parede e accendi um phosphoro.

— Phosphoro? Para que phosphoro? Pois no teu hotel não ha ainda installação electrica? Em que espelunca te metteste?

— Não foi para alumiar-me que accendi o phosphoro.

— Então para que foi? Para fumar?

— Não. Para fazer subir o thermometro a mais de quarenta graus.

— E ella?

— Com febre tão alta... que havia de fazer? Tirou a peliça...

— Ah! bem... antes assim... Eu estava com medo de que fosses tu que lhe deixasses na mão a capa da covardia, como fez o pulhissimo José com a mulher de Putiphar. E depois?...

Nesse instante o criado entrou com a cratéra de prata em que flammejava o *punch*.

UM SORVETE

Começara o baile e o marechal, aproveitando-se da alegre agitação da sala, esgueirou-se sorrateiramente para gosar o havano que trazia entre os dedos e já o accendia, com delicia, quando uma faiscação piscante, como de vagalume, levou-lhe os olhos para a sombra que fechavam os ramos entrelaçados do jasmineiro, em um dos extremos do terraço.

Olhava a fito, perquirindo, quando uma voz, graciosa e languida, muito conhecida do seu coração, que a escutava de longe, de muito longe, do fundo dos seus sessenta e tres annos, annunciou a dona, que outra não era senão a linda Madame Lutecia.

— Que é isto, marechal? Aqui fóra, o senhor, o heroe do dia?

— Da noite, minha bôa amiga. O meu dia passou.

— Mas cheio!

— De saudades! Pediu licença e arrastou uma cadeira de vime para o canto discreto em que se refugiara a viuva, dizendo: Eis a unica vantagem que tiro da idade, que se sobrecarregou hoje com o peso de mais um anno. E deixem lá que não é pequena a vantagem.

— Vantagem?! Ah! de sentar-se junto de mim?

— Pois então?... E no escuro.

— Por isso não, marechal. A escuridão perdeu o prestigio, hoje tudo se faz ás claras, de modo positivo.

— Ou positivista, gracejou o velho militar.

— As trevas dissiparam-se com o *fiat* do Progresso.

— Menos nos cinemas.

— Ora... os cinemas... Os cinemas são escolas primarias ou, quando muito, escolas nocturnas para adultos. Mas sente-se, marechal. Sente-se. Está verdadeiramente delicioso o perfume deste jasmineiro.

— Estou fumando.

— Tambem eu.

— Mas diga-me: Não dança?

— Eu? Não. Prefiro fumar. O cigarro é um excellente par. Leva-nos pelo sonho em espiras de fumaça, nuvens como as que passeavam os deuses pelo Ether. Góso aqui muito mais do que na sala e forro-me ao tédio de ouvir banalidades ou descripções de jogos renhidos, e não sujeito os meus sapatos a serem pisados por pés gloriosos de celebridades pontapédistas. Não baixo o meu olhar, por isso prefiro os que pensam, os que têm a força no cerebro, aos que se impõem pelos pés.

— Quer, com isto, dizer que não gosta do esporte?

— Não, gosto e pratico-o, como me preoccupo com o esmero do corpo, o alinho do trajo e o mais que diz com a vida, quer como funcção, quer como representação, nem por isso, entretanto, ando sempre a falar em banho, em manicuras e costureiras.

Levou a cigarrilha á boca, deixando esfiar-se um filete de fumo por entre os labios entreabertos. Por fim, sorrindo, perguntou maliciosamente:

— Então quantos, marechal?

— Sessenta e tres, minha bôa amiga.

— Ninguem dirá.

— Digo eu, e eu só digo verdades, ainda que me custem, como essa. Daqui por diante é o deserto.

— O deserto é ardente e agitado... principalmente quando sopra o simun.

— Ah! sim... Infelizmente o deserto para onde me encaminho não é como o Sahara, onde verdejam oasis; o meu é o deserto de gelo, a solidão fria, desconfortavel, sem sol, o contrario do outro, que arde. E o calor, como sabe, é a vida.

— A mocidade...

— Sim, o deserto quente. São os dois que se extremam: no primeiro ardemos ao sol e ansiamos por um pouco de sombra, o abrigo de um oasis. No segundo, o que almejamos é... não direi um raio de sol, que isso não ha no pólo, mas um lume que nos aqueça, que nos conforte, que nos dê ao sangue um pouco de calor.

— O marechal exaggera.

— Não, não exaggero: digo o que é, o que sinto.

— E' pena que não haja aqui um thermometro. A columna daria razão a quem a tivesse. O mercurio não mente.

— Sim, não mente... quando o não forçam a mentir. Tive na Escola um condiscipulo que conseguia enganar os medicos fazendo subir o thermometro... á custa do cigarro.

— E o marechal porque não faz o mesmo com o charuto? O velho militar trincou o havano e, depois de um silencio embatucado, disse pausadamente:

— Não, minha querida amiga, taes artificios são sempre perigosos, ou o thermometro sóbe por si mesmo ou então... paciencia.

— Nunca pensei que o marechal fosse assim desanimado. Isso em militar não é bonito. Um cabo de guerra, como o senhor, morre, mas não se rende.

Experimente o charuto... E desatou a rir, um risinho ironico, malicioso, perverso. O marechal remexia-se na cadeira, cruzava, descruzava as pernas. Por fim, quebrando com a unha a cinza do havano, disse:

— Olhe, se eu tivesse de recorrer ao fogo pediria uma centelha a certos olhos que conheço, que luzem no escuro, como os dos felinos.

— Os felinos são ferozes, marechal e para atacá-los, principalmente quando se acham enfurnados, é preciso ter bôas armas, coragem e sangue frio. A coragem varia. Militares dos mais valentes tremem, ás vezes, ouvindo no escuro o estrepito do correr de um rato. Não sabe a lenda de Siegfried, o heroe que não conhecia o medo? Pois uma criada espavoriu-o atirando-lhe, em cima, no leito em que elle se achava, uma celha de agua fria com alguns peixinhos de tanque.

— E acredita a minha amiga que se me atirassem em cima um peixe...?

Um criado appareceu á porta do terraço com uma bandeja de sorvetes e, vendo brilhar na sombra a brasa do havano do marechal, adiantou-se com solicitude indiscreta. O bravo militar recusou. Lutecia serviu-se. Ao afastar-se o criado, ella sorriu e debicando o creme:

— Não imagina como eu gosto de gelados, principalmente numa noite quente como esta.

— Que pena eu tenho de não ser sorvete! suspirou o velho militar.

— Para que, marechal? O sorvete funde-se tão depressa...

ꝏ

NA TREVA

A um solavanco violento, que o atirou d'encontro á parede da camarinha, o homem despertou em sobresalto, sentando-se no leito, aturdido. Que haveria?

O vagão oscillava desabalado e rangia em desconjuntamento, rilhando mordentemente nos trilhos. Por vezes um chiado longo rechinava como esfervedura de ferro em brasa immerso nagua. A luz das lampadas vasquejava, ora em amortecimento, quasi extinguindo-se, ora accendendo-se em clarão intenso, como olhos que se abrissem em espanto.

E o comboio corria vertiginosamente em velocidade de despenhamento, rebolando aos colleios, atirando-se em voltas bruscas em rabear frenetico.

Ferragens estrepitavam entrebatidas, portas abriam-se como arrombadas, logo fechando-se de choque. O carro tremia como animal cançado.

O homem afastou a cortina da janella e olhou pela vidraça abrumada a noite, negra como um tunnel infindavel. Espectros de arvores, entrevistos em relampagos, recuavam espavoridos como se o terror se communicasse á propria natureza. Luzes passavam rapidas.

De repente um silvo estrangulado rompeu angustiosamente prolongando-se pelo silencio lugubre. Dir-se-ia um appello afflicto, clamor de soccorro bradado

desesperadamente ás cidades adormecidas, das quaes se percebiam as ruas pelas parallelas de luzes; ás povoações encostadas ás roças, ás proprias cabanas e casas de turma, á beira dos caminhos.

Estações passavam num fulgor instantaneo; e a treva adensava-se mais espessa, pingada de lumes amarellentos.

Havia alguma coisa de presago naquelle silvo que repercutia lancinantemente na escuridão. Estrondos surdos, rebôos cavernosos, estrepitos metallicos davam impressão de que o expresso corria sobre cascalhada, esmagando, triturando ferros e lapedo. Que haveria?

O homem voltou-se para a frente. Duas pernas balançavam-se no ar como de um enforcado, escorregavam, desciam e appareceu um busto arremangado. Era o passageiro do leito superior. Tocando no soalho foi logo commentando a furia daquella corrida,

— Isto é uma imprudencia! Esse machinista está louco. E, respondendo a alguem, que resmungara, confirmou. E'... E no estado em que está a linha, imagine o senhor. E' por isso que ha tantos desastres. Não se corre assim. E' demais. Ainda não consegui dormir.

— Nem eu.

— Ninguem. Estão todos por ahi acordados. A locomotiva bufava.

A impetos, com os violentos empuxões d'arranque, o carro chocava-se com os que o incluiam e eram trancos, baques nos para-choques, e um retinir trangalhante de correntes.

— E não ha aqui uma pessôa com quem se fale. Toca-se a campainha, é o mesmo que nada.

— Onde estará o guarda?

— Dormindo por ahi.

— E' isto. Vozes sussurravam pelo vagão adiante. Passageiros deixavam os leitos e, encarando-se sarapantados commentavam:

— Onde se viu uma coisa assim!

— Não sei que é isto! Não comprehendo. Senhoras protestavam. Crianças choravam. Um rapazola afoito propoz-se a quebrar o vidro para dar signal de alarma. Alguns passageiros interpuzeram-se:

— Não! Não! Pode ser peor. Deixe.

— Que horas serão? perguntaram.

— Quasi tres.

— Onde estaremos?

— Quem sabe lá!

— Se ainda houvesse aqui alguem que nos dissesse porque vamos assim. Deve haver alguma coisa.

— Atrazo, com certeza. E, num momento, todos os passageiros, uns de pé no corredor central, outros dos leitos, entraram a conversar com intimidade, aproximando-se instinctivamente.

E a velocidade cada vez maior. Os carros abalavam-se e, com o choque, os passageiros desequilibravam-se trambolhando uns sobre outros, agarrando-se á borda dos leitos superiores.

— E' demais! A um sacalão mais rispido um grito retiniu no vagão alvoroçado e, como em resposta, a locomotiva lançou novo silvo mais estridulo e tremulo.

— Vão ver que é algum machinista novo.

— Ou bebedo.

— Não duvido.

— Mas não se entrega a um machinista novo um trem como este. Depois não querem que haja desastres. Para tudo isto ir por ahi abaixo basta que um dormente dê de si, e no estado em que elles estão...

— O senhor acha? perguntou uma senhora passando a cabeça por entre as cortinas do leito.

— Mamãi... Mamãi... vem p'ra cá. Estou com medo... choramigou uma criança. Tal voz fez passar um arripio de terror em todos como se partisse de um oraculo. Era a innocencia que presentia o perigo. Calaram-se estarrecidamente e na pausa profunda ficou resoando, soturno, o rumor da corrida tragica.

Um homem gordo, de oculos, lançou-se do leito indignado e, descalço, com os suspensorios cahidos, a camisa a espocar das calças, foi direito á porta. Abriu-a. Uma rajada de vento enfumaçado invadiu o carro: as luzes tremeram. O homem recuou aturdido, tombou d'encontro a um leito. A porta bateu d'estalo.

— Isto é um desaforo! Um trem de passageiros, cheio de senhoras e crianças, entregue a um louco. Pois esse homem não vê que nos está levando para a morte?!

Uma mocinha surgiu de um dos beliches, poz-se de pé entre os homens, atordoada, chorando, a olhar para um, para outro, retorcendo as mãos. Do leito superior falaram-lhe:

— Deita-te. Não fiques de pé que pódes cahir e machucar-te. Deita-te. Assim como assim tanto vale ficares na cama como ahi. Se tiver de acontecer alguma coisa, que Deus tal não permitta... Deita-te. Ha de ser o que Deus quizer.

— Deus é brasileiro, gracejou alguem. Eu é que me não levanto. Deitado estou prompto para o que der e vier. A viagem para o outro mundo faz-se á pés juntos.

A mocinha rompeu em pranto, remergulhando no leito, e um dos passageiros, que se voltara para o beliche de onde partira o commentario trocista, rosnou:

— Tolo! Extinguiram-se, de repente, as luzes; um grito repercutiu:

— Misericordia!

. . . .

Sob o amontoado de carros a locomotiva agonisava esvahindo-se em esguichos de vapor e dos destroços do comboio, e da treva em volta partiam brados, gemidos, gritos lancinantes, vozes confusas e sombras atropellavam-se clamando espavoridas.

O céu começava a encardir-se nas barras da madrugada.

൦|൦

A ESTRELLA

O sol, enorme e baço, descia lentamente por traz das collinas bronzeadas. Reunidos os animaes para proseguirem na romagem, os servos iam e vinham cantando, contentes de todo um dia repousado naquelle oasis farto em tamaras, veiado de corregos crystallinos e de tanta frescura e sombras tão agradaveis que até os dispensaram de armar as tendas. A estrella, parada no céu, acima do palmar, começava a luzir em tremulas scintillações.

Os tres reis, já accommodados nos seus dromedarios, esperavam que o astro se movesse quando Balthazar, que o contemplava, enlevado, disse em voz grave e morosa:

— Mais uma noite de esplendor. E Melchior:

— A ultima, talvez, porque, além das collinas, começam as terras abençoadas. Então Gaspar, anediando maciamente a barba longa, commentou com ironico sorriso:

— E trazemos comnosco seis astrologos, dos mais nomeados em todo o Oriente, e nenhum delles nos sabe dizer o nome dessa estrella maravilhosa, que nos vem guiando da altura, como um pastor conduziria o rebanho.

A taes palavras de escarneo o mais velho dos que liam nos astros, ancião de mais de um seculo,

que era levado em andas, como um idolo, falou por todos os chaldeus, sabios em vaticinios:

— Como quereis que digamos o que é segredo do Alto? Os astros, conhecemo-los todos, não só os que vemos na superficie da noite, como outros muitos que só com os numeros vamos descobrir além das raias do olhar. Essa estrella, porém, sahiu do mysterio, não veiu de nebulosa.

E' um astro em missão divina, talvez destacado da corôa do Creador dos mundos. Comparai-a ás demais e vereis que ha nella mais brilho do que em qualquer das outras. 'E não imagineis, apezar da vossa grandeza, que ella rompeu do ceu apenas para guiar-vos. A muitos mais, e de todas as castas, vem ella trazendo no seu rastro, e não só homens como tambem animaes, e até os ventos sopram na direcção que ella aponta levando as offerendas dos montes e dos campos, das florestas e dos jardins, dos valles, dos lagos e dos grandes rios no perfume das flores que nelles nascem. Só mesmo por prestigio de um Deus faria um astro prodigios taes.

E outro astrologo, dentre as corcovas de um dromedario enxairelado sumptuosamente, accrescentou:

— E a maior das maravilhas é que até cegos guiam-se por ella.

— Cegos! exclamaram a um tempo os tres reis.

— Cegos! confirmou o astrologo. Passamos por muitos. Viajam sem companhia e sem arrimo algum e tão certos no caminhar como os que mais vêem. Um delles acompanha-nos, não porque precise de nós para orientar-se, mas porque todos o retêm e disputam, que outro não ha que com elle compita em cantares heroicos e contos maravilhosos.

Quizeram os reis ver tal cego e logo dois homens o foram buscar, achando-o á beira de um corrego, a cantar entre guerreiros e servos. Era um homem do

Caucaso, alvo e louro, de porte agigantado, que trazia pendurada ao peito marmoreo uma lyra rustica de tres cordas.

Interrogado por Balthazar: «Como sahira da sua montanha remota? Como lograra chegar ás planicies faceis e desnevadas? Quem o guiara em tão revessos caminhos?», respondeu de mãos postas, sorrindo enlevadamente:

— A estrella.

— E tu a vês, sendo cego?

— Se a vejo? Certo que não, mas sinto-a. A sua luz entra-me nalma, e guia-me. Não só a mim, como a muitos outros infelizes. E a enfermos que se levantaram dos catres; e a paralyticos que a seguem estropiadamente; a anciãos, que mal podem com o bordão a que se apoiam; a crianças que andam em passo incerto, abrindo os braços para equilibrarem-se, como fazem os funambulos na corda. Quantos! Todos a seguem: os que a vêem, os que a não vêem, sãos e enfermos, válidos e valetudinarios. Oh! reis, essa estrella, que os vossos astrologos não conhecem e dizem ser nova no ceu, é a mais antiga de quantas enfeitam e illuminam a noite, não essa noite passageira, que dura o tempo de um somno, a noite tenebrosa que se eternisa nalma, mais negra na do que não quer ver do que a da cegueira nos cegos. Essa estrella, reis, antes de apparecer, já illuminava as almas, como o sol, ainda occulto, projecta no ceu as cores da alvorada. Foi ella que levou Israel do captiveiro do Egypto ás terras de Chanaan. Era, então, a nebulosa de fogo que alumiava as noites no deserto.

— E desde quando é estrella? perguntou Melchior.

— Desde que o primeiro propheta annunciou á tristeza dos homens a vinda do Messias.

— Tu que assim falas, com tão perfeito conhecimento, deves saber-lhe o nome. Di-lo e assim darás lição proveitosa aos sabios que nos acompanham. Que nome tem ella?

O cego levantou para o ceu os olhos ennevoados e com um sorriso no rosto, de mãos juntas, em prece, disse:

— Rei, o nome dessa estrella é Fé. E' ella que nos vai levando a todos pelo caminho da Esperança á presença d'Aquelle que nos ha de remir.

Nesse instante um som de tuba retumbou longamente, como o rugido do leão no deserto. Esvahira-se de todo a claridade solar e a estrella, abrindo encachiadamente a cauda luminosa, que aclarou a terra em luz mais alva e mais doce que a do luar, poz-se em marcha em direcção ás collinas, além das quaes o ceu irradiava em esplendor assignalando a caverna em que Jesus nascera.

E, lentamente, a caravana immensa dos reis desfilou por entre as dunas, seguindo a estrella que deslisava no ceu.

O GRANDE JOGO

— E', então, verdade que viste a Morte? perguntou Onofre a Serapião. O interrogado accendeu vagarosamente o cigarro, tirou uma lenta fumaça e respondeu com tranquillidade:

— Sim, é verdade. Tão verdade como te eu estar vendo aqui no meu quarto e o Corcovado ali defronte, o ceu, tudo que nos rodeia, emfim.

— E como foi isso?

— Vi-a como se vê uma imagem ao espelho. Tive-a diante de mim, pertinho, como nos achamos e longe, tão longe como está de nós o ceu. Via-a, mas não a alcançava, não podia tocá-la porque, entre nós, interpunha-se uma claridade intransponivel, uma transparencia que nos separava como o vidro isola a imagem que reflecte. E não é assim mesmo? Que é que nos separa da Morte? um quasi nada. Vemo-la em toda a parte, em tudo; caminhamos com ella ao lado e não a percebemos. Sente-se, por acaso, o peso da sombra? Não. Ella falava e eu não a ouvia, ou antes — não ouvia o som das palavras. Vês, á distancia, uma pessôa caminhando, segues-lhe o rumo, mas não lhe ouves os passos, não é verdade? Pois era assim. Eu via-lhe o movimento dos labios, a expressão do rosto, ora a sorrir, ora fechado em severidade, de tudo isso eu tirava a significação das palavras como

se fosse decifrando uma escriptura symbolica. Os mudos não se fazem entender? Não ha os que interpretam hieroglyphos? Pois era assim. As palavras da Morte chegavam-me á intelligencia como folhas seccas que cahem em um lago e roçando-o, de leve, franzem-no em circulos que se vão abrindo, dilatando alargadamente. Eu oüvia as palavras mudas como na floresta, á noite, quando se attenta á escuta, ouve-se o mysterioso rumor do silencio.

— E que aspecto tinha a Morte?

— Que aspecto?

— Sim...

— O meu, porque era eu mesmo, ou antes: a minha imagem.

— Se eras tu mesmo como dizes que era a Morte?

— Porque... Serapião recolheu-se um instante em si, a pensar; por fim, levantando a cabeça, perguntou:

— Tu não tens presentimentos? Já te não terá succedido, ao caminhares, lembrares-te, de repente, de alguem e encontrares, poucos passos adiante, a pessôa em quem pensavas?

— Sim, acontece-me frequentemente.

— Pois foi assim. Eu, não sei porque, pensei na Morte e logo vi levantar-se diante de mim esse outro *eu*.

— E não havia algum espelho onde estavas?

— Espelho?! Eu achava-me em plena floresta, meu amigo, entre arvores sombrias. Que espelho podia haver em tal sitio?

— E não tiveste medo?

— Medo... sim, no primeiro instante senti um arripio gélido. Attentando, porém, no espectro, tranquillisei-me reconhecendo-me, porque era eu mesmo que ali estava em transporte, ou desdobramento. E porque havia de ter medo se a Morte está em toda a parte, em tudo, como o ar, a luz, o frio, o calor,

sendo como é a condição mesma da Vida? E' escusado tentar fugir-lhe. Foge-se á dor? não, porque a temos comnosco. Foge-se a um pensamento? Foge-se ao amor? Não! Assim com a Morte. Ninguem a evita. Caminha-se com ella, é uma companheira invisivel que nos guia ao nosso destino.

— Mas não estarias com febre quando tiveste essa visão?

— Queres attribui-la a delirio... Não. Não foi delirio. E se tivesse sido? Que é o delirio? uma perturbação ou melhor: uma revolução sensorial. E' como o torvelinho que se faz nagua e que, quanto mais rapido rodopia, mais aprofunda o funil cuja extremidade toca o fundo do vaso. Pois o delirio é um remoinho no cerebro que, no giro vertiginoso em que se revolve, deixa entrever o fundo do mysterio. A febre é uma fogueira interior que tanto aquece como diffunde claridade, claridade sinistra, como a do relampago, mas claridade. Se foi delirio, não sei; mas que vi a Morte, isso juro!

E durou muito tempo essa visão?

— Não sei quanto tempo durou. Conheces a lenda do monje que, desejando ter idéa da Eternidade, rogou a Deus o illuminasse com um milagre e, descendo á cerca do mosteiro, attrahido pelo canto de um passaro, ficou a ouvi-lo? Quanto tempo esteve o religioso a deliciar-se com os gorgeios? Minutos, acreditava elle, entretanto, ao reentrar no mosteiro, tudo encontrou mudado, porque o tempo que lhe parecera ter sido de minutos fôra longo de um seculo. Não posso dizer tanto, o certo, porém, é que não sei quanto durou o que attribues a delirio. Quando dei por mim estava a entrar na fazenda, já com a porteira á vista.

— De sorte que a Morte que viste eras tu mesmo...?

— Sim, eu mesmo. E que é a Morte, afinal, senão a propria Vida? a Vida vista por traz, a Vida em sombra, a Noite do nosso Dia breve? Foi bom que eu a visse porque, dantes, quando eu pensava em morrer, tremia... hoje... Preoccupo-me tanto com a morte como com o somno em que hei de adormecer á noite.

As arvores despojam-se das folhas uma e uma e continuam verdes, renovando a fronde, até que, um dia, minadas no cérne, qualquer vento as derruba, e então não são as folhas que cahem, é o proprio tronco que abate.

Nos somnos que dormimos, á noite, vão-se os nossos dias, assim elles são como as folhas seccas que cahem da arvore da Vida, até que o vento frio, o vento mysterioso se levanta e a arvore, vencida, debate-se um momento nas raizes e, por fim, tomba. Quantas morrem em semente! Quantas murcham ainda em broto! Quantas são violentamente desarreigadas em pleno viço! Para mim aquillo foi o que o povo chama «um aviso» e que os estudiosos da psychologia mysteriosa chamam premunição. O nome pouco influe. O certo é que eu vi a Morte, que a tive perto de mim annunciando-me... sei lá o que! Quem sabe o que vem dentro das horas silenciosas? são segredos do Tempo, surpresas do Destino. Nós estamos dentro da Vida como as pedras no sacco do Lóto, ou vispora. A Morte tira uma ao acaso, canta-a e lá se vai o numero para o cartão.

— Que, em caso tal, é o cemiterio.

— Taboleiro de jogo, como outro qualquer.

— Do grande jogo.

— No qual todos perdemos.

— Ou ganhamos, quem sabe lá!

A VISITA

Noite limpida. Frio de rachar. As estrellas scintillavam diamantinas, o que, para os conhecedores, era aviso infallivel de geada. As luzes, que abotoavam a escuridão, tinham em volta um revérbero de nevoa.

O evadido caminhava de cabeça baixa, braços cruzados, muito encolhido em um casacão escuro. Para elle quanto mais frio, melhor. Assim, ainda que dessem por sua falta, ninguem lhe sahiria no encalço, affrontando noite tão rispida por um desgraçado como elle. E que sahissem! Matto era o que não faltava. E com o ouvido de caçador, que tinha, ao mais leve ruido trataria de pôr-se a salvo, nem que elles trouxessem cachorros.

Tudo era silencio de somno. De quando em quando, longe, um latido. O caminho, esse conhecia-o elle a palmo: era capaz de ir direitinho, de olhos fechados, até a sua casa. Mas o coração batia-lhe, sentia-se como suffocado, com medo de tudo. Tambem, quasi tres annos sem ver mundo, mettido no Leprosario, a apodrecer.

Roçando em galhos tinha impressão de que o agarravam e puxavam. Voltava-se assustado, arrepanhando as abas do casacão. E se o apanhassem!? Seriam capazes de matá-lo de raiva.

Que o prendessem, pouco lhe importava e estava

certo de que o haviam de prender mais dia, menos dia; com aquella doença não havia escapar, o que elle, porem, queria era ver a mulher e as crianças, olhar a casa, o seu cantinho. E caminhava estugando o passo, a tropeçar em pedras, a resvalar em covas de areia frouxa. A's vezes era um cupim que lhe apparecia hirto, como um vulto embuçado que o esperasse.

Atravessou a varzea deserta, faiscante de vagalumes, zunindo o guiseiro dos grillos ou grulhos intercadentes de sapos. Como respirava bem! O ar entrava-lhe a folegos pela boca, frio como goles dagua bebida em fonte.

Ganhou a estrada lisa. Logo, porém, estacou, surpreso, diante de um casarão com uma chaminé espigada no escuro. Aquillo era novo. No seu tempo tudo ali era matto, um campo de «barba de bode», com umas palhoças de longe em longe. Devia ser a tal fabrica de meias. E ficou a olhar.

Era, então, ali que a mulher trabalhava. Um renque de eucalyptus acompanhava o muro e, lá dentro, grandes lampadas em postes espalhavam um clarão de luar. A sua casa ficava pouco adiante, logo depois da olaria onde, aos domingos, elle ia jogar a malha. Casinha alegre como ella só! E a coitada da mulher sósinha, com o peso todo da vida, tres bocas para sustentar.

Da olaria, nem signal. Tudo murado, no fundo uma casa nova. Portão de ferro com uma taboleta ao alto. Que seria? Passou. De novo o vasio, e lá foi elle pensando, matutando.

«Coitada! Nem sabia como a pobre se arranjava com dois filhos pequenos e a vida pela hora da morte, como estava. Homem? Qual! Isso tinha certeza de que não lhe entrara em casa, primeiro, porque ella era honesta, depois... quem havia de querer? Por ella, não, que era bem bonita, morena e com aquelles

cabellos que o tinham prendido, como a teia de aranha prende a mosca. Mas só quem não soubesse. Sabendo... mesmo... não vê! Mulher de leproso... Nem elle comprehendia como a coitada conseguira empregar-se na fabrica, com aquella praga em cima de si. Ah! o bom tempo! quando elle batia aquillo tudo alegre, brincando com um e com outro, forte, vendendo saude; a mulher moça, bonitona, activa, a casa farta, os filhos crescendo entre os dois, de collo em collo, lindos! Bom tempo! Quantos castellos! compra d'isto, compra d'aquillo, mudança para mais perto da cidade, até porque, com o Leprosario a pouco menos de legua, deram em desconfiar de tudo, até da agua e do ar. Tanto morphetico... sabiam lá! Essa coisa pega! E pegou.

Mas como?! Fosse lá saber. A principio elle notou que a cor da pelle ia mudando; depois umas manchas como mordidellas de bichos, inchação, até que, uma manhan, a mulher lhe perguntou se não sentia dor. Não, não sentia. Talvez fosse erysipela. Em pequeno era muito sujeito. Mas não. Elle mesmo começou a desconfiar e escondia-se para examinar o corpo, mirava-se ao espelho, apalpando-se. E aquillo deu em encalombar, em arroxear — eram os dedos, era o rosto, eram os beiços, os olhos, as orelhas, a carne toda espocando, com uma cor exquisita de goiaba podre. Nem teve coragem de ir ao medico. Para que? E começou todo o mundo a evitá-lo, nas vendas, nas estradas: não lhe apertavam a mão, falavam de longe, ariscos, com repugnancia e se elle entrava num ajuntamento era logo a debandada; até a sua gente em casa — a mulher, que o repellia, os filhos que não lhe tomavam a benção. E foi a tanto que, um dia, por denuncia, de certo, o agarraram e deram com elle no Leprosario, como se atirassem ao lixo uma coisa podre.

Mas que culpa tinha elle? Se fosse um vadio, se dissessem que bebia, que jogava, que se mettia em pagodes e barulhos, que era mau marido, mau pai, homem de vicios, ainda bem, mas por doença...! Se, em vez d'elle, fosse ella que houvesse apanhado a molestia, ficasse como ficasse, cahindo aos pedaços, elle não a abandonaria; havia de sempre lembrar-se que era sua mulher, a mãi de seus filhos. Ella, entretanto, nem para visitá-lo. Assim tambem não. Se a doença dá nojo tambem faz pena.

Lá estava a casa. Reconheceu-a — tal qual a deixara. E outra nova, um pouco adiante. E se ella se houvesse mudado? Não! Mudado para onde? Ali, estava a dois passos da fabrica. Demais, a casa era propria: terreno comprado; construcção paga por elle.

Chegou-se de vagarinho, parou junto á porta, por baixo da qual lagarteava um rastilho de luz. Era, com certeza, a coitada a fazer serão. Ah! bom tempo! E o frio cada vez mais intenso, talvez por estar ali perto o agasalho aquecido naquelle silencio de somno, como a sêde augmenta quando se sente o fresco murmurio dagua. Olhou, olhou longamente. Por fim bateu de leve; bateu de novo, mais forte, sacudindo a porta. Ouviu rumor e logo a voz assustada da mulher:

— Quem é? E elle, em tom fanhoso, chegando-se muito á porta:

— Eu, Adelina.

— Eu, quem?

— Abre, criatura.

— Não abro sem saber quem é. Diga quem é.

— Sou eu, Valentim.

— Que Valentim?

— Que Valentim ha de ser, filha de Deus. Valentim..

— Eu só conheço um Valentim, que é o meu marido.

— Pois sou eu mesmo.

— Credo! esconjurou a mulher.

— Sou eu, Adelina. Você está estranhando a voz por causa da doença, mas sou eu. Abre só a janella e espia. Eu me contento em ver você e olhar a casa e se você deixar eu ver as crianças... Fugi. Fugi de saudade, mode ver vocês. Abre, abre depressa, que elles, com certeza, já vêm por ahi, dando em cima de mim. Abre. Juro que fico de longe, é só para ver. Depois... podem fazer de mim o que quizerem.

Houve um ranger de ferrolho. O leproso aproximou-se e, quando a janella se entreabriu e o busto da mulher appareceu na claridade, elle recuou surpreso. Contava vê-la como a deixara: com os grandes olhos negros e luminosos, os cabellos fartos e luzidios, a boca vermelha e o doce sorriso em que ella a entreabria, com faceirice, para mostrar os dentes muito brancos, e via-a avelhantada, uma ruina — tez amarellenta, enrugada, olhos sumidos e os cabellos ralos, repuxados, deixando-lhe descoberta a fronte vincada como a canivete. Ao dar com elle a mulher não conteve um gesto de espanto e asco: era uma carniça com dois fogos fatuos, os olhos. Bateu com a janella, em repulsa. Elle ainda gritou:

— Adelina!

— Não, filho de Deus. Não! Não é por mim. E' pelas crianças, por nossos filhos. Deus me livre! Vai-te embora com Deus. Vai!

— Mas então é assim, Adelina? Você tem coragem? supplicou o misero.

Não é por mim, já disse, é pelas crianças. Tem paciencia. Você fez mal em vir aqui. Fez mal. Nunca pensei que você ficasse nesse estado. Deus me livre! Vai... Eu disse ás crianças que você morreu. Vai.

— Que eu morri? Você disse isso? Pois então... Fica com Deus! Olha, abençoa os dois.

— Mesmo por mim. Eu via você como dantes, e agora... P'ra quê! P'ra quê!

Houve um baque como de corpo que rolasse e um choro lastimoso, soluçado. O leproso ficou um momento á porta, de cabeça baixa, ouvindo, e, por entre as palpebras, em chagas, as lagrimas rebentaram-lhe grossas. Deu d'hombros, resignado, e, lentamente, sem sentir o frio da noite, tornou por onde viera. A geada começava a polvilhar os campos.

EMIGRANTES

Ainda que se reconheçam nesta revelação não me poderão accusar de indiscreto as duas gentis senhoritas que se sentaram adossadamente a mim, na barca *Imbuhy*, em que viajamos para Nictheroy.

Se falavam tão alto não era, de certo, para que as suas palavras ficassem em segredo confidencial. Não só eu as ouvi: ouviram-nas — e com que gaudio! — quantos se lhes avizinhavam. E uma senhora gorda, de refegos desbordantes, que levava ao collo um embrulho, no qual o menos atilado fiscal descobriria, de pronto, contrabando, não só pelo remeximento como por um surdo cainhar, que ella assustadamente abafava, por vezes, fechando a carranca, esmoía resmungos contra certas phrases que lhe pareciam improprias de labios virtuosos.

Uma das senhoritas, loura (louro de oxygenio) logo ao desatracarmos, dirigiu-se a outra, typo espigado e petulante de morena, interrogando-a com interesse:

— E' verdade que vais deixar o Banco? A interpellada voltou-se de golpe, encarando a curiosa com expressão de espanto, como se sentisse injuria na pergunta. Por fim, com um leve encolher de hombros, tornou á primitiva attitude. A outra insistiu:

— Houve alguma coisa?

— Nada. Estou farta! desabafou com tedio. Manteve-se um momento calada, busto erecto, rigida, o olhar ao longe, vago. De repente, como se desatasse a lingua, voltou-se para a companheira e poz-se a falar com volubilidade hysterica, agitada:

— Não nasci para isso. Pensei uma coisa e ella é outra. Vou deixar o Banco, sim. Vou! Torno ao que era, a mim, á minha casa, aos meus, contentando-me com o que me puder dar meu pai. Queres que te diga? Não foi por ambição nem por vaidade que me empreguei. Não sou de luxos. Tanto me faz andar de seda como de cassa. Empreguei-me por mera curiosidade, para conhecer o mundo dos homens, a vida que levam, como trabalham, como resolvem os grandes negocios, o que fazem nesses emporios de riqueza, os taes Bancos. Para satisfazer esse capricho lancei-me á aventura, deixando os meus habitos, os meus livros, os meus bordados, o meu piano, as minhas amiguinhas, como os que abandonam a Patria para tentar fortuna em terra alheia. Offereceram-me o lugar no Banco. Aceitei-o. Antes de apresentar-me — porque só devia começar a trabalhar no principio do mez, — não imaginas os castellos que fiz...! Lembras-te do pequeno Manuel a contar a sua partida da terra, as grandes esperanças de enriquecer para voltar á sua gente carregado de ouro; e o que sonhava a bordo, durante a travessia? Pobre pequeno! Pois o mesmo me aconteceu. Eu não pensava em outra coisa senão no Banco, via-o abarrotado de moedas de ouro, cheio de maços de cedulas...

— Até ficaste orgulhosa, confessa.

— Orgulhosa? Eu?!

— Sim falavas com a gente por cima dos hombros.

— Estás enganada. Vocês, sim. Vocês é que começaram a cumprimentar-me por favor. Muitas até

evitavam-me, fingiam que não me viam, viravam-me, a cara, como se eu tivesse dado um mau passo. Eu, não. Orgulhosa, eu! Coitada de mim! Mas fui, tomei conta do lugar. O que senti naquella balburdia foi o mesmo que sentiu o Manuel quando se achou nesta cidade tumultuosa cercada de montanhas, com este céu muito azul, este sol muito quente, todo este esplendor tropical. Que differença da sua aldeia pequenina e quieta. E o coitadinho, quando nella fala, arrasam-se-lhe os olhos dagua. E que faz elle? anda por ahi de tamancos, arrependido da aventura em que se metteu.

— Ora! Acabará rico, como os outros.

— Os outros... Os outros são poucos, minha amiga, esses mesmos...

Ficou um momento immovel, d'olhos em extase. E continuou: Deu-se o mesmo commigo. Ouro... cedulas... Pois sim! Aquillo é como um cortiço de abelhas, cujo trabalho ninguem vê. Sabe-se lá como elles ganham... O dinheiro entra e sahe, exactamente como as abelhas no cortiço, mas o trabalho!... O trabalho é segredo dos homens.

Que sou eu naquella balburdia? uma igual? não — uma estrangeira em terra alheia, uma mulher entre homens. Intrusa. Não te illudas. Elles aceitam-nos, como o fazendeiro aceita o colono para o trabalho da terra. E a morena suspirou balançando a cabeça: Que saudade da minha Patria!

— Que Patria? Pois estás no Brasil e tens saudade da Patria?

— Eu digo: a minha, a nossa Patria, a Patria da mulher, entendes? a nossa casa, a nossa gente, tudo que é nosso, o lar onde nos criamos, o aconchego domestico. Nós somos de outra região e, entre os homens, por mais que façamos, nunca chegaremos ao que elles são. Entramos-lhes pelos dominios, co-

mo os colonos entram pelas terras, sempre, porem, havidos como emigrantes. Aproveitam-se do nosso trabalho, mantendo-nos, porem, á distancia. Volto á Patria, torno aos meus. Pobre, mas feliz.

— Emigrantes por emigrantes elles tambem o são. Quem emigrou primeiro: a mulher ou o homem? E os lindos olhos azues da loura fagulharam chispas. Responde. — Quem emigrou primeiro? Foi elle, o homem que invadiu o que chamas a Patria da mulher. E como? Em primeiro lugar eliminando a barba, raspando o bigode, valendo-se dos nossos artificios — cosmeticos, corantes, depilatorios, vernizes: frequentando manicuras, corrigindo as sobrancelhas, efeminando-se, emfim. E hoje ahi o tens recorrendo, até, a tafularias que desprezamos, como o espartilho, com que se arrocha, para que lhe caiam bem os casacos cintados, e alargando tanto as calças que, em breve, estarão transformadas em saias. Se elle entra pelo que é nosso, se emigra para a nossa Patria não tem direito de nos oppôr barreiras.

— Pois sim... Mas a sociedade, apezar de todas as propagandas feministas e libertarias, continúa ainda aferrada aos velhos preconceitos. Uma moça que ande só, sujeita-se a commentarios. E a loura a rir:

— Só!? Nunca andamos tão acompanhadas como agora.

— Sim, mas acompanhamentos que nos compromettem...

— Se os não repellimos.

— Repellir é provocar escandalo e no escandalo sempre a mulher é a prejudicada, por ser a mais fraca. Deus, quando separou os sexos, foi para que cada um tivesse o seu destino, a sua vida á parte.

— Ora... separou!... Separou-os para que a lei da attracção universal os unisse.

A gorda, do cachorro (porque o contrabando, como certamente perceberam, era um *lulú*) levantou-se arrebatadamente com um muchôcho de revolta, resmungando contra os costumes soltos de hoje em dia. A barca, como se tambem protestasse, apitou roufenha, resvalando aos esbarros pela amurada da ponte. As duas senhoritas puzeram-se de pé, sacudindo-se espanejadamente. Ainda pude ouvir a morena:

— Não, minha amiga — entre os homens, por mais que façamos, havemos de ser sempre tratadas como emigrantes. E a loura, muito espevitada:

— Sabes que te falta? audacia. Na vida, sem audacia nada se faz. Quantos emigrantes estão hoje senhores das fazendas onde entraram como colonos...

Nada mais pude ouvir porque, na lufa-lufa do desembarque, as duas desappareceram na multidão.

A VIDA

Estirando-se, de pernas cruzadas, em um dos amplos reclinatorios do salão egypcio, Savio accendeu um charuto e, sorrindo a Hortensio, disse:

— Não leves a mal o meu vicio. Tambem o teu ibis está fumando. E' verdade que no tempo de Ramsés ardiam incensorios, mas não se conhecia o havano; a fumaça, porem, é velha, nasceu do fogo, quando a primeira centelha crepitou inflammando uma folha secca; nasceu do fogo como a sombra nasce da luz. Demais, se quizessemos obedecer rigorosamente a ensceneação pharaonica, que este recinto estranho impõe, teriamos de recorrer aos figurinos do Museu de Gizeh, em vez de nos vestirmos pelos moldes do Rabello.

— Não vou tão longe com as minhas exigencias. Faço questão do ambiente, isso sim, o mais... Nesta especie de hypogeu isolo-me do seculo atravancado e ruidoso que tumultúa lá fóra. Aqui nem o proprio sol penetra — illumino-me a lampadas absconsas. Sou uma especie de alchimista incluso, e como affirmam que o silencio é de ouro, esse é o ouro que busco. Quanto ao fumo do ibis, bem sei que te não agrada, garanto-te, porém, que é o authentico kyphi, que ardia nos defumadores e nas caçoulas dos templos. Achei-lhe a formula em um papyrus

funerario e mandei-a a Bichara, em Paris, para que a reduzisse a pivetes. Achas o aroma demasiado forte, estitico...? Que queres, meu amigo... a culpa é nossa, que degeneramos: na força, nas faculdades, nos sentidos, em tudo. Que criamos nós? nada, aproveitamos o que nos legou o passado, como os industriaes aproveitam o que lhes dão lavradores, pastores, mineiros e quantos extraem da natureza a materia prima. Aqui não me preoccupo com o tempo, não ouço as horas, como se vivesse na eternidade impassivel. Sonho...

— Sonhas... Pois, meu caro, o teu sonho é o meu pesadelo.

— Porque?

— Porque mal appareço em um salão, como sabem que sou o teu amigo mais intimo, logo me cercam curiosos interrogando-me sobre a tua vida mysteriosa, pedindo-me informações do que fazes; se é verdade que habitas um subterraneo; se o teu salão de trabalho reproduz a nave de um sanctuario de Ammon; se tens comtigo crocodilos, escaravelhos, serpentes e deuses com cabeças de bichos. Por ahi já te chamam Tut-Ankh-Amon. Afinal que te custa attender a essa gente, satisfazendo-lhe a curiosidade? Porque não offereces um chá, uma libação qualquer á sociedade elegante, entre estes hyeroglyphos, estas tapeçarias fantasticas e toda a ceramica vetusta que aqui tens, aproveitando esse hediondo anão Bess como porta charutos e cigarrilhas? Em vez de *jazz-band* porias aqui umas tangedoras de sambuca e de néfer e umas duas dançarinas e seria um successo. Restaurarias o passado livrando-me, ao mesmo tempo, dos importunos, que me não dão treguas.

— Estás louco! Seria uma profanação e tu sabes que os deuses egypcios são terrivelmente vingativos.

Não! Isto aqui é sagrado. Fiz um ambiente ideal para viver em paz.

— Uma camara de morte...?

— Sim. A morte é imponente e serena como a estatuaria. Aqui tudo é ideal, tudo é sonho. Passo semanas nesta clausura, já passei um mez, vivendo como no tempo de Sesostris.

— E que tal?

— A vida em si é a mesma, nós é que a modificamos, exteriormente apenas. O tempo é invariavel, assim a vida. Os relogios, sim, esses é que apresentam aspectos varios, tanto, porém, regula um simples despertador de nickel como um carrilhão de bronze, com o mostrador de prata e as horas em tauxias de ouro. O que se deve buscar na vida é o que ella tem em essencia — poesia. Lá fóra eu viveria como toda a gente; aqui faço uma existencia á parte, só minha. Sonho. Ahi onde estás deitado tive eu, ha dias, uma visão estranha. E já agora, como Schopenhauer, não duvido das apparições. Não sei se foi sonho, delirio de febre, exaltação cerebral ou suggestão deste ambiente, affirmo-te, porém, que vi e, o que é mais, ouvi a apparição como te estou vendo e ouvindo a ti. Afinal, neste mundo delusorio, que é, em summa, a Verdade?

O proprio Christo não a definiu e o enygma terrivel ahi está no caminho da Vida, á espera de um Edipo que o decifre.

A Verdade tanto póde ser o que se nos manifesta á vista, perceptivel aos sentidos, como o que apenas se nos afigura vagamente em impressões. Toda a nossa vida, o que chamamos Vida, que é um equilibrio acima da Morte, o tal abysmo, cujas rampas alcantiladas ninguem vingou jamais, que é, em summa? acção mechanica ou inspiração? Vive-se do exercicio da materia, da combustão do sangue, da electri-

cidade nervosa ou... por prestigio da alma? Quem sabe lá! Vive-se...! Que dirias tu de um homem que tentasse estudar o espectro á meia noite, procurando o clarão do sol á luz de uma candeia?

— Diria que era um louco.

— Pois, então, meu amigo, recolhe a um hospicio todos os physiologistas, porque outra coisa não fazem elles com a sua Sciencia senão o que faria tal louco diogenico. Não é na morte, no cadaver, que elles estudam a Vida?

As illusões equivalem-se: tanto é estudar a Vida na Morte como procurar, com uma candeia, o sol á meia noite. Não nos illudamos, meu amigo; a Verdade ainda não foi achada e talvez nunca o seja. Vivemos, eis tudo.

Quando nos sentimos acossados pela curiosidade e perseguidos pelo Temor na escuridão da ignorancia, batemos desesperadamente á porta de bronze do Mysterio, bradando por Deus. Quem nos responde? a nossa propria voz em rechaço, o echo reboante do nosso clamor ao qual chamamos supersticiosamente oraculo. Não é isso? Já alguem conseguiu passar além de tal porta? Ninguem!

A Religião é uma boia que fluctúa no oceano da Vida, mas como toda boia — vasia. Imaginamos salvar-nos pela Fé, que é um vacuo, dentro do qual a eterna Esperança põe a nossa salvação em Deus. A boia resiste aos mais desabridos temporaes, sempre á tona das vagas. Que é que a mantem? o vasio. Ponham-lhe dentro um pouco de peso, digamos: raciocinio, e irá ao fundo immediatamente.

— Estás sceptico, homem de Deus.

— Não, não estou; não posso estar, porque não sou. Creio em alguma coisa, numa Força occulta, impassivel, não Deus. Deus, segundo o concebem os crentes, seria justo e a Vida é indifferente — nem

bôa, nem má, Vida apenas, como a terra é terra, como o mar é mar. Deus é um polo magnetico que nos attrahe, e eu mareio por Elle, sem me preoccupar com o que seja. Quanto a formulas religiosas, dogmas, revelações, evangelhos, fabula e doutrina, emfim, aceito-os como poesia de consolação, só isso. Elevo-me em aspiração como a planta busca o sol. A minha religião é um extase. Mas tornemos ao nosso caso.

— A visão...

— Visão... pois seja como dizes. E que é a luz? Emfim... foi tudo fantasmagoria, miragem, delirio dos sentidos, em uma palavra: fantasia. Mas que eu vi e senti... garanto!

— E que viste, afinal?

— A Vida e a Morte, o direito e o avesso do Destino.

— Viste?

— Vi!

— E então? A Vida sei eu o que é. E a Morte? Que tal? Horrenda, não? como a que appareceu ao lenhador da fabula?

— Não. Tudo que ha de mais simples e de mais physiologico. A Morte que me appareceu, a Morte que eu vi... era a Vida.

— Homem, francamente... começo a achar-te extravagante.

— Dize antes: amalucado. Pois, meu amigo, se te pareço doido, olha que o não são menos do que eu os sabios que nos andam a ensinar problemas da vida em cadaveres.

Não vejo em que differem elles dos arúspices e outros sacerdotes de agouro, que liam os fados nas entranhas das victimas. Mas vamos ao assumpto. Sonho ou delirio, o caso é que me achei transportado ao vestibulo de majestoso edificio que, pelas linhas

architectonicas, me pareceu um templo, todo de marmore, cercado de columnas de capitel florido e reluzente como de ouro. A poucos passos, entre arvores de ramas em filipendulas, que se espalhavam ao vento á guisa de cabelleiras verdes, um rio, ou melhor — um corrego de aguas transparentes, nas quaes se cruzavam peixes de um brilho irradiante e molluscos em fórma de flores iam e vinham, abrindo e cerrando as corollas, defluia com accento tão harmonioso como se lhe resoassem harpas na correnteza. E o aroma das flores era tão intenso que me atordoava. Illusão, dirás tu... Mas que poderosa illusão seria essa que chegava a todos os sentidos, impressionando-os? Assim como eu via, não só o que me cercava, como ainda a vista se me estendia dilatadamente abrangendo todo o circulo ceruleo do horizonte, como sentia o perfume das flores e o cheiro seivoso do arvoredo e das hervas, ouvia o tremulo som dagua, tocava sensitivamente as columnas marmoreas, tudo como na realidade, com a consciencia limpida que não se tem no sonho e menos ainda em delirio.

Desse templo vi eu sahir uma figura admiravel, branca como se fosse talhada na mesma pedra penthelica que reluzia em todo o edificio, ao clarão do sol. Tomei-a por uma sacerdotisa.

Levantei-me deslumbrado, antes, porém, que lhe dirigisse a palavra, ella sorriu-me, e sorrindo falou-me. E a sua voz ficou docemente soando aos meus ouvidos, como perdura, ondulando no ar, de leve, a tremula vibração das cordas de uma cythara:

«Eu sou a Vida, disse-me. Pede-me o que quizeres emquanto me tens diante de ti, fá-lo, porem, depressa, porque eu não páro.»

Tal, porem, era o meu enlevo que não pude pronunciar palavra e quando, sahindo do arroubo,

bradei á apparição: «Leva-me comtigo!» as minhas palavras cahiram sobre a sua sombra, que era...

— A Morte.

— Sim, a Morte. A Vida ia longe, muito longe!

— Tens razão em affirmar que não foi sonho o que viste. Nada ha mais real do que isso que descreveste. Todos nós ficamos deslumbrados diante da Vida e só nos lembramos de lhe pedir favores quando ella vai longe e a Morte, que é a sua sombra, se nos oppõe, funerea. Tens razão em affirmar que não foi sonho. Tambem eu estive no tal templo, e vi a Vida, mas quando dei por mim e lhe pedi que me levasse comsigo... a Vida anda tão depressa... tão depressa! que o meu pedido quem o ouviu foi a sua sombra.

— E a todos acontece o mesmo.

— A todos! porque todos, emquanto ella passa, embebidos nella, tudo esquecem e quando se lembram de lhe pedir favores... já ella vai longe, muito longe! e quem, por ella, attende é a sua sombra: a Morte.

 olo

O COLLECCIONADOR

A arca de Noé seria um modelo de ordem se a comparassem ao authentico casarão colonial de Meroveu Barroso, descendente, conforme prova a sua ramalhuda arvore genealogica, de Meroveu, o famoso rei franco, que derrotou Attila nos Campos Catalaunicos.

Para ter-se uma idéa do cháos bastaria visitar-se aquella barafunda heteroclyta, onde jazem enterradas duas fazendas, uma de café outra de canna, seis predios de solida construcção e não sei quantas apolices da divida publica e acções de bancos e companhias.

Desde o jardim, em matto, até o socavão do forro, tudo é antigualha ou exquisitice: plantas exoticas, vasos retirados de escavações, fósseis, escassilhos de marmore e granito, ferros velhos, animaes, uns vivos, outros empalhados; esqueletos de bichos desconformes, armas de silex, de bronze, ceramica, mumias egypcias, tijolos assyrios.

Nos corredores, nas salas amplas, em quartos e alcovas e até na cozinha, em armarios, vitrinas, pelas paredes, em pilhas ou em feixes uma arrecadação multifaria de objectos os mais bizarros, desde papuzes entresachados de pérolas (um delles traz

um cartel com o nome de Rhódope), até sellins, sendo o mais notavel o de Tamerlão, e tapeçarias, dixes, idolos, livros.

Das paredes não se vê um palmo livre, tantos são nellas os exemplares de porcellanas, telas, azulejos, pelles de bichos, panoplias varias. O que, porem, ha de mais interessante e precioso nessa immensa Capharnaum é a collecção de autographos.

Meroveu tem ali originaes de todas as grandes celebridades do mundo e, em armario especial, trancado a sete chaves, o recibo que Adão passou ao Senhor quando recebeu o Paraiso, o diario de Noé, durante os quarenta dias do diluvio; a harpa de David, alguns fios da cabelleira funesta de Absalão e a espada com que Judith matou Holophernes.

Taes preciosidades bastam para provar que Meroveu, em vez de viver no casarão colonial de Catumby, onde se agitavam e disputavam chegando, ás vezes, a dentadas e taponas, dezoito mulheres de raças e typos differentes (porque elle tambem colleccionou exemplares raros do sexo feminino), devia, ha muito, achar-se recolhido a uma cella do Hospicio e assim a herança gorda não se lhe teria escoado das mãos prodigas em acquisições de tantas bugigangas e o bairro de Catumby não tresandaria tanto a naphtalina e camphora, por amor das peças susceptiveis de serem atacadas pelas sevandijas roazes e elle não chegaria á miseria a que chegou. Mais facil, de certo, seria andar no labyrintho de Creta do que mover-se alguem naquella trabusana.

Meroveu não admittia que se esbarrasse em um movel, que se acotovellasse um vaso, que se pisasse um tapete, que se roçasse por uma alfaia. No meio daquella cacaria, diante daquellas bugigangas exigia Meroveu que os visitantes se portassem como devotos num templo. Infelizmente, porem, a doença, que, ha

muito, rondava o pobre homem, atirou-o á cama, á cama, digo mal, a um estrame, porque, ainda que, para comer ou escrever, se sentasse em uma vertebra da baleia que enguliu Jonas e fizesse de mesa outra de um plesiosaurio, não se deitaria em uma das suas camas, por serem todas exemplares rarissimos de estylos varios.

Era num estrame que dormia e nesse estrame fui eu encontrá-lo jejuno, sem vintem e sem credito para um pão ou para uma capsula ou um comprimido na pharmacia.

Achei-o só, rebolcando-se no estrame no meio do seu vasto archaismo.

Pobre sonhador! Misero visionario!

A collecção feminina, mulherio sem ideal, aos primeiros rebates da miseria, atirou-se, de faca em punho, á bicharia viva, e comestivel, e foi uma devastação nos aviarios e em certas gaiolas. Os carnivoros repugnantes entre-devoraram-se nas jaulas e o que ficou por ultimo morreu inanido, sorte que, igualmente, tiveram, depois de urrarem e aulirem dias e noites seguidas, alarmando o bairro, os herbivoros. Quando não houve mais recurso a collecção feminina debandou, cada qual a um rumo, e Meroveu ficou como Ugolino na torre.

Felizmente cheguei a tempo porque o coitado, ao ver-me á sua cabeceira rasa, tomando-me as mãos ambas, disse-me por entre lagrimas:

— Ah! meu amigo, se não viesses hoje não sei que seria de mim porque, em verdade te digo — eu estava a pique de commetter uma profanação.

— Tu!?

— Eu, sim. Eu!! Sabes lá o que é ter fome. Hontem á noite (delirio, com certeza) comecei a ver tudo isto a mover-se em volta de mim, offerecendo-

se-me. Lembras-te da tentação de Santo Antão, no grande livro de Flaubert? Pois foi mais ou menos o que se passou commigo. O boi Apis, que ali está, desceu vagarosamente do altar e, a passo curto, veiu vindo, veiu vindo até que se plantou diante de mim e mugiu. E vi, então, que elle se desmanchava em petisqueiras: em ensopado, em picadinho, em almondegas e, por fim, em roast-beef. Depois foi Isis, a vacca divina, que me veiu offerecer o leite das suas tetas. Imagina tu... eu mamando o mesmo leite que coalha, lá em Cima, a Via Lactea. Depois... o peixe Oannes e, por fim, como sobremesa, um cabaz de frutos da Arvore da Sciencia, da qual tenho um galho, comprado a um turco, em Jerusalém. Como eu repellisse de mim todas essas comedorias, aquella mumia, a primeira á esquerda, na entrada, que é de uma princesa, que morreu donzella, filha de Ousitersen 1.º ou de outro pharaó da mesma dynastia, desligou-se dos seus liames, levantou-se do sarcophago e veiu deitar-se commigo nesta esteira immunda, acariciando-me, dizendo-me ternuras...

— E tu...

— Eu! Que julgas tu de mim? Eu respeito a minha collecção. Repelli-a, aconselhei-a, disse-lhe que tivesse juizo, que se deixasse de asneiras. E ella tornou ao sarcophago. E aqui estou eu, como vês, abandonado de todos os vivos, entre trastes velhos e outras burundangas, coisas interessantes para mim, mas que, para os outros, não valem um real. Tenho ali um dos crocodilos que eram adorados em Thebas. Mandei offerece-lo por um kilo de carne. O açougueiro recusou-o. E' assim, meu amigo. E, inclinando a cabeça encanecida, suspirou: E dizer-se que esbanjei uma fortuna nisso que ahi está, que me privei de todos os gosos da vida para cercar-me de antigualhas pelas quaes, estou certo, não acharei hoje a decima

parte do que me custou o Diario de Noé ou o Recibo de Adão...

— Mas dize com franqueza: Tu acreditas na authenticidade desses documentos?

— Se queres que te diga a verdade... acreditar, não acredito, até porque tanto Adão como Noé eram analphabetos e no tempo delles não havia papel nem tinta.

— E porque, então, conservas esses gatafunhos e o resto? Porque não vendes tudo isso em leilão. E' possivel que appareçam americanos.

O pobre homem encarou-me pasmado e, depois de um momento de espanto, estirando vagarosamente o braço magro, mostrou-me sobre uma commoda D. João V, uma imagem, diante da qual ardia, em ultimos vasquejos, uma lamparina de azeite. E disse:

— Está ali uma imagem, que eu venero. E' Deus? Não. E' um symbolo: é ella, entretanto, que me conforta a alma nos momentos de desanimo. Vender... Prefiro morrer á mingua com os meus objectos, olhando-os até que, de todo, se me apague a vista nos olhos. Foram as minhas illusões, os meus ideaes, o meu grande sonho, o melhor da minha vida. Que importa que sejam falsos se eu os amo. O proprio amor...

...Pobre! Como esse, quantos colleccionadores de illusões morrem por ahi á mingua na opulencia imaginaria que accumularam!

PLANTAS DE VASO

— Qual psychologia! Deixemo-nos de illusões. A vida é governada pelo instincto, por elle apenas, que é o senhor absoluto da materia. O mais não passa de convencionalismo, attitudes cerimoniosas que desapparecem na intimidade.

— Dás razão a Epicuro.

— Toda a razão. Foi justamente a tal psychologia que, por inducção, me levou a preferir Eugenia á Delmira, mais nova, mais bella, mais interessante em tudo e por tudo. Submetti as duas á demorada analyse e optei por Eugenia, embora com violencia da minha inclinação, pelos motivos que te vou expor. Entre mim e Delmira havia a differença de nove annos e na corrida do Tempo, meu amigo, ganham os que vêm atraz.

— E' o «perde-ganha».

— Sim. Mas o que, principalmente, influiu na minha preferencia foi a situação de Eugenia, em tudo igual á minha; dois annos apenas mais moça do que eu, ambos viuvos, cada qual com um filho. Ella trazia-me uma lembrança do primeiro matrimonio; eu levava commigo um legado da minha finada esposa. Assim, em igualdade de condições, não poderia haver desintelligencias entre nós — dividiriamos os nossos corações com as duas crianças.

— Absurdo.

— Como absurdo? Absurdo, porque?

— Porque? Vou responder-te valendo-me, tanto quanto possa, de uma analogia. A terra, symbolo materno, se lhe arrancares uma arvore, mostrará a cova em que a mesma se gerou e cresceu. O plantador, esse, meu caro, muda de um para outro ponto, indifferentemente, a arvore que plantou, empregando nisso um pouco de esforço apenas. Na terra, da qual foi arrancada a arvore, ficam sempre restos de raizes, que, ás vezes, repontam; o lavrador não guarda nas mãos mais do que um pouco de terra que lava no primeiro corrego ou bicame. O amor maternal é um sentimento egoistico, porque é o amor de si mesma, ou digamos — instincto de conservação. O amor paterno pouco mais é que um habito.

— Um habito...! Dás, então, á mulher o principal papel na geração?

— Sem duvida. A terra é feminina, meu caro. O trabalho é masculino. A terra fica; o trabalho passa. O lavrador póde ter á sua conta todo um pomar; a leiva dedica-se apenas á arvore que lhe nasceu. E' a terra que gera, que nutre, que ampara, que infiltra seiva á planta até que, abrolhando, comece a receber os beneficios do ar e da luz. O trabalho opera exteriormente; a terra deixa-se rasgar nas entranhas para que as raizes se dilatem, dando-se generosamente em força, em seiva, em humidade, em calor á arvore para que floreça, frutifique e se opulente cada vez mais. O trabalho exerce-se num instante e caminha; a terra fica. A mesma cova não agasalha mais de uma arvore e se nella puzeres duas vingará a mais forte, a que tiver raizes mais fundas. E' natural.

— Achas, então, natural que Eugenia maltrate minha filha?

— Que a maltrate, não; mas que a estime como ao filho... tem paciencia. Se encarares o caso á luz da lei natural, que é a lei do instincto, chegarás a convicção de que até lhe assiste o direito de repulsa.

— E a reciproca? Se eu, por minha vez...

— Não ha aqui reciproca. Tu és homem, lavrador; pódes cuidar de muitas arvores; ella, não. Ella é mãi. Se tivesse perdido o filho e tu lhe apparecesses com a tua pequena, estou certo de que ella a adoptaria contente. Alice encontraria um coração aberto para recebe-la, com a seiva á flux drenada pelo amor e tomaria a si, aproveitando-a, toda a ternura que era dada ao que morrera, como uma planta posta em cova de onde houvesse sido arrancada outra, viveria da força, de todo o vigor do sólo orfanado.

Dou-te exemplo melhor, tomado da propria maternidade.

Foi o caso com uma parenta minha.

Criava ella o seu primeiro filho, robusto e lindo menino, que deveria ser meu afilhado, quando, aos cinco mezes, em uma imprudente viagem a Petropolis, em manhan de chuva, apezar de todos os agasalhos, o pequeno resfriou-se. Manifestou-se rapida e violenta pneumonia, contra a qual tudo foi baldado, e em dois dias, sem tempo de perder a robustez e as cores desappareceu o enlevo do feliz casal. Não pódes imaginar o que foi esse desastre para a pobre mãi. Dentro, porém, do desespero, em que esteve a pique de enlouquecer, a natureza impassivel, com as suas abelhas mysteriosas, continuou a encher os dois favos de mel, o mel vital em que entra muito da alma suave das mãis. Se as lagrimas lhe corriam em fios dos olhos, o leite entumecia-lhe apojadamente os peitos, extravasando como de dois vasos quebrados, e fazendo-a soffrer, não só porque recordava o

que se fôra, como ainda por lhe provocar dores incomportaveis e inflammação com ameaça de erysipela.

A familia recorreu á sucção artificial, essa, porém, não deu resultado, aggravando, ainda mais, o soffrimento. Foi, então, que alguem se lembrou de que na vizinhança, em certa estalagem, havia uma pobre mulher, enferma, cujo filho ia perecendo á mingua, tão desnutrido por miseria que, com quatro mezes, não chegava a pesar tres kilos, em ossos e pellancas.

Ao receber a criança — tal era o seu aspecto langanhento, tal era o mau trato que se lhe notava, não só nas vestes como no proprio corpo molle e livido — a minha parenta teve asco de achegá-la ao collo e dar-lhe o seio á boca. Se o fez não foi por piedade do inanido, mas como se applicasse um remedio repugnante para allivio das dores que a torturavam.

Passando da miseria de um collo estanque á fartura de dois peitos transbordantes tal foi a transfiguração que em uma semana se operou na criança que a mãi, ao vê-la, acreditou em um milagre, não podendo attribuir tal viço a forças do leite humano.

E a minha parenta começava a afeiçoar-se ao pequenito, que se tornava lindo, quando, um mez ou pouco mais depois de o haver tomado, sentiu que o amor entranhadamente se lhe transmudava em vida, começando, desde logo, o pequeno a soffrer a influencia do *outro*, do que se gerava, e tal foi ella que, se o não desmamassem, aquillo mesmo que o resuscitara te-lo-ia matado. Em tal caso não foi o ciume da mulher, não foi a alma materna que se insurgiu contra o intruso, foi o proprio corpo que se negou a dar a outrem o que pertencia unicamente ao novo ser que nelle se gerava. Foi a natureza a envenena-

dora, foi ella que, em beneficio proprio, transmudou o elixir de vida em philtro de morte.

Se assim procede instinctivamente a Natureza, como queres tu que a Mulher tenha outro procedimento? A mãi é a defensora do filho, contra tudo e contra todos. Madrastas e amas, ainda as melhores, são, para enteados e crias o que são as tinas para plantas. Tiradas do viveiro onde nasceram e postas em vasos as plantas não medram, tudo têm por medida: desde o ambiente, onde não se podem desenvolver, até os elementos que lhe dão viço — o ar, o sol, a chuva, dos quaes apenas gosam quando algu'a mão bemfaseja as tira da sombra em que se estiolam.

Queres o meu conselho? cuida, tu mesmo, da tua planta orfan, fazendo do teu coração o vaso em que ella viva. Quanto ao mais... tu o disseste: a vida é governada pelo instincto. Se assim é, meu amigo, resignemo-nos, nada de attentarmos contra governos, como fazem os revolucionarios.

ofo

UM CASO DE LOUCURA

— Quer o amigo a minha opinião? O Dr. Clarimundo está doido.

— Doido varrido, senhor vigario. Varridissimo! Digo-lhe mais: doidos estão todos: elle, a menina, os pais da menina... Todos! Onde se viu uma coisa Assim? Um homem quasi septuagenario (porque o Clarimundo é mais velho do que eu uns oito ou dez annos. Eu ainda estudava preparatorios quando elle se bacharelou em S. Paulo, e eu já estou com cincoenta e seis feitos) casar-se com uma menina de dezoito annos? Só de doido.

— Ou amor, quem sabe lá. Dizem os poetas que o coração não envelhece. Que é assim como uma bóia, que fluctua no Tempo, que é o oceano da vida.

— Qual bóia, senhor vigario. Deixemo-nos de poesia. A velhice, quando chega, entra-nos por todo o corpo, nada lhe escapa. Isso de bóia póde ser muito bonito em versos, na realidade é uma historia. O que elle está é caduco, sem tento na bola, isto sim. Vossa Reverendissima não imagina como eu fico quando o vejo ao lado da tal menina. Porque, babão, como está, o coitado deu em andar com ella, levando-a a toda a parte: a chás dançantes, cinemas, theatros, clubes de *football* e até ao Copacabana... Esteve lá com ella, em um baile carnavalesco, fantasiado de

urso. De urso! senhor vigario. Faz pena vê-lo tropego, arrastando os pés, a acompanhar os passos ageis daquella mocidade trefega. E o que se murmura quando elles passam, os commentarios que fazem! Eu sei que esse casamento é um arranjo, porque Clarimundo tem alguma coisa, isso tem. Mas com que cara se apresentará na sociedade esse infeliz ao lado da mulher? Então esse homem não vê o ridiculo a que se vai expor e o abysmo em que vai cahir? Vai ser um escandalo. Eu já recebi a participação do contracto nupcial. Não respondi, nem respondo. Não posso felicitar um homem que me communica a sua desgraça. Seria o mesmo dar parabens a alguem que me mandasse aviso da sua resolução de suicidio. E é o que vai ser esse casamento — um suicidio, escreva o que lhe estou dizendo. Um suicidio ridiculo.

— Quem sabe lá!

— O que, senhor vigario!? Vossa Reverendissima ainda tem duvidas? Gallo velho não canta, e, fazendo força, rebenta, estoura. E' o que vai acontecer. Vossa Reverendissima ha de ver.

— Gallo velho não canta... mas dá bôa canja, affirmou o vigario sorrindo maliciosamente.

— Ah! sim, isso dará, canja gorda: uns quantos predios, apolices, o monte-pio e outras achegas. Quanto a isso não ha duvida. Mas, aqui entre nós, V. Reverendissima não acha que é uma pouca vergonha? O juiz até não devia consentir em tal casamento quanto mais em faze-lo. Vai-se dar com o Clarimundo o caso da panella de barro. V. Reverendissima conhece, com certeza, a fabula das duas panellas, uma de ferro, outra de barro. Tendo de descer um rio propoz a panella de ferro á de barro ajuntarem-se, porque, unidas, resistiriam mais a correnteza. Aceita a proposta lá se foram as duas aguas abaixo; no primeiro

rebojo, porém, foi a panella de ferro sobre a outra e com o choque desfez-se a de barro em cacos, cacos que foram logo ao fundo. E' o caso que se vai dar com o Clarimundo, que é uma panella de barro, velha e rachada.

— Mas o caso a que me refiro é outro. Não é pelo casamento que eu o tenho por doido, é por outra coisa, explicou o vigario.

— Por outra coisa?! Pois ainda ha outra coisa?

— Sim, ha. Ficou-se o vigario um tempo, de olhos baixos, pensando; por fim falou: Olhe, eu lhe vou contar, porque não é segredo. Não foi no confissionario que o ouvi, mas na sacristia, em presença do coadjutor, do sacristão e de umas senhoras que lá estavam, e para senhoras, o amigo sabe, não ha segredos.

— E que foi?

— Foi o seguinte. Depois de fungar gostosamente uma pitada e de passar e repassar pelo nariz o vastissimo alcobaça, espalmando as mãos nos joelhos e inclinando-se para o Lauriano, disse pausadamente o vigario: Procurou-me o Dr. Clarimundo e, na sacristia, emquanto eu me paramentava, encommendou-me seis missas, das quaes duas seriam no altar mór. Naturalmente perguntei em intenção de quem ou de que queria elle rezadas taes missas, e elle sahiu-se com esta que, se não fosse delle, que é um homem serio, eu teria tomado por troça de gaiato.

« Senhor vigario, a vida está se tornando cada vez mais difficil. Por mais que um homem se esforce não consegue fazer sequer para a boca. Tudo augmenta á medida que diminue: as casas de hoje são verdadeiros cochicholos e custam os olhos da cara; o pão não dá para o buraco de um dente e vende-se a peso de ouro; a roupa é de má fazenda

e justa, ou curta, se é de senhora. Um costume dá-nos pannos para mangas; de um vestido que não chega com a barra aos joelhos isso, então, não se fala. Para attender á crise, os patrões augmentaram o salario do operariado, o commercio melhorou os vencimentos dos empregados e o governo decretou a tabella Lyra em beneficio do funccionalismo. Até aqui muito bem, mas... e o resto? Tempo é dinheiro, como dizem os ingleses, que, nisso de dinheiro, falam de cadeira. Pois bem, esse dinheiro que corre em toda a parte e que não se falsifica, não teve augmento algum, nem de um segundo. Porque? porque, para augmentá-lo, não têm poder os homens, ainda que adiantem os relogios, como fazem patrões e o governo, porque todos esses augmentos concorrem tanto para melhorar a vida como o adiantamento dos relogios para dar mais extensão ao Tempo.

— Eis um raciocinio que não parece de louco.

— Sim, não parece. Mas continuando: «Para augmentar o Tempo só Deus. E' isto que eu venho pedir a V. Reverendissima que faça nas seis missas que encommendei.

— Isso, que? indaguei.

— Que V. Reverendissima requeira a Nosso Senhor o augmento de alguns minutos nas horas do dia e da noite. Sessenta minutos não bastam. Que Elle augmente uns trinta por cento ao menos e ficaremos com mais algumas horas para o trabalho e etc.

Encarei o pobre homem verdadeiramente penalisado. Notando, porém, que elle tirava a carteira para pagar-me adiantadamente as missas, oppuz-me ao gesto: «Olhe, meu caro Dr. Clarimundo, se quer que lhe diga, acho que Nosso Senhor não attenderá ao seu pedido.

— E se as missas forem com orgão e uma de *Libera me...?*

— Nem assim. O senhor comprehende que esse augmento de horas vem atrapalhar a vida do planeta sem resultado pratico para os homens, porque, como as novas horas trarão mais tempo para trabalhos, esse mesmo tempo acarretará despezas novas e ficará uma coisa por outra, se não ficar a emenda peior do que o soneto, como nos está acontecendo com as melhorias alvitradas, que são como lenha lançada a uma fogueira, porque quanto mais se augmentam os vencimentos, mais se aggrava a crise. Deixemos o Tempo como está, senhor doutor. Deus sabe o que faz e dirige o mundo com mais tino do que os homens governam a Republica. Tabellas são pannos quentes que não resolvem difficuldades. Assim lhe respondi, como me cabia.

— E elle?

— Insistiu pelas missas.

— E V. Reverendissima?

— Eu? Que fazer? Vou rezá-las. Com malucos não se discute e que elle está doido... não ha duvida.

— Varrido, senhor vigario. Varridissimo!

A AMANTE

Ao sahirem da Brahma, onde haviam jantado, um lento e conversado jantar cortado a risos, quando lhes occorria alguma recordação do tempo alegre da vida em commum: Alvaro, na Faculdade de Medicina; Lucio, no jornalismo, postaram-se os dois á uma das portas, de charuto á boca, olhando os bondes que chegavam e partiam num movimento continuo de alcatruzes despejando e logo enchendo-se de gente.

Mulheres trefegas, muito encalamistradas, desciam léstas, sacudindo-se rebolidamente; ficavam um momento a olhar, como á procura de alguem, ajuntavam-se ás duas e ás tres, risonhas, e tomavam pela Avenida abaixo, á caça, acotovellando transeuntes, ás olhadellas cúpidas. Garotos apregoavam jornaes. Os autos, de lanternas fúlguras, estacionados em filas ou rodando vagarosamente, espreitavam freguezes. Os cinemas, com as fachadas accesas, pareciam arder.

Alvaro hesitava entre um delles e um theatro qualquer, pretexto apenas para passarem mais algumas horas juntos.

— Homem, queres que te diga? nem uma coisa nem outra. A noite está quente. Se déssemos um giro por ahi?

— Vamos a Copacabana. Não imaginas a saudade que tenho do mar...

— Pois vamos. Mas com uma condição: Nada de nos mettermos no *bar*. Aquillo é hediondo! Irrita-me. Eu, Prefeito, acabava com aquelle mafuá. E' uma profanação. Aquella gente que arriba da cidade para refrescar-se por dentro e por fóra, chalrando aos berros, esgargalhando-se escandalosamente; aquelles caixeiros pilherudos; aquella musica enfadonha... Horrivel! Copacabana devia ser reservada para a contemplação, um sitio de repouso, de extase — largo, sereno, com o infinito do oceano e do ceu para folga da imaginação... e é aquillo: a balburdia. Quando me dá na cabeça lá ir sabes que faço? subo a Avenida Niemeyer, metto-me num palhiço que ha na barranca e ali fico horas e horas com um copo de cerveja, fumando, a olhar o oceano, onde a esteira do luar parece um grande peixe adormecido á tona das aguas. Tenho horror á multidão. Na praia, com aquelle ir e vir de povareu, com aquelles automoveis apinhoados de gente, como em corso carnavalesco, com os idyllios no areal e todo aquelle casario pretencioso, de janellas abertas sobre salões muito illuminados como vitrinas... Não sei... Sou homem da quietação, do remanso, da solitude, como diria um poeta.

— Falas assim porque vives aqui. Dois annos de provincia curavam-te de tal phobia. Podes lá imaginar o que é um homem viver em uma cidadezinha do interior, assediado pelo silencio, sem distracção a não serem, de quando em quando, um baile, um circo, uma festa collegial com discursos e recitativos ou o joguinho morrinhento no club? E' de arrasar, meu amigo. A's oito da noite a vida estanca. Cahe pesadamente o silencio e os «nocturnos» de Rostand tomam conta da scena: são as corujas, são os morcegos e os sapos rezando gargarejadamente nos aguaçaes. Aqui, não. Aqui é isto. Com esta illuminação maravilhosa a noite aqui, dá-

me a impressão de um dia trocado em miúdos. Em vez da claridade solar, uma nota unica, essa profusão de lampadas, como moedas espalhadas num tapete escuro. E o movimento prosegue, a vida continúa. Eu sinto necessidade disto: deste rumor, desta lufalufa. A provincia enerva. Não imaginas como me ataranto nas ruas. Estou como um homem que se houvesse levantado de uma paralysia e recomeçasse a andar e, demais a mais, tonto, acanhado, canhestro: um verdadeiro matuto. Vexo-me de tudo. Se entro em um hotel, em um café julgo estar sendo notado, observado por todos, commentado, analysado dos pés á cabeça e enfio, perco até o geito de andar. Decididamente acabo mudando-me para cá.

— Fazes mal. A vida aqui está se tornando impossivel, cada vez mais apertada. Medicos, ha-os por ahi ás centenas, rondando Ministerios á cata de emprego... E todos os annos são novas fornadas. Lá, tens a tua clinica e ainda attendes a chamados de fóra porque, segundo me disseram, és o cirurgião preferido na zona. Sempre tivestes geito para cortar. Quando estudante eras a primeira tesoura da Faculdade, é natural que, como operador, sejas um bisturi perito. Vocação de talho.

Nada de fantasias, meu caro. Deixa-te estar onde estás. Trata de enriquecer, casa-te com uma herdeira de cafesaes e quando tiveres fortuna vem, então, tentar o exito, mas escorado por um capital. Eu sei que isto seduz, não digo o contrario, mas seduz como amante, entendes? Para vida de familia, deixa lá! não ha como uma cidadezinha provinciana: quieta, modesta, sem vicios. Arranja-te primeiro, depois... faze lá o que te der na cabeça. Pobre, meu velho, não te aconselho. O Rio só com muito dinheiro.

— De accordo. Tens razão. Lá fóra nada me

falta, mas... que diabo! não é só trabalhar. Preciso gosar um pouco.

— Eu, é como vês... Labuto de sol a sol, como um mouro e não passo da cepa torta. Aqui não se economisa. Com amantes, como esta cidade, não ha meio de se ajuntar um vintem. Vai-se tudo e ainda se fica a dever. E' um inferno! Viver aqui sem dinheiro é supplicio igual ao de Tantalo, a menos que se não queira fazer vida de *gigolo*, á custa de expedientes.

— Eis o mal da cidade, o vicio que nella se adquire.

— Qual?

— O de querer enriquecer, seja lá como fôr. Todos aqui só me falam em dinheiro. E' a febre do arrivismo, a corrida aos milhões.

— Um esporte como outro qualquer.

— Eu, felizmente, nunca fui ambicioso: contento-me com o necessario.

— Ah! não és ambicioso?

— Não. A felicidade para mim, consiste em ter a gente o bastante; o excesso incommóda, traz preoccupações. Os ricos não conhecem a felicidade. Exemplo disto dá-nos a fabula do argentario e o sapateiro, de La Fontaine. O desejo é que faz a ventura.

— Pois sim!

— E' como te digo. Os que vivem na montanha não gosam o panorama e os quadros que ella offerece, estão fartos de os ver e passam por elles com indifferença. Os que lá vão a passeio, com uma matalotagem de pique-nique, esses é que lhe apreciam as bellezas, penetram sitios reconditos, correm a floresta, abeiram-se dos abysmos no fundo dos quaes escachôam riachos, param diante de uma aguazinha que se despenha de rochas, enlevam-se em uma clareira e, descobrindo, ao longe, a cidade por uma

aberta do arvoredo, rompem em exclamações de enthusiasmo. E o montanhez? o montanhez acha-os até ridiculos. Assim os ricos: têm tudo, menos o principal, que é o desejo.

— Preferes a pobreza?

— Sem duvida.

— Influencia de Aristophanes ou de Jesus. Pois, meu amigo, eu quizera-me com os milhares de Ford, e se ainda pudesse dobrá-los, melhor seria.

— Ford, Rockfeller, Carnegie, todos esses açambarcadores de ouro, que têm elles mais do que nós?

— Dinheiro.

— E' pouco.

— Achas?

— Não têm uma cellula mais do que o mais vil mendigo.

— Ahi vens tu com a anatomia.

— E' verdade. Vivem encerrados em minas de ouro. Presos. Nós, não. Nós temos o desejo, que é um horizonte largo.

— Horizonte de praia. Elles têm a ambição, que é o horizonte no oceano.

— Compra o pobre ao rico. O pobre planta uma arvore no seu quintalejo, trata-a desveladamente, não deixa nella um parasito, rega-a, aduba-a, acompanha-lhe o crescimento e no dia em que nella descobre a primeira flor... isso é uma festa! Vem por fim o fruto pequenino, sazona, amadurece e o homem colhe-o cantando. E esse fruto sabe-lhe como nenhum outro, por ser bem seu, da arvore que elle plantou e que tanto lhe custou pôr a medrar. E o rico? O rico olha do seu automovel os frutos expostos em pilhas á porta de um armazem. Desce, paga-os, entrega-os ao chauffeur e, á mesa, come-os

dissaboridamente, sem saber de onde vieram, que arvore os produziu, que mãos os colheu. Riqueza é coisa que não me preoccupa. Contento-me com a vida que me deu o Senhor. Ninguem vive um millesimo de segundo mais dentro de uma hora, não é verdade? Para que milhões?

Lucio acenou alegremente a um rapaz de branco que estacara no passeio, além da arcada, movendo a cabeça em gesto interrogativo.

— Nada, por emquanto, bradou-lhe. E a Alvaro: Um instantinho... Espera...

Um bonde aproximava-se. Rapido, num salto, elle atravessou os trilhos ao encontro do homem, que o esperava.

Alvaro elevou o olhar, como a seguir um pensamento e estava assim distrahido, a assobiar baixinho, quando um velhote, renteando vagarosamente o edificio, parou diante delle, com um sussurro humilde, a offerecer-lhe cem contos. Recusou: o bilheteiro insistiu citando numeros de palpite. O medico cedeu por fim e justamente o velhote recolhia o dinheiro, com agradecimento: «Deus lhe dê a sorte, senhor doutor. Bôa noite», quando Lucio tornou á porta. Encararam-se os dois, sorrindo:

— Cem contos hein? Bôa propaganda da pobreza, não ha duvida.

— Pensas que comprei pela sorte? Comprei de pena do pobre velho.

— Bem sei. Caridade pratica, com probabilidades de fortuna. Emprestas a Deus com juros de avaro. Não te condemno, porque eu tambem jógo na loteria, com uma differença apenas — é que eu o faço pelo dinheiro e tu pela piedade. Modos de ver. No fim dá certo. E batendo-lhe no hombro: Está ali um *taxi* decente. Vamos tomá-lo. Começas a viciar-te,

meu caro. Se te demoras mais uns dias aqui acabas jogando no bicho e tomando cocaina. São as amantes que nos viciam e esta cidade é uma amante perigosa, perigosissima! Cuidado com ella e se a quizeres ter por tua faze o que Iago aconselhava: «Mette dinheiro no bolso, muito dinheiro. Vamos tomar o *taxi*.

UM EXCENTRICO

De Carmelo Vampa não se poderá dizer que tenha sido estragado pela «van philosophia», porque, detestando os philosophos, nunca os leu.

Carmelo nasceu sceptico, como um fruto nasce azedo. E' um homem impassivel; nunca chorou nem riu, sorri apenas, pretexto para mostrar os dentes. Tanto se lhe dá que o dia amanheça luminoso como que venha nublado ou desfeito em aguaceiro. Encara todos e tudo com indifferença. A belleza não o attrahe, a hediondez não lhe repugna; a alegria não o excita, a dor não o commove. Passa por um heroe com a mesma despreoccupação com que acotovella um bandido.

«Não faz por viver, diz elle, deixa-se ir na vida.» E explica:

«A vida é um rio, não é verdade? Para que nadar, fatigar-me, se a correnteza me leva? Deito-me, cruzo os braços e, boiando, vou indo, de olhos no ceu, até a cachoeira que me ha de despenhar no abysmo, a mim, a todos e a tudo. Os nadadores acreditam que vencem, a braçadas, a força das aguas. Cançam-se, apenas, esfalfam-se em vão porque, quando entram no rebojo tragico, na inevitavel attracção, por mais que lutem nada os salvará. Eu, não. Deixo-me ir.

Se valesse a pena viver, emfim, é possivel que eu tentasse agarrar-me a alguma raiz, alcançar uma barranca, tomar pé em algum ponto, mas francamente... isto não me seduz. Estou farto.

Que fazemos nós senão marcar passo, afundando, com os pés, a cova em que nos havemos de enterrar? O que vejo hoje vi hontem e verei amanhan e sempre. A monotonia aborrece. Felizes são os ephemeros, esses, sim: gosam intensamente. Lembro-me de haver lido em uma selecta franceza a historia de certos insectos das margens de um rio da Asia que vivem apenas um dia. Eis uma vida, vida solar, contada a horas. Em um dia vive-se, meu amigo, o mais é repiso, mesmice, remoalho. Não vale a pena, francamente.

Tenho a minha mesa cheia de cartões de «bons annos». Anno novo... Que é isso? A eternidade é immutavel. O symbolo da vida é a pendula: idas e vindas no mesmo andito. E ha coisa que mais aborreça do que esse movimento iterativo, com o tic-tac invariavel dos segundos que cahem? A vida, para mim, é isto, esta casa onde moro ha vinte e cinco annos. Conheço-a toda, desde o extremo da chacara até o portão da frente e, no predio, canto por canto — salas, quartos, corredores, escadas, socavãos. Nella passo os dias e as noites, abrindo e fechando portas e janellas, recorrendo a moveis, deitando-me na cama para dormir, sentando-me à mesa para comer, executando automaticamente todos os actos dessa especie de sentença a que chamam vida, actos que hei de executar até que me deite para dormir o bom somno.

Depois o rumor, meu amigo, o rumor...! Como póde um homem concentrar-se, sentir-se em si com essa atroada das ruas, assedio tremendo de ruidos, desde o pregão dos ambulantes até as detonadoras

descargas e as azoinantes buzinas dos automoveis e ainda, lá por cima, a trepidação dos aeroplanos; sem falar nas varias vozes de homens e de animaes, nos estrondos das pedreiras, nos retumbos dos caminhões que passam abalando os predios, nas vociferações dessas bocarras de lata que berram das sacadas dos predios, do fundo das lojas e até dos telhados. E' horrivel!

— Horrivel...! Tudo é questão de habito. Imagina que, apezar do teu apego felino a este casarão, que tresanda a seculos, resolvesses mudar-te. Logo ao entrares em tua nova residencia não te assentarias tranquillamente á mesa de trabalho, nem te espicharias, com volupia, no teu divan ou na tua cama. Antes, terias de pôr os moveis em ordem, de arranjar convenientemente o teu interior, peça a peça, desde o salão até a cozinha. Só no teu escriptorio, com o que tens em moveis, livros, objectos de arte, gastarias nunca menos de uma semana, isso mesmo com auxilio de armadores habeis para o alfaiamento e de criados destros para o mais.

E o resto da casa? Durante dias andarias em verdadeiro atravancamento aos esbarros aqui, ali, transferindo objectos de um para outro compartimento, estudando disposições de moveis, de quadros, e mais isto, e mais aquillo. E terias de supportar estrondos de martelladas, rilhar de limas, arrastar de escadas, tinir de louça, ranger de portas e janellas perras, e passos, vozerio de trabalhadores indo e vindo, e até que se estabelecesse o silencio, para reentrares nos teus habitos de tranquillidade, muita agua havia de correr para o mar. Pois o que se daria se te mudasses de casa está se dando com todos nós no mundo.

A Guerra mudou-nos de um tempo moroso para uma éra infrene de grandes iniciativas. Se tanto

custa pôr em ordem uma casa, calcula o que deve custar fazer o mesmo ao mundo.

O rumor de que te queixas é natural: rumor de mudança. Quando tudo estiver em seus lugares, então, meu amigo, a vida será uma delicia. Por emquanto não ha remedio. Temos de sujeitar-nos ao atropello, ao atabalhôo, ao barulho, á desordem, emfim. Mas não tardam os dias serenos, com uma vida melhor, mais confortavel e ouso dizer — mais bella.

— As tuas razões não colhem. Em primeiro lugar porque, antes da mudança a que te referes, já eu me não sentia bem neste rame-ram, que achas adoravel. Quando aqui se falou — (até sabios do Observatorio entraram no coro) — na possibilidade de nos communicarmos com Marte, vencendo a minha antipathia a tudo que cheira a militarismo, fui logo tratando de arranjar as coisas de modo a poder partir no primeiro transporte, fosse elle qual fosse.

Em segundo lugar, meu amigo, porque nunca me mudei, ou melhor: nunca me occupei com mudanças. Moro, ha vinte e cinco annos, nesta casa, que achas hedionda, por não obedecer ao estylo colonial. Quando para aqui vim, enfarado de roça, encarreguei uma empreza de fazer-me a mudança. Emquanto arranjavam a casa, segundo as minhas determinações, li todo o *Rocambole* no Hotel das Paineiras. Só desci quando me levaram a conta da empreitada, entregando-me a casa prompta, com a despensa sortida e todos os criados em serviço. Não sei o que seja mudança e essa a que te referiste, que modificou fundamentalmente a vida, a mim não causou o menor abalo. Sou um homem deslocado, e, por isto mesmo, revoltado. Não me sinto bem em parte alguma.

— Mas, afinal, que queres tu?

— Sei lá! Quero viver onde se viva, avançando, onde se caminhe para diante e não se ande em cir-

culo como ponteiro de relogio. Um dos «*Pequenos poemas em prosa*» de Baudelaire tem este titulo estranho:

«Any where out of the world» ou «Seja onde fôr, com tanto que seja fóra do mundo». Nesse poema o poeta interroga a propria alma entediada sobre o sitio na terra em que ella prefere viver. Tenho aqui o livro á mão. Ouve lá. Começa assim:

«Esta vida é um hospital onde cada doente só tem um pensamento: mudar de cama. Este deseja que o ponham junto ao fogão; entende aquelle que se o levarem para junto da janella logo se restabelecerá.

Eu creio que só ficarei á minha vontade no lugar onde não estiver e esta questão de mudança é uma das que eu mais discuto com minh'alma.»

E que responde a alma do poeta a todas as propostas de mudança que lhe elle faz? Responde-lhe com o titulo do poema:

«Seja onde fôr! Seja onde fôr! comtanto que seja fóra do mundo!»

Pois, meu amigo, assim respondo eu. Estou farto — farto de tudo! de tudo!

Disse, com amuo de asco, e foi dar corda á vitrola para ouvir um tango.

ℴ⫯ℴ

UMA SANTA

Desde a porta da rua, sempre sórdida, cascabulhada de rebutalhos hortenses: talos e folhas murchas de legumes, escoagem de balaios de peixeiros (porque a cozinheira, uma negraça anafada e falastrona, fazia as compras no corredor, de cocoras, com uma peneira ao collo, resingando enfesadamente), sentia-se no humido bafío que vinha do interior o cheiro morno de incenso.

A casa, pela insistencia das defumações, que a abrumavam, rescendia como uma capella. O aroma, porém, contrastava com o desleixo. O soalho negro cascarrava-se em placas de sujeira; as paredes, escalavradas, abriam-se em frinchas e tinham laivos de humidade; quadros reles pendiam d'esguelha, desaprumados; os moveis branquejavam de pó; louça servida, avoejada de moscas, que enxameavam em restos de comida e cascas de fruta, espalhava-se na mesa e nos aparadores. E papeis amarfanhados pelo chão, pannos tisnados sobre as cadeiras.

No lustre azinhavrado marinhavam aranhas urdindo teias; outras corriam espernegadamente pelo tecto de angulo a angulo, porque D. Justina não consentia que as espanassem, certa, como affirmava, de que taes insectos davam felicidade. Demais, que lhe importavam os bichos, se não a incommodavam? Eram criaturas de Deus. Que vivessem!

Em toda a pequena rua, pobre e quieta, rua em que andavam gallinhas soltas, mariscando nas sargetas, ciscando em montoeiras de lixo, commentava-se, com veneração, a vida da piedosa senhora. «Aquella está com o ceu garantido, diziam. Uma santa!»

Posto que ainda conservasse no rosto alvo, de pallidez ascetica, uma triste belleza, sem uma ruga, sem um fio de cabello branco e os olhos admiraveis, grandes, negros, languidamente adormentados á sombra de cilios longos, não cuidava de si, alheada do mundo, certa de que a mais leve concessão que fizesse á moda compromette-la-ia perante Deus.

Não deixava o trajo negro — vestido escorrido, mal descobrindo os pequeninos pés que ella, propositadamente, calçava em sapatos rasos, de salto baixo; á cabeça uma capota, ao braço uma bolsa ancha onde mettia atafulhadamente coisas de devoção e dadivas esmoléres. Nada que lhe pudesse realçar as linhas do corpo, revelar-lhe as fórmas: tudo simples, severo, humilde.

Na rua era sempre de olhos baixos, com as Horas aconchegadas ao collo, em defesa do coração, e balbuciando rezas.

Ao passar de leve, como uma sombra, crianças sahiam-lhe ao encontro tomando-lhe a mão para beijarem; os vizinhos cumprimentavam-na respeitosos e ficavam entredizendo-se: «Lá vai ella, coitada! Não pára!» Só o taverneiro da esquina, typo suino, de pança ao léu, bufando fervores d'alcool, resmungava, inchando o papo rubro, quando a avistava:

«Lá vai a barata de sacristia, a sonsa. Fiem-se nella! Aquillo, mais hoje, mais amanhan está ahi comadre de algum padréca. Conheço-as pela pinta! Oh! se as conheço! Para cá vêm de carrinho. E deixem lá que não é nenhuma cróia. Isso não é. Quizesse ella vestir-se... Eu, cá por mim, digo — se me

dessem a escolher entre ella e a filha, ficava-me com ella, deixando a lambisgoia para quem quizesse.»

Rezas sabia-as como um livro, e para tudo: desde ladainhas até orações contra doenças e males de olhos — sezões, erysipela, quebranto; e para ajudar a morrer, e para alliviar parturientes em casos atravessados, até para conjurar raios, nas tempestades, accendendo, com a mesma intenção, um côto de vela do Santo Sepulcro e queimando palma benta, do que tinha sempre farta reserva a um canto do quarto.

Levantava-se ainda com o escuro para a missa das seis. Ao bater da meia noite de quinta feira, houvesse o que houvesse, ninguem lhe arrancava palavra. Concentrava-se para varrer a consciencia, ajuntando tudo que lhe parecesse sujeira da alma para despejar no confissionario, limpando-se escrupulosamente afim de receber, na communhão, o corpo do Salvador.

Em casa era sempre a repassar rosarios — e quantos eram elles! — de Jerusalém, de Lourdes, da Apparecida, do Senhor do Bomfim — e só tomava café (isso nos dias que não eram de preceito, nos quaes observava rigoroso jejum) — depois de uma enfiada de jaculatorias rezadas de joelhos diante do oratorio, dia e noite alumiado por uma lamparina de azeite ou a velas de cera em certos onomasticos de grandes santos.

Volta e meia era alguem a procurá-la em afflicção para uma prece a Deus, a Nossa Senhora ou a algum santo milagroso, por isto ou por aquillo. E ella, piedosamente:

«Vá, vá com Deus! Vou fazer o que pede. Tenha fé». E suspirava compadecida, quando não recorria á bolsa, escolhendo, entre medalhinhas e bentinhos, o que mais conviesse ao caso, ajuntando, ás vezes,

uma moeda para o pobre de Christo, dizendo em si mesma: «Deus não me ha de faltar com a sua graça. Assim como agora faço por um que precisa, assim Elle fará por mim em caso de necessidade». A's vezes, noite alta, a campainha da porta retinia. Era gente a chamá-la para alguem que se achava nas ultimas, e lá lhe recordava a oração dos agonisantes, ou para uma pobre coitada em apertos de maternidade. E fizesse o tempo que fizesse não se recusava ao sacrificio e ficava de guarda ao morto ou regressava cançada, tresandando a remedios, «empestando a casa com porcarias que trazia dos cafundós e bibocas onde se mettia», como resmungava a filha com amúos de nojo.

O marido levantava-se da cama irritado, accendia um cigarro e, perlongando o quarto, descalço, desabafava:

«Isto não tem geito. Afinal de contas você não é irman da caridade. Não sei que parece andar uma senhora a estas horas da noite por ahi em estalagens e casas de commodos. Não é direito.»

De cabeça baixa, calada, ella continuava a vestir-se e sahia com a pessôa que a procurara.

Só em contribuições de caridade esgotava-se-lhe a maior parte do dinheiro que lhe dava o marido para as despezas domesticas e ahi pelos vinte do mez começavam os recursos do expediente — era o caderno do armazem, eram notas para o açougue, assentamentos da quitanda e da padaria, compras a prazo aos ambulantes e, por abuso da filha, que se aproveitava do jubileu do «credito», tambem encommendas no armarinho da turca — tecidos, rendas, miudezas, vidros de cheiro. E os cobradores faziam má cara quando os despachavam á porta, emprazando-os para o principio do mez. Era a desordem. Tomando-lhe as praticas religiosas o melhor das horas

não lhe sobrava tempo para cuidar da casa, que andava á matróca.

As criadas — a cozinheira e a arrumadeira, negrinha sapéca, que gostava muito de bailes — viviam em desmandada calaçaria na cozinha, rindo ás cachinadas, ao recontarem-se scenas das sociedades de dança que frequentavam, escandalos relamborios da malandragem da zona.

A filha — dezoito annos viçosos e muito livres — era todo o santo dia a pensar em divertimentos. Na cama, abraçada com o travesseiro fôfo, rebolcando-se voluptuosamente nos lençóes mornos, recapitulava, em enlevo, as noitadas de cinema e baile. Tomava o café, lia os jornaes — apenas as secções mundanas e os programmas de *films*; fazendo projectos para a tarde e a noite. Conhecia todos os artistas de cinema, sabia-lhes a chronica; tinha os seus idolos entre homens e mulheres, suspirando por uns e invejando outras. Cortava-lhes os retratos de revistas, collocando-os em albuns, que constituiam a sua bibliotheca.

Levantava-se amollecidamente ahi por volta das onze, descia para o banho, ainda preguiçando, bocejando e, emquanto se enchia o banheiro, sentada em um dos bancos da cozinha, ficava de prosa com as criadas, coscovilhando escandalos: casos de namoro e outras malicias do bairro.

Ao sahir dagua almoçava ás pressas, dissaboridamente e ia-se metter no quarto e, em camisola, pisando, a pés nús, os tapetes, com volupia felina, cantarolava coisas de jazz, fazendo os arrebiques faceiros — lubrificação da pelle com electuarios e cosmeticos, trato das unhas, raspagem de pubescencias, afinamento em curva das sobrancelhas, côr ás faces, *rouge* aos làbios, negror aos cilios, sombra ás olheiras, mirando-se, remirando-se horas e horas até que

a chamavam para o lunch, se o não levavam ao quarto.

Depois era a lenta, trabalhosa escolha da toilette para o passeio á praia ou um pulo á cidade a compras de ninharias, pretexto apenas para bater a Avenida, mostrar-se, ser citada na lista das elegantes, photographada num instantaneo. A' noite, infallivelmente (salvo se tinha convite para alguma festa) era o cinema no bairro ou na cidade com amigas e adherencias do outro sexo.

O homem esbofava-se no trabalho, topando a tudo. Para elle não havia domingos nem dias santos — era, da manhan á tarde e depois, em casa, pela noite a dentro, ás vezes até a madrugada, a escrever, a sommar parcellas, a corrigir contas, fumando cigarros sobre cigarros.

Além do que tinha como guarda livros da firma Mendonça, Aroeira & Cia., ainda tomava escriptas para fazer em casa, encarregava-se de balanços, de exame de livros e dava uma aula de escripturação mercantil em um curso nocturno. Nem assim conseguia equilibrar «a balança economica». O peso da casa augmentava sempre, dando-lhe frenesis, pondo-o de mau humor, embezerrado á mesa. E augurava sombrio:

— Se eu caio de cama não sei que será desta casa. Porque é preciso que saibam: eu vivo do que faço, e só. Não pensem que tenho dinheiro junto. E' demais! Eu fico doido!

Uma noite, ao entrar do curso, com os pés encharcados da chuva, a cabeça a estalar de enxaqueca, achou sobre a mesa de cabeceira um enveloppe atochado de contas. Examinou-as uma a uma, arregalando os olhos, retrincando os beiços, fulo de raiva. De repente, amarfanhando a papelada, desceu a escada e, na sala de jantar, encontrando a mulher a cabecear de somno, na cadeira de balanço, com o rosario entre

as mãos e a filha amuada a um canto, resmungando contra o mau tempo, «sempre aquella chuva, aborrecida, que a não deixava sahir», explodiu:

— Que contas são essas? A mulher levantou mansamente os olhos estremunhados, encarou-o um instante e baixou de novo a cabeça, remoendo o terço. Mas que faz você do dinheiro que eu dou para as despezas? Pois então.... e engasgou colerico, escarapellando-se agatafunhadamente, a andar pela sala a duras passadas, de mãos ás costas, engrolando resmungos.

— Não! Isto não está direito! Assim não é possivel! Não ha quem aguente uma coisa assim. Voltou-se de golpe para a filha, interpellando-a com aspereza:

— E você? Porque não toma você conta da casa? A moçoila franziu o rosto em rictus escarninho, espocou um muchôcho, a subitas, porém, aprumando o busto, encarou-o como a desafiá-lo:

— Ah! agora é commigo?! Eu é que hei de tomar conta da casa? Quem sabe!

— E porque não? Não é só cuidar de pinturas, de cinemas e de bailes por ahi. Que faz você aqui dentro?

— Que faço...? Se sou de mais, se lhe peso, ponha-me na rua, respondeu com indifferença, cruzando a perna, a sacudir o pé, nervosa. E sorria balançando a cabeça, d'olhos no lustre. Elle mastigou em secco, contendo uma resposta atrevida. E a filha, no mesmo tom desprezivel:

— Olhe, entenda-se com mamãi. Se, em vez de andar pelas igrejas, mettida com padres e beatas e ahi por esses cortiços a cheirar defuntos, cuidasse das suas obrigações, ninguem teria razão de queixa. Mas é o que se vê. O dinheiro...! Quem sabe se o senhor pensa que o gasto commigo? Não tenho um vestido

que preste, uso uns chapeus que até me fazem vergonha, sapatos... e estendeu o pé, mostrando-o. O dinheiro vai-se todo em esmolas por ahi. E com ironia ferina: Fale com a santa! Commigo, não.

D. Justina olhou para a filha, balançando a cabeça, sentida da mordacidade; depois, levantando o olhar, como se buscasse o ceu, murmurou:

— Deus que me julgue! Sou culpada... pois sim. O homem relanceava de uma a outra olhares airados. Por fim, abrandando-se, com pena da mulher, cujos olhos lindo começavam a marejar-se, concluiu:

— Eu só digo que não sou de ferro. Abusem... abusem e depois não se queixem. Se eu estourar, minhas amigas..., curvou-se e, estalando a unha do pollegar nos dentes, concluiu: acabou-se!

Arrepanhou as contas e foi-se escada acima, batendo os pés; despiu-se e, de pyjama e chinellas, metteu-se no quarto desarranjado, onde trabalhava numa barafunda de roupas, pilhas de jornaes e revistas, caixas de chapeus e duas cadeiras desconjuntadas, com a palha rota, espipada.

A mulher seguiu-o em passos surdos, achegou-se-lhe humilde e, muito branda, roçando por elle, pediu:

— Não sejas assim aspero com tua filha. E' moça, está na idade.

Elle voltou-se enfuriado:

— Ahi vens com os pannos quentes. E' por essas e outras que ella está assim. Moça...! Está na idade...! Idade de que? Outras ha, mais moças do que ella, que vivem por si, do seu trabalho. E ella? Nem para te ajudar no governo da casa. E' dormindo até ás tantas; é por ahi em bailes, em cinemas, desmoralisando-se. Pensas que o mundo é cego? E é assim que ella espera achar marido? Ha de achá-lo! Um homem de juizo não quer saber dessas «*pintu-*

rinhas» que batem calçada e assignam ponto em cinemas; quer mulher que entenda do governo de uma casa, que saiba economisar o que é seu. Tu tambem foste moça, e bonita... Um relampago na memoria illuminou o passado e elle quedou, como deslumbrado, de olhos fitos no rosto pallido da mulher. E ella, com a sua doce voz acariciante:

— Sim, mas no meu tempo, os costumes eram outros...

— Eram outros, eram...

— Mas não te amofines, e encostando-se-lhe ao hombro, alisando-lhe os cabellos de leve, de vagarinho: Falas em doenças... Deus é grande! Foi como se o houvessem espetado. Poz-se de pé, repellindo a cadeira e desabriu:

— Deus é grande! Deus é grande! E' com o que lhe dás! Deus é grande! Mas quem se vê nos apertos sou eu, entendes? Eu é que me mato ao trabalho para não andar com a cara de rasto, perseguido pelos credores. Deus é grande, mas o burro de carga é que faz tudo. Estou farto dessa cantilena. Não ha ainda um mez que tirei o relogio do penhor e estou vendo que tenho de o levar de novo e com mais alguma coisa para pagar tudo isto, e, com um gesto largado, mostrou as contas sobre a mesa. Deus é grande!... Póde ser que seja para outros, para mim... D. Jesuina levou as mãos aos ouvidos para poupá-los áquellas heresias.

— Não fales assim, criatura. Isso brada aos ceus! Não exponhas tua alma, que o demonio anda em volta de nós e é por palavras como essas que nos arrasta ao inferno.

— Demonios...! Demonios bem sei eu quaes são! Os demonios do meu inferno... e atalhou a phrase com um encolher de hombros. Cruzou violentamente os braços: E, aqui entre nós, achas direito isso de

deixares as tuas obrigações para andar não sei por onde? Achas que o ser caridosa é uma mãi de familia desbaratar o pouco que tem, sacrificar a casa, tirar de si, do marido, da filha para espalhar por ahi á tôa?

— A' tôa! Como á tôa? São infelizes que precisam de nós...

— Ah! precisam de nós?! E a mim? quem é que me soccorre nas minhas necessidades?

— Tu tens a graça de Deus.

— A graça de Deus... A graça de Deus está aqui! e mostrou as mãos engelhadas em grifas. E' o que eu desunho no armazem, no curso e aqui até sei lá quando! Graças de Deus...! A bôa caridade começa por casa, entendes? Como queres tu que haja ordem se deixas tudo entregue ás criadas (porque a filha é o que vês) e só cuidas em rezas, em confessar-te, commungar, ouvir sermões e novenas, fazer quartos a defuntos, e não sei que mais...?

— Faço o que devo pela salvação de minh'alma.

— Pois, minha amiga, devias fazer tambem alguma coisa em beneficio do corpo. Eu não me casei para ter oratorio: casei-me para ter casa. Não busquei uma santa, mas uma mulher.

— E eu não faço o que devo?

— Tu?! Encararam-se e elle surriou um risinho sarcastico. Se queres que te diga... não chego a entender a tua religião.

— Por que?

— Porque... porque só vejo nella egoismo, porque só cuidas de ti, unicamente de ti. Tratas de ganhar o ceu como um naufrago que, embora veja outros em volta de si, lutando com as vagas, pensa apenas em salvar-se, pouco se lhe dando dos mais. Se Deus vê no fundo dos corações, minha amiga, acho que não te receberá de bôa sombra quando lhe

fôres prestar contas, porque, com toda a tua beatice, não fizeste outra coisa senão arranjar um lugar para tua alma no Paraiso. Não praticas a Religião desinteressadamente, por fé, nem a caridade por amor ao proximo, senão por interesse de lucro, como o usurario que empresta dinheiro a premio.

— Muito obrigada pelo juizo que fazes de mim...

— Sou franco, digo o que penso. Como dona de casa... Olha para isto, e girou com o braço em volta mostrando a desordem do quarto. E tudo mais é assim.

— Estás arrependido de te haveres casado commigo, não é? Mas dize: Não tenho sabido respeitar o teu nome? Já te constou alguma coisa a meu respeito? Fala! Encararam-se fito a fito e foi elle que desviou o olhar, dizendo com aborrecimento:

— Ahi vens com a eterna historia! Para vocês, mulheres, a virtude consiste apenas nisso. Não! Isso é tanto como um capital confiado a um depositario, presumidamente honesto. Se o desbarata, torna-se criminoso como o estellionatario; se o applica com intelligencia, em bons negocios, enriquece. E tu, que fizeste? (Ella mirava-o pallida, d'olhos apertados, mordicando os labios). Escondeste-o, como o avaro enterra o seu thesouro. Não o esbanjaste, é verdade, mas tambem não o aproveitaste.

— Que queres dizer com isso? Palavra que não te entendo...

— Não me entendes? Pois, minha amiga, eu não estou falando grego. A mulher que sabe viver póde auxiliar o marido sem prejuizo da honra. As notas sujam-se, rasgam-se, as libras esterlinas, que circulam mais do que ellas, porque têm curso em todo o mundo, valem o que pesam em ouro e, por mais que girem, passando de mãos de principes a mãos de carvoeiros, não se mareiam. Assim a virtude. E

tu? Que fizeste? Abafaste a tua mocidade, murchaste ao calor dos cirios e só conseguiste com isso ganhar fama de santa, santa milagrosa, mas só para os de fóra, porque aqui em casa os teus milagres custam-me os olhos da cara. Para ganhares o ceu fazes-me viver num inferno. E' verdade que o adagio diz que «santo de casa não faz milagre...». Estás com o adagio... Sabes que é isso? Vaidade.

— Vaidade?!

— Pois então? Cada qual tem a sua: umas, isto; outras, aquillo. A tua é a de ser santa. Ella teve um gesto manso de resignação:

— Está bem. Vejo que errei votando-me a Deus. Devia ter ficado entre os homens. Agora é tarde para reparar o meu erro. Estou velha. Uma coisa, porem, posso assegurar-te: é que se te não enriqueci tambem não te dei prejuizo, porque o capital... está intacto. E quantas, meu amigo, virtuosas como as taes moedas, por se metterem em operações atrevidas começaram perdendo e, com esperança de resarcir o perdido, tudo desbarataram! Não me faltaram propostas de negocios vantajosos, recusei-as sempre, para não tocar no dote que te trouxe e que era o nosso capital. Fui tola, confesso, mas agora...

Baixou a cabeça e, vagarosamente, curvada, sacudida a soluços, foi-se do quarto deixando o marido petrificado em arrependimento, evocando-a do passado, revendo-a nos dias da mocidade, linda, cheia de graça, cercada de adoradores, sorrindo a todos, como a luz brilha dentro de uma lampada de alabastro em volta da qual esvoaçam em enxames negros besouros attrahidos pela claridade, queimando-se, porem, se lhe chegam á chamma.

ꝋ

INDICE